



Pesquisa e Ensino de
História das Mulheres e do **Gênero**
16 a 19 de outubro de 2023 | UFSC

Manoela de Oliveira Veras

Katharine Nataly Trajano Santos

Elaine Schmitt

V JORNADAS DO LEGH | RESUMOS

V JORNADAS DO LEGH | RESÚMENES

1 ed.

**Florianópolis
UFSC**

2023



Pesquisa e Ensino de **História das Mulheres** e do **Gênero**

16 a 19 de outubro de 2023 | UFSC

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jornada do Laboratório de Estudos de Gênero e
História (5. : 2023 : Florianópolis, SC)
V jornada do LEGH : resumos [livro eletrônico] :
= V jornadas do LEGH : resúmenes / organizadoras
Manoela de Oliveira Veras, Katharine Nataly
Trajano Santos, Elaine Schmitt. -- 1. ed. --
Florianópolis, SC : Ed. dos Autores, 2023.

PDF

Vários autores.

Vários colaboradores.

Edição bilíngue: português/espanhol.

Bibliografia.

ISBN 978-65-00-83380-5

1. Mulheres - História 2. Mulheres -
Historiografia 3. Mulheres - Identidade
4. Temas transversais (Educação) I. Veras, Manoela
de Oliveira. II. Santos, Katharine Nataly Trajano.
III. Schmitt, Elaine. IV. Título. II. Título:
V jornadas do LEGH : resúmenes.

23-176806

CDD-305.409

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres : História 305.409

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Pesquisa e Ensino de **História das Mulheres** e do **Gênero**

16 a 19 de outubro de 2023 | **UFSC**

Realização

Laboratório de Estudos de Gênero e História (**LEGH**)
Universidade Federal de Santa Catarina (**UFSC**)

Apoio

Instituto de Estudos de Gênero (**IEG**)
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (**PPGICH**)
Programa Institucional de Internacionalização (**PRINT**)
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (**CAPES**)
Instituto de Estudos Avançados em Iniquidades, Desigualdades e Violências de Gênero e
Sexualidade e suas Múltiplas Insurgências (**CALEIDOSCÓPIO**)
Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (**FAPESC**)

Coordenação-Geral

Cristina Scheibe Wolff
Janine Gomes da Silva
Joana Maria Pedro

Arte e Diagramação

Elaine Schmitt
Manoela de Oliveira Veras
Katharine Nataly Trajano Santos

Comissão Científica

Joana Maria Pedro
Cristina Scheibe Wolff
Janine Gomes da Silva
Elaine Schmitt
Vera Gasparetto
Morgani Guzzo

Secretaria

Cristina Scheibe Wolff
Janine Gomes da Silva
Katharine Nataly Trajano Santos
Talita Fernandes Araújo
Vera Gasparetto
Luciana Pedrazzi Daer



Pesquisa e Ensino de **História das Mulheres** e do **Gênero**

16 a 19 de outubro de 2023 | UFSC

Divulgação e Comunicação

Elaine Schmitt
Manoela Veras
Isabela Rodrigues Regagnan
Helena Brandt Corrêa de Oliveira
Inara Fonseca
Veronika Leyes Decker
Morgani Guzzo
Julia Dias Lopes

Webtransmissão

Ailê Gonçalves
Luiza Machado dos Reis
Bruna Busnello
Julia Dias Lopes

Apoio

Projeto "MANDONAS: memórias, políticas e feminismos no Cone Sul (1980-2020)" financiado pelo CNPq, Processo nº Processo: 404662/2021-8



Projeto "A Internet como campo de disputas pela igualdade de gênero" financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC), edital 12/2020



Monitoria

Giovanna Trevelin
Bruna Busnello
Ana Clara C. Masiero
Ana Beatriz Rossi
Ândria Silva Sônego
Julia Dias Lopes
Manuella Chaulet Cardoso Ribeiro
Emili Marchiori
Hortencia Santos Oliveira
Leandro Silva de Aguiar
Tiago Gonçalves
Vit Tiscoski Ramos
Maria Lúcia dos Santos
Francesca Carminatti Pissaia
Thaís Lopes Medeiros
Wagner Cavalcante Farias
Marina de Oliveira Bortolatto
Luciana Pedrazzi Daer
Júlia Schuster Strack
Antonia Dnara da Costa Nascimento Lima
Gabriela Santana Alves
Emmanuela Harakassara Rodrigues de Lima
Latoya Lang Marques
Francisca Cibele da Silva Gomes
Liu Cerqueira Beier
Tamiris Serafim de Matos
Veronika Leyes Decker
Basualdo Ireneu dos Reis Gomes
Vanessa Chitolina
Katharine Nataly Trajano Santos
Isabela Regagnan
Francisca Cibele da Silva Gomes
Talita Fernandes Araujo
Luiza Machado dos Reis
Vanessa Picolli
Eduarda Lorencetti Queiroz
Melissa Hemming
Noelen Alexandra Weise da Maia



Pesquisa e Ensino de **História das Mulheres** e do **Gênero**

16 a 19 de outubro de 2023 | UFSC

Resumo

Em sua quinta edição, o Jornadas do LEGH traz o tema “Pesquisa e Ensino de Histórias das Mulheres e do Gênero”, tendo como proposta a valorização da Lei Estadual 18.22226/2021 sancionada pela Assembleia Legislativa de Santa Catarina, que inclui no currículo das escolas, como conteúdo transversal, a História das Mulheres do Campo e da Cidade de Santa Catarina. Nesse sentido, este caderno de resumo concentra os resumos enviados pelas/os participantes do evento, dividindo-os em doze simpósios temáticos que serão coordenados por pesquisadoras e pesquisadores que integram o Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH UFSC) entre outros grupos de pesquisa. A partir disso, visa-se possibilitar o intercâmbio de saberes e ideias, almejando à aproximação entre pesquisadoras/es de diferentes instituições que vêm se preocupando com as articulações entre feminismos, estudos de gênero, democracia no Cone Sul, mídias, universidade, raça, ensino de História, política e História das Mulheres.



Pesquisa e Ensino de **História das Mulheres** e do **Gênero**

16 a 19 de outubro de 2023 | UFSC

Apresentação

Este Caderno contém os resumos dos trabalhos apresentados na V Jornadas do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH). Esta edição tem como tema “Pesquisa e Ensino de Histórias das Mulheres e do Gênero”, tendo como proposta a valorização da Lei Estadual 18.22226/2021 sancionada pela Assembleia Legislativa de Santa Catarina, que inclui no currículo das escolas, como conteúdo transversal, a História das Mulheres do Campo e da Cidade de Santa Catarina.

Visamos possibilitar o intercâmbio de saberes e ideias, principalmente almejando à aproximação entre pesquisadoras/es de diferentes instituições que vêm se preocupando com as articulações entre feminismos, estudos de gênero e democracia no Cone Sul, além das conferências, mesas-redondas, lançamento de livros e outras atividades, a programação contará com Simpósios Temáticos.

Os Simpósios Temáticos acontecerão por três dias e se dividem nos seguintes temas: Literatura e Arte; Educação, Gênero, Raça e Violências; Memória, Trabalho, Ditadura Militar e Participação Política; Mídias, Literatura e outras linguagens; Políticas, Mulheres e Gênero; Mulheres na América Latina; Ensino, Universidades e Ciência; Mulheres e/na História; Imprensa, Mídias e Redes Sociais; Emoções/Subjetividades; Mulheres Negras, Corpos e Raça; Cuidados Pandemia e Mulheres.

Já as mesas redondas contarão com pesquisadoras de todo Brasil e do exterior. A Mesa 1, 2 e 3, que são também reuniões de redes de pesquisa, abordarão três projetos que estão em andamento no LEGH. São eles: “Internet como campo de disputa pela igualdade de gênero”, “Mandonas: memórias, políticas e feminismos no Cone Sul (1980-2020)” e “Observatório Mulheres e Ciência Sul-Sudeste”, do 1º Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia feminista do Brasil, o INCT – Rede Caleidoscópico. Já a Mesa 4 trará o debate sobre feminismos na pesquisa e ensino de história; na Mesa 5 as pesquisadoras tratarão sobre mídias digitais e gênero; na Mesa 6 mulheres na política e na história; e na Mesa 7 o tema discutido será diversidades e interseccionalidades no ensino e pesquisa de gênero. Na conferência de encerramento, a professora Dra. Claudia de Jesus Maia, da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), falará sobre a pesquisa e o ensino da história das mulheres e a violência de gênero.

Estas jornadas são um trabalho coletivo, em que todas as pessoas envolvidas trabalharam de maneira intensa, comprometida e amorosa, desde as primeiras ideias até as monitoriais e ajustes finais. À elas, nosso agradecimento. Também manifestamos nossa gratidão à UFSC, ao PRINT/CAPES/PPGICH e à rede Caleidoscópico que apoiaram a realização deste evento e a todas as pessoas que se inscreveram no V Jornadas do LEGH, contribuindo para os debates sobre a pesquisa e o ensino de Histórias das Mulheres e do Gênero.



Sumário

Simpósio Temático Literatura e Arte.....	10
Simpósio Temático Educação, Gênero, Raça e Violências.....	16
Simpósio Temático Memória, Trabalho, Ditadura Militar e Participação Política....	23
Simpósio Temático Mídias, Literatura e outras Linguagens.....	32
Simpósio Temático Políticas, Mulheres e Gênero.....	41
Simpósio Temático Mulheres na América Latina.....	46
Simpósio Temático Ensino, Universidade e Ciência.....	50
Simpósio Temático Mulheres e/na história.....	55
Simpósio Temático Imprensa, Mídia e Redes Sociais.....	60
Simpósio Temático Emoções/Subjetividades.....	65
Simpósio Temático Mulheres Negras, Corpos e Raça.....	70
Simpósio Temático Cuidados, Pandemia e Mulheres.....	73



Pesquisa e Ensino de

História das Mulheres e do **Gênero**

16 a 19 de outubro de 2023 | UFSC

RESUMOS | RESÚMENES



Simpósio Temático: Literatura e Arte

Coordenação: Gloria de Lourdes Freire Rabay e Isabela Fuchs

Questões de gênero na Lisboa pós-colonial retratada por Orlanda Amarílis e Djaimilia Pereira de Almeida

Daniela Schrickte Stoll (UFSC)

Resumo: Nesta comunicação, debatarei, a partir da análise da vivência de personagens literárias de Orlanda Amarílis (1989) e Djaimilia Pereira de Almeida (2019, 2021), o conceito de “família ampliada” (Stuart HALL, 2003). A “família ampliada” é uma importante rede de sociabilidades e de resistências que impacta positivamente a forma como as comunidades diaspóricas vivenciam a cidade pós-colonial (no caso em questão, Lisboa), mas que também pode ser um lugar de opressões de gênero. Analisarei, a partir de uma perspectiva feminista, como algumas personagens mulheres vivenciam a “família ampliada” e, conseqüentemente, a cidade, de forma diferente da dos personagens homens, em obras das duas autoras. Essas diferenças envolvem, sobretudo, sobrecarga com tarefas domésticas, medo de violências de gênero e o cerceamento que as personagens mulheres vivenciam, no contexto da “família ampliada”. Ou seja, demonstrarei que a “família ampliada” pode reproduzir opressões de gênero historicamente consolidadas no universo familiar, e como isso impacta a vivência da cidade. Por fim, defenderei, a partir de reflexões de Chandra Mohanty (2003), as ideias de que família e lar, também na diáspora, precisam ser pensadas através de uma lente política, que leve em consideração fatores como gênero, raça e classe.

Palavras-chave: Crítica Literária Feminista. Diáspora. Família. Orlanda Amarílis. Djaimilia Pereira de Almeida.

O conjurar das vozes-poemas: reflexões sobre a metapoesia em Poemas da recordação e outros movimentos

Emmanuele Amaral Santos (UFSC)

Resumo: A partir de seu conhecimento sobre certas vivências femininas afro-brasileiras e a função social da poesia, a pesquisadora e escritora mineira Conceição Evaristo tece o livro Poemas da recordação e outros movimentos (2017) permeada às noções de força e memória ancestral, registrando lembranças ao mesmo tempo que as (re)imagina por meio da escrita. Dessa forma, a obra de Evaristo permite ampliar as discussões sobre o fazer poético através da fricção entre as vivências, as vozes e os versos de mulheres negras pertencentes a contextos históricos diversos. Logo, o seguinte trabalho propõe pensar o conceito de metapoesia como um recurso de reflexão poética, assim como suas possíveis relações com a “escrevivência”, termo cunhado pela própria Evaristo, e que explicita uma ausência de fronteiras entre a memória e o fazer poético. Ademais, pretende-se refletir sobre a utilização da voz como um artefato metapoético e característico da obra de Evaristo, por meio da análise do termo “conjuração”, discutido em Spina (2002), assim como pensar no embate entre a figura canônica do poeta e o local subalternizado (SPIVAK, 2010) do corpo-escrita feminino.

Palavras-chave: Metapoesia. Conceição Evaristo. Escrevivência.



Reinaldo Arenas y Néstor Perlongher, exilios maricas

Ana Lilia Félix Pichardo (UFSC)

Resumo: La trayectoria de ambos escritores ha sido desde muy diversas perspectivas comparada. Exiliados ambos por la persecución en sus países a causa de su identidad política y sexual, el acogimiento de cada uno de ellos en los países de exilio y la recuperación contemporánea de sus figuras diverge ampliamente. El abismo que separa la recepción de ambos escritores, dentro de los circuitos intelectuales de los lugares en que se exilian y continúan escribiendo, lleva el nombre de: Revolución cubana. El estigma contra los escritores e intelectuales cubanos, que se exiliaron por diversas razones a partir de 1959, les colocó en una posición que les distanciaba de sus pares sudamericanos. El ostracismo que algunos vivieron al interior de la isla se replicó en los espacios políticos y culturales en que se congregaban los exiliados sudamericanos, en países como Francia, España o México. Hago una comparativa entre los exilios de Arenas y Perlongher, cuyas vicisitudes dentro de los movimientos de izquierda o revolucionarios se relacionan con su identidad/orientación sexual. Sin embargo, la confrontación de Arenas no es únicamente con un aparato estatal, sino contra el poder simbólico de la Revolución y sus apoyadores fuera de Cuba. El distanciamiento de Perlongher de cierta izquierda revolucionaria se desdobra en una militancia queer o marica, que le permiten un arraigo positivo en Brasil, mientras que Arenas se encuentra constantemente en el umbral del no ser comunista y no ser tampoco un escritor burgués proyankee, pese a la retórica contra él y los exiliados como gusanos antirrevolucionarios.

Palavras-chave: Exilio LGBTQ+. Reinaldo Arenas. Nestor Perlongher. Escritores LGBTQ+. Literatura Queer.

Viradas inesperadas: a temporalidade feminista na historiografia da arte

Isabela Marques Fuchs (UNESPAR)

Resumo: O presente trabalho objetiva abordar a questão de uma temporalidade feminista na obra "Unexpected Turns" de Griselda Pollock. Para tanto, é apresentada a trajetória intelectual da historiadora da arte, suas relações com a teoria e a prática feminista, e em como ao longo de sua obra foi tecida a questão do cânone. Em seguida, é apresentada a questão revelada por Pollock: como uma historiografia da arte feminista poderia se beneficiar com uma escrita outra, sem a adoção de esquemas evolutivos. Ancorada sobretudo no historiador da arte Aby Warburg e seus preceitos imagéticos, como Nachleben, o patético e o seu Atlas Mnemosyne, Griselda Pollock propõe uma virada inesperada. Se a práxis feminista está inscrita em um devir sem fim, longe de ter sido encerrado, uma história da arte feminista poderia voltar-se a temporalidade da política, inscrita em um modelo de tempo heterogêneo e dialetizado.

Palavras-chave: Griselda Pollock. História da Arte Feminista. Unexpected Turns. Atlas Mnemosyne; Nachleben.



Mulher de Luta: uma análise da canção de Dandara Manoela em uma perspectiva de gênero, raça e classe

Evelin Maria de Carvalho e Gabriele Marchioro Gomes (UFSC)

Resumo: Esta comunicação oral trata sobre o trabalho “Mulher de Luta: uma análise da canção de Dandara Manoela em uma perspectiva de gênero, raça e classe”. A música foi lançada em agosto de 2018, sob financiamento coletivo, o contexto histórico de lançamento foi antecessor ao Governo Bolsonaro e fervilhamento dos debates sobre gênero no país, momento de aprofundamento aos ataques ao povo negro e pobre. Esta pesquisa tem como objetivo analisar a composição da canção e seus entrelaçamentos na realidade da mulher brasileira. Assim, sob uma perspectiva marxista buscaremos tratar sobre violência, negritude, a questão queer e a resistência. Com este trabalho, queremos, ao analisar a canção, buscamos pensar a música e a arte como uma ferramenta de mobilização de grupos oprimidos, produzindo assim, espaços de troca de vivências. Além disso, aproximar as canções populares, especialmente produzidas por mulheres negras e sáficas, para a academia e no ambiente universitário. Se colocando contra o apagamento desses sujeitos que, em boa parte das vezes, têm suas histórias deixadas apenas na oralidade e esquecidas pela história oficial.

Palavras-chave: Gênero. Música. Resistência.

Feminino em Flor: a construção do corpo feminino no Brasil dos séculos XIX e XX

Daniela Queiroz Campos, Marina Silva (UFSC)

Resumo: O presente trabalho tem como mote a análise do corpo feminino em quatro obras produzidas entre o final do século XIX e início do século XX:. Sendo que, duas dessas forma produzidas por artistas mulheres – “Flor de Manacá” (1922) de Georgina de Albuquerque e “Mocidade em Flor” (1902) de Julieta de França – e as outras duas por artistas homens – “Euterpe” (1889) de Rodolfo de Amoedo e “Nu Feminino” (1910) de Arthur Timóteo da Costa. Nossa problemática parte das representações do corpo feminino e das relações de gênero dentro do campo da produção artística. A partir dessas quatro imagens selecionadas foram então percebidas as transições e modernizações atravessadas na apresentação pictórica e escultórica do corpo feminino. Diante da tímida circulação dos nomes de Georgina de Albuquerque e Julieta de França levantamos questionamentos acerca do silenciamento dos nomes de artistas mulheres no campo das artes plásticas brasileiras, principalmente na oitocentista. Por fim, sublinhamos o ativo papel que ambas artistas desempenharam ao reivindicar uma maior presença da participação de artistas mulheres no campo das artes plásticas brasileiras.

Palavras-chave: Artistas mulheres. Georgina de Albuquerque. Julieta de França. Corpo Feminino.



Pesquisa e Ensino de **História das Mulheres** e do **Gênero**

16 a 19 de outubro de 2023 | UFSC

Entre papéis e películas: imaginando novos mundos com Donna Haraway e Jack Halberstam

Pol Debb Miki Iryo Silva (UFABC)

Resumo: A presente pesquisa visa refletir sobre o lugar da ficção na teoria feminista queer, procurando entender como ela pode auxiliar na construção de novos tipos de epistemologia, oferecendo uma saída para a realidade colonizadora que oprime a população dissidente do sistema cis-heterossexual. Para isso, farei uma comparação entre duas obras que reconhecem as ficções como potenciais fontes de saber para se imaginar novos mundos, o Manifesto ciborgue (1985/2009) de Donna Haraway e Arte queer do fracasso (2011/2020) de Jack Halberstam. Através da figura do ciborgue como centro de sua ontologia, Haraway constrói um mito político crítico ao feminismo identitário que vinha sendo produzido na época, refletindo acerca da influência da ciência e novas tecnologias do século XX sobre as relações sociais. Para tanto, a autora esmiúça a fertilidade oriunda dos livros de ficção científica - principalmente aqueles escritos por mulheres - como fonte de conhecimento que possibilita imaginar outras realidades. Haraway encontra nelas sementes de mundos que poderiam germinar em outros tipos de existência. Por outro lado, Halberstam encontra uma grande potência transformadora nos desenhos de animação infantil, em que um encontro entre o infantil e o queer oferece lógicas novas e anticapitalistas de agir e saber por meio de uma expressão realista, mas não naturalista. Em especial, o autor salienta os filmes que surgiram após a incrementação das tecnologias CGI, gênero que ele denomina pixarvolt. A nova ferramenta trouxe não apenas novas possibilidades de criação mas uma mudança nas narrativas que passaram a focar nas hierarquias sociais, revolução e transformação. Em suma, a partir de ambas as propostas busco compreender quais foram as estratégias que alguns filmes e livros tem utilizado para desafiar a matriz heterossexual, driblando seus mecanismos que oprimem os corpos limitando as possibilidades de performatividade de gênero e afetiva mediante seu disciplinamento.

Palavra-chave: Teoria Queer. Animação Infantil. Ficção Científica Feminista.

Gênero e Nação: a obra de arte como condutora da memória histórica patriarcal

Giovanna Trevelin (UFSC)

Resumo: A presente proposta tem o intuito de pensar as grandes narrativas nacionais a partir da obra de arte, considerando especificamente o gênero da pintura histórica. O recorte temporal aqui situado encontra embasamento na transição do século XIX para o XX, no contexto brasileiro, momento de inúmeras mudanças principalmente voltadas para a construção de uma identidade nacional pautada, predominantemente, na externalização da masculinidade como principal referencial histórico, o que condiciona a construção de uma memória específica que exclui processos e personagens essenciais nos desdobramentos dos acontecimentos. Assim, penso na possibilidade de uma contramemória da nossa história, capaz de ampliar o horizonte de representatividade (e pensar em outros referenciais) a partir de uma artista mulher do século XIX, Georgina de Albuquerque (1885 - 1962), que propôs uma narrativa diversa a respeito do momento de independência do país, centralizando este acontecimento na figura de uma mulher: Leopoldina (1797 - 1826). O diferencial, neste sentido da construção da arte como um importante recurso da análise historiográfica, é que existe um viés da história formulado por uma mulher, e protagonizado por outra mulher, algo que não era comum neste gênero de pintura. A partir disso, é possível analisar quais as possibilidades dos referenciais imagéticos encontrarem sentido na dinâmica social quando descentralizados de um modelo hegemônico.

Palavra-chave: Arte. Mulheres. Independência. Nação. Memória.



“Medusa já fora uma bela mulher”: histórias entrelaçadas e a construção da imagem da imagem da Górgona nas Metamorfoses de Ovídio

Vitória Menezes Vargas (UFSC)

Resumo: No livro IV da Metamorfoses Ovídio narra a história da Medusa, personagem conhecida da mitologia grega, com cabelos de serpentes. A questão, desapercibida, sobretudo, no imaginário coletivo, talvez por não terem sido as representações mais selecionadas por obras da literatura, do teatro ou pelo cinema, é que Medusa nem sempre fora assim, ao contrário, já fora uma bela mulher. Em grego, a personagem aparece nas obras de vários autores, como Homero, Hesíodo, Apolodoro, já em latim, na Eneida de Virgílio. Como se deu a transformação de Medusa de uma bela mulher para esse ser híbrido temido com cabelos de serpentes e o que isso significa? Como a questão foi percebida, sistematizada e apresentada na confluência entre as narrativas gregas e as romanas? Como podemos problematizar essa questão a partir das noções que tomamos emprestadas da História Global? Essas são algumas inquietações que abordamos nesse artigo. Ao partir dessa reflexão, propomos uma análise que, por meio da interlocução entre o conceito de gênero e representação, investigaremos a imagem da Medusa vítima de um estupro que despertou a ira da deusa Minerva transformando a mulher em Górgona, de modo a entender sua transformação.

Palavras-chave: Gênero. História Antiga. História Global.

As primeiras mulheres

João Pedro Brunetti dos Santos (UFSC)

Resumo: Neste artigo, será realizada uma análise da evolução do corpo feminino nas artes ao longo da história por meio de um levantamento bibliográfico, destacando suas transformações ao longo do tempo. Além disso, serão explorados os desdobramentos dessa temática com o advento da arte indígena contemporânea, com ênfase na obra de Daiara Tukano. Por meio de suas criações, a artista desafia o epistemicídio indígena que foi perpetrado pela colonização, buscando romper com a dicotomia entre o ser humano e a natureza. Assim, ela atribui novos significados ao corpo feminino, denunciando a emergência de tempos disruptivos.

Palavras-chave: Corpo. Arte. Mulher. AIC.



“Mulheres artistas contemporâneas e problemas de pesquisa no Brasil: o caso de Ana Elisa Egreja”

Thays Tonin (UFPEL)

Resumo: Entre 2021 e 2023, o projeto de ensino “Arquivos e Acervos de Artes Visuais” (Universidade Federal de Pelotas – UFPel) centralizou as pesquisas de estudantes e professoras na seguinte questão: como criar arquivos documentais e visuais para que seja possível ampliar e dar visibilidade aos estudos brasileiros sobre mulheres artistas? A partir deste problema, as propostas desenvolvidas no interno do Projeto almejam somar narrativas-outras à história da arte brasileira, reconhecendo a real presença majoritária de mulheres no sistema das artes (seja na condição de artistas, de curadora, ou de professoras e historiadoras das artes). Se reinventar a memória das artes é também renegociar a realidade presente, então dentre as variadas funções que hoje pesquisas em universidades públicas podem incluir está a de dar novas operacionalidades às plataformas de divulgação virtual, afirmando a democratização do conhecimento histórico-artístico e exercitando os processos de pesquisa e escrita textual como parte fundamental da formação de estudantes. Estas operações de “partilha do sensível”, como afirma J. Rancière, podem surgir de propostas variadas, desde a criação de sites públicos que centralizem referências de pesquisa e imagens, o exercício de um processo de escrita coletiva, e, como exemplo deste artigo, a escrita de verbetes para plataformas tais como a Wikipédia, oferecendo acesso as imagens das obras. Neste sentido, foram diversas as possibilidades de atuação no projeto, vide o caso de pesquisa da artista Ana Elisa Egreja e suas pinturas a óleo em grande escala, desenvolvendo uma percepção hiper-realista do cotidiano distintamente brasileiro. Por meio de suas cenas que negociam com a memória dos “temas canônicos” da arte, Egreja opera uma armadilha visual, e assim, demonstra as raízes problemáticas da epistemologia que funda a história da arte ocidental.

Palavras-chave: Histórias das Artes. Arquivos. Arte Brasileira. Ana Elisa Egreja.



Simpósio Temático: Educação, Gênero, Raça e Violências

Coordenação: Yarlenis Ileinis Mestre Malfrán e Assis Felipe Menin

Ataques a docentes que discutem gênero na Educação Básica do interior de Santa Catarina

Assis Felipe Menin (UFSC)

Resumo: O presente trabalho pretende demonstrar como a ascensão e a influência de uma direita radicalizada, com características neoliberais e neoconservadoras, a nível global, impactou as discussões de gênero e diferença sexual nas escolas do interior de Santa Catarina a partir da emergência de uma ideologia antigênero. Este trabalho apresenta ainda como ocorre esse ataque local, quais são as suas estratégias (dispositivos) e qual o impacto dessas ações na comunidade e indivíduos pertencentes a ela. Utilizando do enfoque da História Oral e adotando uma metodologia da pesquisa multissituada, entrevistamos 11 docentes, das 5 regiões do estado catarinense. Esses ataques ocorreram (e ocorrem) de forma organizada através de censuras e perseguições nas redes sociotécnicas, de políticos, religiosos e da própria comunidade escolar ao abordar a temática em questão. Observamos que a crítica à discussão do gênero e de sexualidades dissidentes na escola pode ser definida a partir de três dispositivos ou do que chamamos de três Ds: a deslegitimação do conteúdo, a demonização de quem discute e o duplo padrão de crítica, esse último quando são apontadas como justificativas contrárias à discussão nas escolas a sexualidade do(a) docente, suas posições políticas e a visão desnecessária de abordar o assunto. Apontamos ainda que a intensão do neoconservadorismo é o silenciamento dessas temática em sala. No entanto, essa tentativa de censurar e proibir, tem tido efeito contrário e positivo na vontade de saber mais, por parte dos(as) estudantes e na própria resistência dos(as) docentes a esses ataques.

Palavras-chave: Escola. Gênero. Neoconservadorismo. Interior. Catarinense.

Gênero e Feminismos na BNCC e no Currículo Base do Território Catarinense

Renata Lewandowski Montagnoli (UFSC)

Resumo: Este artigo é um recorte da dissertação desenvolvida pela autora no âmbito da obtenção do título de mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) do Instituto Federal Catarinense, dissertação defendida em março de 2022. O artigo aborda o silenciamento/negligenciamento das temáticas de gênero e feminismos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no Currículo Base do Território Catarinense, principalmente quando se analisa o componente curricular de História. Este silenciamento é fruto de movimentos políticos conservadores que, na segunda década dos anos 2000 ganharam força no Brasil, promovendo desinformação e pânico moral quanto às temáticas que envolvessem gênero no espaço escolar. As discussões sobre gênero já constavam nos documentos educacionais publicados na década de 1990, diga-se os Parâmetros Curriculares Nacionais. Contudo, analisando a BNCC, o Currículo Base do Território Catarinense e os PCNs, é possível observar um retrocesso quanto a discussões que já haviam sido consolidadas lá no século passado e que acabaram silenciadas no atual momento.

Palavras-chave: Gênero. História. Silenciamento.



Gênero, cânone literário e poesia visual no estágio docência

Luiza Machado dos Reis, Julia Dias Lopes (UFSC)

Resumo: Reflexões sobre o projeto de docência elaborado pelas estudantes Julia Dias Lopes e Luiza Machado dos Reis, no segundo semestre de 2022, para a disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I do curso de Letras Português e Literaturas Vernáculas na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Com base na observação de uma turma do oitavo ano do Ensino Fundamental de um colégio municipal de Florianópolis, o projeto teve como objetivo problematizar o cânone literário (REIS, 1992) majoritariamente branco, masculino e heterossexual; assim como ampliar o repertório dos estudantes, dando enfoque ao massivo trabalho de poetisas mulheres, literariamente ignorado, a partir de um portfólio elaborado pelas estagiárias docentes. O presente trabalho foi fundamentado, principalmente, a partir da leitura de bell hooks (2017; 2020), Geraldi (1993; 2013) e Eurídice Figueiredo (2020); escolhendo a obra *Adestradas*, da artista Fernanda Oliveira (2022), como fio condutor das aulas e da discussão central: a misoginia no cânone literário e seus reflexos na sala de aula, por meio do gênero literário poesia visual.

Palavras-chave: Gênero. Cânone Literário. Poesia Visual.

Currículos Escolares, Gênero e Sexualidade: Um diálogo Emergente

Leandro Cordeiro da Silva (UFGD)

Resumo: Na atual conjuntura brasileira, no âmbito educacional, a pluralidade de sujeitos e suas demandas vem crescendo, visando que os profissionais que atuam na área da educação estejam preparados para essas novas discussões e práticas escolares, ao atender um público diverso e plural. Nesse embate sobre educação, gênero e sexualidades, entraremos por uma abordagem dos currículos escolares, a problematização da exclusão dos sujeitos plurais nos currículos, assim como a invisibilidade ao trabalhar esses dilemas emergentes no cotidiano da sala de aula. Torna-se necessário observar como os currículos escolares do Brasil estão pautados, no modo como foram construídos e reconstruídos culturalmente através do tempo. Por fim, perpassando pelas instâncias sociais e culturais, o artigo aborda como as formas de violências que os estudantes sofrem dentro e fora do meio educacional, violências essas às vezes explícitas ou subjetivas, e como essa violência ocorre em graus diferentes, dependendo do gênero, da classe e da raça.

Palavras-chave: Currículo. Violência. Cotidiano.



Curso de Extensão em História dos Feminismos no Brasil: um diálogo entre universidade e escola

Natalia da Silva Galvao, Cintia Lima Crescêncio, Andressa Almeida Belo da Silva, Danielli Couto Turri de Souza (UFABC)

Resumo: Por meio de um dos projetos de extensão universitária que compõe as atividades do Núcleo de Estudos de Gênero Esperança Garcia (NEG), da Universidade Federal do ABC (UFABC), nasceu a proposta de ofertar aos docentes do ensino básico, um curso História dos Feminismos no Brasil, visando contribuir com as condições concretas para a formação mais crítica das futuras gerações de crianças e jovens. Objetivando reviver o diálogo entre a universidade e o ensino básico - representados aqui pelas escolas da rede do Grande ABC -, a primeira etapa do projeto se iniciou através da construção do Curso em si, momento no qual deu-se início à nossa inserção no ambiente escolar. O processo de aproximação entre as extensionistas e comunidade escolar, se deu por meio da presença das estudantes e da docente coordenadora em cursos de formação continuada de professores, muitas vezes oferecidos por outros projetos da própria UFABC. Nesses espaços privilegiados para abordagem e debate de assuntos relacionados às questões de gênero e interseccionalidades, foram feitas entrevistas coletivas e individuais, através das quais foi possível levantar as reais demandas teóricas para a práxis crítica dos docentes, necessárias ao desenvolvimento do material e da didática do Curso. Mas principalmente, traçar os perfis da comunidade escolar do ABC Paulista, e analisar as percepções acerca das questões sobre gênero, sexualidade, raça e suas interseccionalidades, aspecto do projeto que gerou este trabalho.

Palavras-chave: História. Feminismos. Extensão.

Reposicionando o olhar: o curso de Ciências Sociais da UFSC e suas pioneiras

Barbara Michele Amorim, Suzana Morelo Vergara Martins Costa, Miriam Pillar Grossi, Carmen Beatriz Heisecke de Almeida (UFSC)

Resumo: Esta comunicação é um dos resultados do projeto Mulheres Pioneiras nas Ciências Sociais da UFSC desenvolvido pelo núcleo de pesquisa NIGS/UFSC, sob a coordenação da profa Miriam Grossi, com o objetivo de celebrar os 50 anos do curso (1973-2023). O presente artigo dialoga com o documentário "Reposicionando o olhar: pioneiras nas Ciências Sociais da UFSC", que traz as memórias das professoras pioneiras e reflexões acerca da história das Ciências Sociais no sul do Brasil. Entre os anos de 2020 e 2023, foram realizadas vinte e três entrevistas com professoras e pesquisadoras que contribuíram para a criação e consolidação do curso de Ciências Sociais da UFSC. A partir das entrevistas, realizadas por várias pesquisadoras que compõem a equipe do projeto, foi produzido o vídeo, que, ao trabalhar com as narrativas de vida destas mulheres, reconstrói a história das Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Catarina, deslocando-a do eixo hegemônico masculino. As narrativas elucidam o desenrolar das Ciências Sociais no Brasil e apontam para seu caráter híbrido e diverso na articulação entre Sociologia, Antropologia e Ciência Política. Ao mesmo tempo, abordamos questões subjetivas e ditas "privadas", mostrando como elas adentram em campos que hoje são constitutivos da Teoria Social, como os estudos feministas e de gênero, elucidando problemáticas e mostrando caminhos para o ensino contemporâneo das Ciências Sociais.

Palavras-chave: História das Ciências Sociais. Mulheres. Cientistas Sociais. Sociologia Brasileira. Antropologia Brasileira.



Reconhecendo indicativos de violência em manifestações no ambiente escolar

Rafael Buzinaro Stábile, Nádia da Cruz Senna (UFPEL)

Resumo: O presente trabalho apresenta um estudo acerca dos discursos e ações radicalizantes praticadas por jovens em ambiente escolar, apresentando uma coletânea de signos e termos utilizados por grupos extremistas como forma de identificação e comunicação entre si. A pesquisa surge a partir da necessidade de detectar discursos de ódio manifestados por crianças e adolescentes como uma forma de tratamento preventivo contra ações violentas realizadas nas escolas brasileiras, atos que ocorrem com cada vez mais frequência devido à proliferação de grupos radicais nas redes sociais. Este estudo tem como objetivo possibilitar que pais, professores e agentes sociais consigam identificar crianças e adolescentes que estão expostos a violência praticada por tais grupos, para que assim possam afastá-los e desvinculá-los das concepções extremistas compartilhadas. Conhecer os indicadores de ódio manifestados por estes jovens reflete na criação de um ambiente escolar mais seguro, não apenas para o estudante em questão, mas também na proteção de professores e demais alunos, principalmente mulheres e pessoas LGBTQIA+, que pertencem ao grupo mais vulnerável em relação aos ataques e discursos de ódio. O compartilhamento de tal conhecimento mostra-se ainda mais importante durante a formação acadêmica, principalmente nos cursos de licenciatura do sul do Brasil, onde o índice de membros extremistas é consideravelmente maior do que o restante do país.

Palavras-chave: Discurso de Ódio. Grupos Extremistas. Segurança Escolar. Violência.

Mulheres educadoras e evangelização: contribuições para o estabelecimento do espiritismo em Alagoas na Primeira República

Vanessa Elisa da Silva Correia (UFSC)

Resumo: O espiritismo chegou em Alagoas ainda no fim do século XIX, vindo da Europa, e ocupando lugar nas disputas do campo religioso local. Apesar de suas primeiras instituições terem sido fundadas a partir de 1890, a participação das mulheres no espiritismo inicialmente foi restrita a atividades internas, como nas mesas mediúnicas, longe das funções públicas, distantes, também, das instâncias decisórias e dos cargos de liderança. Esse cenário começou a ser modificado na segunda década do século XX, a partir da implementação das escolas evangelizadoras espíritas. Essas organizações escolares, vinculadas aos centros espíritas, tinham foco na educação de crianças empobrecidas e eram dirigidas por um grupo de mulheres, que alcançaram, nessa nova fase, a ocupação de cargos de liderança e, finalmente, registros de suas vozes e ações. Este trabalho propõe a reflexão sobre a transição do silenciamento ao aparecimento das mulheres espíritas nos ambientes públicos, principalmente nas ações vinculadas à caridade e evangelização, considerando a reprodução de papéis idealizados de gênero no interior da estrutura religiosa. Para isso, tentaremos compreender o entrecruzamento entre educação, espiritismo e atuação pública das mulheres alagoanas.

Palavras-chave: Mulheres. Educação. Evangelização. Espiritismo.



A interseccionalidade do Feminismo Subalterno Latino-Americano: reflexões sobre História Global e a Amefricanidade

Jaine Aparecida de Oliveira (UFSC)

Resumo: O presente artigo pretende articular sobre a intersecção entre História Global e os Estudos de Gênero, através da categoria decolonial de Amefricanidade proposta por Lélia Gonzalez em 1988. Trata-se em apontar que a perspectiva clássica do movimento feminista hegemônico ocidental que baseou-se em uma concepção universalizante da categoria “mulher”, acaba ocultando as múltiplas experiências subjetivas, por consequência as epistemologias do Sul Global que se articulam com as categorias de classe, raça e gênero.

Palavras-chave: Feminismo Subalterno. História Global. Amefricanidade.

Peça de mosaico: o caso da escola na região do Rio dos Bugres

Lorena de Freitas Fernandes Pereira (UDESC – FAED)

Resumo: No início da década de 1960, na região de Alfredo Wagner, uma escola foi criada. Não pelo crivo do estado de Santa Catarina, mas por um grupo de colonos que ansiava pelo aprendizado da língua portuguesa por parte de seus filhos. Afastados da administração do governo, convidaram uma mulher negra, de localidade próxima, para o posto de professora de 22 alunos, durante o período de 2 anos. Por meio dos relatos orais desta professora, busca-se compreender um objeto ainda pouco explorado pela historiografia catarinense: não só as escolas que se criaram por falta de amparo, mas as complexas relações étnico-raciais e de gênero que se deram em diferentes contextos. A apresentação discorre sobre esta escola e suas singularidades, sua construção, agentes citados naquela comunidade, motivações para sua construção, bem como a interação causal entre este evento e outros que o precederam, como a nacionalização do povo brasileiro e a Segunda Guerra Mundial.

Palavras-chave: Educação. Imigração. Raça.

Conexões feministas entre Brasil e Moçambique

Vera Fátima Gasparetto (UFSC)

Resumo: O objetivo desta Comunicação é tecer algumas conexões entre feminismos latino-americanos e africanos (focados em Moçambique) que emergem de observação participante, entrevistas e referenciais teóricos acerca de encontros, desencontros, aproximações e distanciamentos dentro do campo do ativismo e dos estudos de gênero e feministas nos territórios de África/Moçambique e América Latina/Brasil, a partir de uma perspectiva decolonial. A Comunicação resulta de uma parte da pesquisa de pós-doutorado que oportunizou a realização de entrevistas com ativistas e intelectuais moçambicanas ou que vivem em Moçambique e que nas suas narrativas fazem uma crítica ao feminismo hegemônico, tanto acadêmico como ativista. Assim, buscamos trazer os níveis de circulação de saberes e conhecimentos entre os dois continentes, que emergem de intercâmbios culturais na globalização, diálogos e vivências de pessoas que estiveram em ambos os mundos, as influências dessas interrelações para a articulação dos feminismos globais a partir de conexões entre as resistências epistêmicas e de luta por direitos no âmbito do Sul-Sul, buscando dialogar dentro de um corredor de saberes.

Palavras-chave: Feminismos. Conexões. Brasil. África.

“Tirando nossas capas de invisibilidade”: corpos em aliança se produzem e se colocam na encruzilhada construindo o primeiro coletivo de rap LGBTQIA+ da diáspora negra

Talita Fernandes Araujo (UFSC)

Resumo: O presente artigo pretende analisar o acontecimento que foi a publicação da primeira cypher de rap LGBTQIP + “Quebrada Queer” ,e que os textos de suas poesias enunciaram como discursos. Os mesmo se encontravam na encruzilhada da diáspora negra no atlântico produzindo sua subjetividade em devir , um devir bicha preta. A presente pesquisa pretende analisar o acontecimento que foi a publicação da primeira cypher de rap LGBTQIA + “Quebrada Queer” no canal Rapbox no youtube, e que os textos de suas poesias enunciaram como discursos. Analisaremos o “acontecimento” que foi a cypher “Quebrada Queer”, sendo ela o primeiro lançamento do grupo no cenário do rap . Logo buscaremos entender o que se produziu quando esses corpos se aliançaram, e se colocaram em cena com outras narrativas e produzindo outras potencialidades de existência. Nesse sentido se fazem não na margem, mas nas encruzas, articulando, com suas possibilidades, com as denúncias dos racismo cotidianos e um machismo na cena do rap, e do mundo atual. Habitando esses corpos na diáspora negra e sendo ela um espaço produzido na encruzilhada , pois é um espaço inventado por esses corpos diaspóricos, não tendo um território específico , mas a partir dos atravessamentos dos sujeitos esse espaço se faz. Os mesmo se encontravam na encruzilhada diáspora negra no atlântico produzindo sua subjetividade em devir , um devir bicha preta. Portanto descULonizando o espaço de aparecimento, sendo cada vez mais viados, esses bichas pretas em Devir, estão construindo a subjetividade da diáspora. Assim rompendo com a normatividade do espaço construindo outras narrativas a partir de seus corpos. É colocado em evidência na pesquisa como a perspectiva da história global vem de encontro, a uma escrita dissidente, afrodiaspórica. Uma vez que a História Global surge de uma demanda mundial por um descentramento das narrativas eurocêntricas, nasce com esse descentramento uma demanda por novas epistemologias. Logo, a localização de uma posição contra hegemônica da história global pode ser uma possibilidade metodológica para construir uma historiografia sobre corpos dissidentes. Portanto rompendo com a heteronormatividade esses corpos em aliança se colocam na cena do aparecimento, a fim de reconfigurar o sentido do espaço do rap e da diáspora negra, produzindo outras narrativas.

Palavras-chave: Diáspora Negra. Subjetividade. História Global.

Mulheres Negras: Sim, nós somos pesquisadoras

Rosana Vargas Fraga (UFSC)

Resumo: O presente resumo apresenta a proposta de pesquisa a respeito da produção de conhecimento das mulheres negras na ciências humanas, que tem o propósito investigar as relações na construção dos saberes no espaço acadêmico, sendo assim, como objetivo de pesquisa, “Analisar o processo que as mulheres negras desenvolvem na realização de suas pesquisas em face às assimetrias de classe, gênero e raça no contexto acadêmico identificando os enfrentamentos as desigualdades. Para a introdução do tema, destacamos que o racismo estrutural invisibiliza a população negra no cenário educacional. Logo, o ambiente acadêmico como espaço considerado legítimo de produção de conhecimento, se estabelece como um lugar de acesso restrito devido aos condicionantes sociais e econômicos. Nesse contexto, para as mulheres negras a combinação do racismo e outros marcadores sociais, se transforma em uma forma eficaz de exclusão e coerção dificultando seu acesso e permanência na trajetória educacional, desse modo, colocando em dúvida a validade de seu lugar como produtora de ciência. Entretanto, a produção de conhecimento das mulheres negras atrelada à ancestralidade, numa perspectiva diaspórica, se constrói por meio da teoria e da prática tendo um olhar atento às questões de raça, classe e gênero, ou seja, uma narrativa própria das experiências vivenciadas.

Palavras-chave: Mulheres Negras. Pesquisa. Racismo. Sexismo.

Confabulando o Ibura

Katharine Trajano (UFSC)

Resumo: Na História, confabular segue o pensamento radical negro, não-branco e dissidente de sexo/gênero na formulação de passados, presentes e futuros que rompem com a violência para traçar rotas de escape afetadas pelas dores e as delícias de sermos quem somos. Se interliga, sobretudo, à “Confabulação crítica”: forma de produzir narrativas históricas nos ensinada pela escritora e historiadora Saidiya Hartman. Em seus trabalhos, ela nos convida a (re)imaginar aquilo que os discursos oficiais, os livros de histórias e os romances nos ensinaram, assim como as maneiras que se lançam luz ou escuridão sobre as memórias ao se voltar à história da escravidão norte-americana e de personagens “desconhecidas” localizadas entre documentações arquivísticas. Aqui, faço algo semelhante. Recupero uma passagem do Jornal Diário de Pernambuco (1970) que, sob o título “Estado cumpre obrigação de ordem habitacional realizando depósito”, fala sobre o investimento realizado pelo Governo do estado à favor do programa habitacional do ‘Serviço Social contra o Mocambo’ (SSCM) fomentando a criação de um conjunto habitacional para 400 famílias, no Ibura. Dez unidades foram doadas a famílias empobrecidas - “(...) cujos cabeças reúnem ganhos abaixo do mínimo regional sendo lavadores de carros, biscateiros e engraxates” - pela então presidenta da Cruzada de Ação Social (CAS) e esposa do governador, a Sra. Maria Teresa Brennand Côelho. O Ibura está localizado na periferia da zona sul do Recife, capital de Pernambuco, fazendo divisa com outra cidade, Jaboatão dos Guararapes. Mais de 50 anos depois, a sua história e visibilidade ainda estão marcados por cenas de violência, abandono estatal e desvalorização dos sujeitos que ali vivem, racializados e em vulnerabilidade social. Em 2022, o bairro ganhou amplitude nacional devido às fortes chuvas que caíram sobre a região e fizeram deslanchar, no horário nobre da televisão brasileira, o racismo ambiental e outras mazelas que pairam sobre ele. No presente trabalho busco me voltar ao exercício historiográfico e íntimo, “arqueológico”, de recuperar memórias e alguns fragmentos históricos do bairro do Ibura, onde também nasci e fui criada, através de lentes esCUÍRecidas, seguindo os pressupostos da filósofa abigail Campos Leal (2021).

Palavras-chave: História. Confabulação Crítica. Decolonialidade. Ibura. Estudos Queer.



Pesquisa e Ensino de **História das Mulheres** e do **Gênero**

16 a 19 de outubro de 2023 | UFSC

Simpósio Temático: Memória, Trabalho, Ditadura Militar e Participação Política

Coordenação: Alejandra Oberti e Tamy Amorim Da Silva

Mulheres líderes históricas: memórias e patrimônios femininos

Gabriela Mendes Morales (UFMS)

Resumo: Este projeto tem como objetivo resgatar e destacar as líderes históricas, abordando o protagonismo, o empoderamento feminino e a igualdade de gênero em espaços sociais, políticos e culturais, através da formação por meio de projetos integradores em espaços formais e não formais de aprendizagem, que apresentam monumentos históricos, museus e memórias que evidenciem a história das mulheres no Brasil. A proposta, que está sendo realizada em escolas estaduais, busca divulgar as ações de ensino, pesquisa e extensão realizadas pelo Grupo de Pesquisa e Ensino de História, Mulheres e Patrimônio (GEMUP), no curso de História/FACH/UFMS, focando nas lideranças históricas femininas. Além disso, reconhece a necessidade de formação e capacitação para que meninas e mulheres de diferentes gerações, etnias e credos possam se destacar na execução de ações de liderança. Por fim, o projeto está comprometido com a "Agenda 2030" da ODS 5, que busca alcançar a igualdade e o empoderamento de todas as mulheres e meninas.

Palavras-chave: Liderança Feminina. Protagonismo. Empoderamento.

Histórias e narrativas de avós ao sul

Claudia Luana Cogo (UFSC)

Resumo: Em minha pesquisa de mestrado busco contar a história de minhas avós, mulheres migrantes e trabalhadoras do campo. Para isso parto de alguns textos, como as teses "Sobre o conceito de história", de Walter Benjamin, que elaboram, de maneira geral, uma ideia antiprogressista da história. A tese mais famosa desse ensaio descreve o "anjo da história" como uma instância que tem o papel de olhar para o passado, desejando parar e revolver os destroços, enquanto uma tempestade chamada progresso o impele sempre em frente. Esse é o movimento que busco realizar ao voltar minha atenção ao passado, em especial ao passado das minhas avós, para revolver alguns escombros e contar suas memórias e histórias de pessoas comuns. Minha pesquisa parte de relatos orais tendo como base os textos Manual de história oral, de Verena Alberti, "Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres" de Sílvia Salvatici e Memória e sociedade: lembranças de velhos, de Ecléa Bosi. Entendo como desafiador trazer a memória e a história através do relato oral para o ambiente acadêmico, já que aí se entende a memória oral como fato histórico e se questiona a escrita como a única fonte legítima para a historiografia. A partir disso é possível reintroduzir histórias, linguagens e subjetividades de pessoas à margem, como as narrativas de mulheres do campo, trabalhadoras rurais, que encontram na história oral um caminho, principalmente aquelas que tiveram pouco ou nenhum acesso ao estudo formal. Além disso, meu viés sobre a história das avós é guiado pelos estudos de gênero. Pretendo explorar, sob essa perspectiva, temáticas simbólicas presentes nos relatos de minhas avós, como educação, uso de anticoncepcional, maternidade, trabalho doméstico e rural, casamento (separação, fidelidade e viuvez), e as relações de gênero que ditam o cuidado na velhice.

Palavras-chave: Memória. História Oral. Estudos de Gênero.



Memórias e histórias de mulheres: projetos de pesquisa e extensão em Nova Andradina/MS

Dulceli de Lourdes Tonet Estachesk (UFMS)

Resumo: A proposta visa apresentar os resultados parciais de dois projetos que estão em andamento: o Projeto de Pesquisa Histórias de mulheres, histórias da cidade: outras memórias e narrativas da história de Nova Andradina/MS e o Projeto de Extensão Acervo Documental do Museu Antonio Joaquim de Moura Andrade. A história oficial das cidades é costumeiramente elaborada a partir de narrativas masculinas e traz como protagonistas homens públicos. Os museus municipais apresentam, prioritariamente, objetos ligados a estes sujeitos, o que nos leva a uma problemática de exclusão na produção historiográfica sobre as cidades que fomenta tanto a produção de materiais didáticos para a educação básica e quanto a preservação patrimonial. Essa realidade acaba dando continuidade à invisibilidade das mulheres na história, a despeito de todo avanço historiográfico na área, e promovendo a carência de representatividade nos mais diferentes espaços de memória. Os dois projetos em andamento têm reunido um conjunto de fontes documentais relativas a histórias de mulheres e narrativas produzidas por mulheres da cidade de Nova Andradina/MS que permitirão a constituição de um catálogo de fontes históricas sobre mulheres que auxiliarão em pesquisas e produções historiográficas e didáticas futuras. Vale ressaltar que o Museu em questão é um dos únicos espaços de memória e história da região do Vale do Ivinhema que é formada por dez municípios do Mato Grosso do Sul, ou seja, sua importância não é apenas local, mas regional.

Palavras-chave: História das Mulheres. Fontes Históricas. Museu.

O que é trabalho de mulher? Reflexões dos papéis de gênero na dinâmica de trabalho

Jéssica Duarte de Souza (UFSC)

Resumo: Tendo em vista a pesquisa de doutorado em andamento, acerca da luta por direitos das trabalhadoras urbanas brasileiras, no após 1945 até 1960, o objetivo deste trabalho é trazer uma revisão bibliográfica acerca da questão teórica “o que é trabalho de mulher?”. Através desta pergunta se tensiona problematizar a noção de trabalho e de luta de classes, trazendo um cenário complexo e de ampliação sobre os mundos do trabalho e seus/suas sujeitos/sujeitas, ou seja, problematizar a noção de trabalho percebendo o funcionamento dos papéis de gênero na sua dinâmica. A partir de autoras como: Eileen Boris, Silvia Federici, Michelle Perrot, Heleieth Saffioti, Elisabeth Souza-Lobo entre outras, o artigo pretende abordar duas chaves de análise para pensar a pergunta proposta: 1) explorar as discussões teóricas sobre trabalho reprodutivo e divisão sexual do trabalho, que se apresentam como um trabalho invisível, mas fundamental para a base e funcionamento econômico e social do capitalismo; 2) as desigualdades e exploração dentro do trabalho produtivo e os empecilhos de mulheres fazerem parte ou de se estabilizarem dentro do setor produtivo formal. Pretende-se realizar uma leitura atenta acerca das diferenças e semelhanças da exploração do trabalho das mulheres entre países do norte e sul global; se, entre os recortes geográficos, a exploração incide sobre todas as mulheres da mesma forma – atentando para questões como raça, nacionalidade, etc; e, considerando o recorte da minha pesquisa, despender atenção sobre como o Brasil entra nesse debate.

Palavras-chave: Mulheres Trabalhadoras. Mundo do Trabalho. Trabalho Urbano.



Histórias Conectadas: Mulheres na imprensa de oposição às ditaduras em Portugal e Brasil

Allana Letticia dos Santos (UFSC)

Resumo: Esse artigo tem como objetivo abordar a presença e o papel das mulheres na imprensa de oposição durante os períodos ditatoriais em Portugal e Brasil. O estudo utiliza a abordagem de "histórias conectadas", que busca compreender as interconexões e influências entre diferentes contextos históricos. O artigo analisa o envolvimento das mulheres na imprensa de oposição, explorando suas contribuições, perspectivas e desafios enfrentados. Ele examina a participação dessas mulheres na produção de jornais e revistas que resistiam aos regimes ditatoriais em ambos os países, tais como: Jornal Portugal Democrático, O Pasquim. A pesquisa destaca como as mulheres desempenharam um papel significativo na imprensa de oposição, tanto na produção de conteúdo quanto no engajamento político. Além disso, o estudo destaca as conexões entre os movimentos de oposição em Portugal e Brasil, evidenciando como as mulheres envolvidas na imprensa de oposição estabeleceram laços de solidariedade e compartilharam experiências e estratégias de resistência. O artigo também aborda os desafios enfrentados pelas mulheres na imprensa de oposição, como a discriminação de gênero, a censura e a perseguição política. Ele examina como essas mulheres superaram esses obstáculos e se tornaram agentes de mudança e protagonistas nas lutas democráticas. No geral, o artigo revela a importância das histórias conectadas das mulheres na imprensa de oposição, destacando sua contribuição para a resistência e para a construção de sociedades mais justas e democráticas. Ele enfatiza a necessidade de reconhecer e valorizar as vozes das mulheres nessas lutas históricas, ressaltando a importância da igualdade de gênero e da inclusão na narrativa histórica.

Palavras-chave: Imprensa. Mulheres. Ditaduras. Brasil e Portugal.

Gênero e resistência política à ditadura civil-militar: modernização conservadora do campo, clandestinidade, domesticidade e anistia política

Muriel Custodio dos Passos (Prefeitura Municipal de Florianópolis)

Resumo: O artigo analisa os atravessamentos de gênero e a mobilização de emoções por sujeitos em dois documentos da repressão política durante a ditadura civil-militar (1964-1988): o processo de indenização do ex-presos político Ary, de 2001, e as informações presentes no seu prontuário da Penitenciária de Florianópolis, incluindo uma carta cuja autoria é de Nilce, sua esposa. Na época em que Ary foi preso por subversão, ele dirigia uma empresa de trigo e produtos suínos no oeste catarinense, a qual agrupava pequenos produtores para negociar com os grandes empresários locais. Nilce, por sua vez, era parte do magistério no serviço estadual de educação, mas perdeu seu emprego em decorrência do Ato Institucional do dia 9 de abril de 1964, conhecido posteriormente como AI-1, o qual suspendeu por seis meses as garantias constitucionais de vitaliciedade e estabilidade, permitindo demissões, aposentadorias compulsórias, dispensas, transferências para reserva e reformas mediante investigação sumária. Em diálogo com a documentação, discute-se sobre a modernização conservadora do campo, a resistência à repressão política, a clandestinidade, a domesticidade, a atuação das mulheres e o processo brasileiro de anistia política. Por questões éticas, o nome dos sujeitos estudados foi substituído pelo nome de ex-presos políticos brasileiros encontrados na internet.

Palavras-chave: Gênero. Ditadura Civil-Militar. Resistência Política. Modernização Conservadora. Domesticidade.



Violência de gênero enquanto violência de Estado: a permissividade institucional

Renata Juliana Faé Barp (UFSC)

Resumo: A violência de gênero tem-se mostrado enquanto uma ocorrência sistemática, presente em todos os núcleos sociais, revelando a necessidade de ser tratada enquanto um sintoma social em contraponto a casos isolados, frutos de dinâmicas privadas. Na contemporaneidade, com o crescimento das discussões acerca da comunidade LGBTQIAPN+, observa-se a expansão do termo “violência de gênero” para além daquelas infligidas contra as mulheres cisgênero, abarcando a comunidade transsexual e evidenciando a forma com a qual são reiterados os aspectos femininos para a projeção da violência, sejam estes aspectos interligados à uma corrente de construção social, ou genitalista. Assim, a permissividade responsável por institucionalizar a violência de gênero como mecanismo de manutenção de uma estrutura social patriarcal, perpassa, ainda, as instâncias jurídicas do Estado brasileiro, que por vezes diminuem a relevância das denúncias de violência, conforme o observado na execução do processo que originou a Lei de Anistia de 1979. Dessa maneira, partiremos do resgate de memória dos corpos atravessados pelas violências de gênero do período da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), em comparação com relatos atuais, buscando lançar luz sobre as novas facetas da violência de gênero estatal, compactuante com uma dominância e manutenção da hierarquia social, política e cultural, vigente.

Palavras-chave: Patriarcalismo. Violência de Estado. Violência de Gênero.

Feminismo, cidadania e voto: a conquista do sufrágio feminino no Brasil (1922-1934)

Maria Luiza Péres (UFSC)

Resumo: Em 1932, pela primeira vez na história brasileira, o voto foi estendido às mulheres. Desde então, parte da historiografia do feminismo colocou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), considerada a primeira organização brasileira a se empenhar exclusivamente na luta pelos direitos das mulheres, como única proponente do debate sufragista e representante do movimento feminista nacional no início do século XX. Contudo, como pesquisas recentes demonstraram (ver Glaucia Fraccaro, 2018, e Katherine Marino, 2019), a FBPF não estava isolada do campo político nacional e internacional que, à época, tanto discutia a emancipação feminina. Partindo desse pressuposto, argumento que é possível encarar a Federação como uma importante, mas não a única agente que compôs o campo político em prol do sufrágio feminino. Ao analisar jornais e cartas trocadas pela Federação, ficam claras as interações de suas militantes com as elites políticas brasileiras e com ativistas e organizações feministas transnacionais, com quem discutiam estratégias. Por outro lado, a FBPF lidou frequentemente com as críticas de parlamentares que se opunham à participação política feminina e de grupos políticos, como os comunistas e anarquistas, que argumentavam que a conquista do voto, quando não associada à discussão sobre a emancipação da mulher trabalhadora, em nada solucionava a questão da desigualdade entre os sexos. A partir dessas interações, podemos observar distintos projetos políticos reunidos em torno da emancipação feminina e, conseqüentemente, diferentes significados para o exercício do voto. Proponho, então, que, a partir do mapeamento desse campo político, em que ocorreram alianças e disputas, é possível problematizar parte do processo histórico que envolveu a busca por igualdade de direitos entre homens e mulheres nos espaços políticos, tema tão caro ao nosso presente, bem como discutir a relação entre voto, cidadania e emancipação feminina no Brasil da Primeira República.

Palavras-chave: Feminismo. Sufrágio. Primeira República.



Participação de mulheres na política e suas dificuldades: um estudo comparativo entre Brasil e Chile

Ana Luiza Camargo Colaço, Júlia Schuster Strack e Joana Maria Pedro (UFSC)

Resumo: Nos países do Cone Sul, as mulheres têm enfrentado dificuldades e barreiras para se inserirem no campo político. A legislação em países como o Brasil e o Chile estabelece uma porcentagem mínima de candidaturas e reserva de vagas para as mulheres com o sistema de Lei de Cotas de Gênero. Porém isso não assegura que as mulheres participem ativamente de espaços decisivos de poder. Em relação à Bolívia, Argentina e Uruguai, o Brasil e o Chile ainda têm muito a fazer para ampliar o número de mulheres na política (MARTINI, 2015). Nossa questão é quais as principais dificuldades que as mulheres enfrentam no Brasil e no Chile para vencer eleições? Sabemos que partidos políticos têm procurado atrair as mulheres para se candidatarem. Porém, há casos em que os partidos se utilizam das candidaturas “laranjas”, como forma de burlar a lei de cotas. Dados das instituições do Chile e do Brasil, que organizam as eleições, entrevistas com mulheres que foram eleitas e a bibliografia tem revelado problemas como o pouco financiamento de campanha eleitoral, com a falta de punição aos partidos que não seguem as leis, e com a própria relação de gênero presente na sociedade, que sobrecarrega as mulheres com atividades domésticas deixando pouquíssimo tempo para campanha eleitoral, fazendo com que essa não seja uma alternativa viável para muitas delas (ARAÚJO, 2016). Além disso, mesmo com o apoio partidário, as mulheres, uma vez eleitas, são alvo de ataques quando chegam aos espaços de poder, muitas vezes vindo do próprio partido ao qual pertencem. Como resultado provisório podemos afirmar que essas são as principais dificuldades para a eleição de mulheres, impactando, conseqüentemente, a representação feminina nas tomadas de decisões. Este texto é resultado da Pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC) UFSC.

Palavras-chave: Lei de Cotas. Mulheres na Política. Feminismos. Financiamento de Campanha.

Cotas de gênero na política: as mulheres na Assembleia Legislativa de Santa Catarina (1998-2018)

Bruna Busnello e Joana Maria Pedro (UFSC)

Resumo: O Brasil foi um dos primeiros países da América Latina a garantir o direito ao voto das mulheres, ainda assim, é considerado um dos piores países em índices de representação política deste grupo. Conquistas e avanços aconteceram nesse sentido, no final do século passado e na primeira década deste milênio, com a proposta do sistema de cotas e de paridade de gênero. Em 1995, foi adotada a primeira forma da Lei de Cotas de gênero na política nas eleições proporcionais. Em diálogo com os estudos de gênero, interseccionalidade e na óptica da História do Tempo Presente, buscou-se compreender como se deram os conflitos, as adesões e os resultados desta legislação e a atuação das mulheres eleitas na Assembleia Legislativa de Santa Catarina (ALESC), entre 1998 e 2018. Em um primeiro momento, é realizado um breve histórico abordando sobre os direitos políticos das mulheres no Brasil, seguido pela discussão e debate bibliográfico sobre a Lei de Cotas, buscando observar se os partidos políticos acataram a legislação no lançamento das candidaturas em Santa Catarina. Na segunda parte, baseado no conceito de interseccionalidade, foi analisado os perfis das mulheres eleitas e suplentes, utilizando variáveis como raça/etnia, geração, grau de escolaridade e profissão. Por fim, foram analisados os Projetos de Lei feitos por estas parlamentares durante o tempo que permaneceram na ALESC. As fontes utilizadas foram os dados obtidos no site do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), do Tribunal Regional Eleitoral de Santa Catarina (TRE-SC) e da Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Foi notado que, geralmente os partidos políticos não cumprem com as cotas, o que dificulta a eleição das mulheres. Estas quando eleitas, não se dedicam necessariamente à representação de seu grupo social. Ainda, constatou-se que este é um parlamento essencialmente branco e modelado por marcadores sociais.

Palavras-chave: Gênero. Interseccionalidade. Lei de Cotas.



Como Florianópolis construiu um projeto de lei para conscientização e combate à gordofobia

Letícia Borges de Assis (UFSC)

Resumo: A gordofobia, entendida como um preconceito sobre corpos gordos que causa o constrangimento, a violência e a exclusão por meio de uma opressão estrutural (legitimada pelas instituições sociais), está sendo cada vez mais discutida pela sociedade devido aos prejuízos que acarretam para pessoas gordas a níveis psicológicos, políticos, sociais e econômicos. Tendo em vista essa realidade, a vereadora Carla Ayres (PT-SC), junto com algumas pesquisadoras e mulheres ligadas a movimentos de combate à gordofobia, como a Letícia de Assis, ativista e pesquisadora da UFSC que coordenou o “Vai Ter Gorda na Praia Sul” em fevereiro de 2016 e 2017, decidiram propor um projeto de lei. Na época do evento mencionado, o movimento reuniu diversidade de corpos na praia, um território que é tradicionalmente atribuído aos “corpos perfeitos”. Como resultado das reuniões, foi apresentado o Projeto de Lei 18285/2021, que institui o 10 de setembro como Dia Municipal de Conscientização e Combate à Gordofobia no calendário municipal. O projeto tem como objetivo dar visibilidade a discriminação e estigma social enfrentado por pessoas gordas a fim de garantir seu direito à cidade, saúde integral, educação inclusiva e ao trabalho.

Palavras-chave: Gordofobia. Corpos Gordos. Corpos Dissidentes. Antigordofobia. Lei Municipal.

Participação política de mulheres em espaços de controle social: qual a importância dos Conselhos Municipais de Direitos das Mulheres em Santa Catarina e no Brasil?

Maria Cecilia Takayama Koerich (UFSC)

Resumo: Este estudo busca promover um debate sobre os Conselhos Municipais de Direitos das Mulheres existentes no estado de Santa Catarina e no Brasil contemporâneo. Para tanto, é apresentado o contexto histórico de criação dos conselhos em nosso país e um mapeamento deste órgão público em território nacional e em Santa Catarina. Sabe-se que os Conselhos de Direitos representam uma possibilidade de participação política da comunidade em relação às políticas públicas e ao seu controle social. Benelli e Rosa (2012) dizem que os Conselhos de Direitos são órgãos vinculados administrativamente ao Poder Executivo, criados por uma legislação específica e reivindicam partilha de poder entre as instâncias do poder público e da sociedade civil organizada. Assim, os Conselhos de Direitos são espaços de importante atuação da sociedade civil, que dialoga e atua junto ao poder público, no sentido consultivo, deliberador e fiscalizador das políticas públicas. Os Conselhos Municipais de Direitos são constituídos por representantes governamentais, indicados diretamente pelo poder executivo e representantes da sociedade civil, das instituições que atuam na promoção dos direitos da população, a qual representa. Este órgão público é garantido pela Constituição de 1988 e por legislação própria, de acordo com a especificidade de cada conselho. Neste trabalho, iremos trazer à tona, os Conselhos Municipais dos Direitos das Mulheres de nosso estado e promover um debate sobre seus limites e possibilidades de atuação na promoção das políticas públicas que contemplam as mulheres.

Palavras-chave: Conselho de Direitos. Mulheres. Controle Social. Políticas Públicas.



Mulheres de direita, ditadura e ação política

Eduardo dos Santos Chaves (UFSC)

Resumo: A presente comunicação pretende abordar os comportamentos de quatro grupos cívicos femininos de direita durante a ditadura civil-militar. O objetivo principal do trabalho é verificar de que maneira as diferentes organizações, com base em suas inúmeras ações políticas, contribuíram com a legitimidade e a construção de consenso em torno da ditadura. Ou seja, de que forma suas iniciativas forneceram elementos para a construção social da ditadura, procurando assegurar respeitabilidade social e longevidade ao regime ditatorial. Minha hipótese é de que grupos cívicos femininos e ditadura trabalharam em conjunto, costurando políticas para o país, sem a imposição de demandas específicas a nenhuma das partes envolvidas nessa complexa relação. Isto é, tanto as pautas quanto as ações políticas construídas pelas mulheres de direita observavam limites ao tratar com o regime, e, da mesma forma, a ditadura sabia da necessidade de contar com o apoio dos grupos cívicos femininos e, portanto, esforçou-se para tê-los ao seu lado. Para tanto, verificarei as trajetórias de quatro associações de mulheres de direita durante a ditadura civil-militar: o Movimento de Arregimentação Feminina (MAF); a União Cívica Feminina (UCF); a Cruzada Democrática Feminina (CDF); e a Ação Democrática Feminina Gaúcha (ADFG).

Palavras-chave: Mulheres. Direitas. Ditadura.

Mulheres Incelenças e suas lideranças: protagonismos e desafios

Emmanuela Harakassara Rodrigues de Lima (UFSC)

Resumo: Esta comunicação constitui parte do projeto Mandonas, coordenado pela professora Joana Maria Pedro na Universidade Federal de Santa Catarina, cujo objetivo é “narrar a trajetória de mulheres que se tornaram liderança em diferentes campos no Cone Sul”. Desse modo, em articulação à problemática que estudo no doutorado, procuro analisar aqui as tensões em torno de Sueli de Matos, líder do grupo de Incelenças de Barbalha/CE. Este grupo é composto exclusivamente por mulheres religiosas que conhecem e praticam o ritual fúnebre de cantar incelenças ou excelências para as pessoas que morrem no sítio Cabeceiras. A trajetória de Sueli de Matos como líder desse grupo começa quando sua tia, dona Terezinha, fica impossibilitada de andar e passa para ela a missão de dar continuidade ao grupo e ao rito dentro da comunidade, especialmente no cortejo de abertura da festa de Santo Antônio em Barbalha. No entanto, a participação de Sueli no grupo não é recente. Ainda na infância, ela acompanhava a mãe, as tias, primas e amigas nos velórios desfiando rosários e cantando as tristes incelenças. Foi ali que ela contou ter aprendido tudo. De resto, o grupo de incelenças alcançou destaque nacional a partir do momento em que passou a ser agenciado pela Secretaria de Cultura da cidade e, posteriormente, do Estado como patrimônio Imaterial e Tesouros Humanos Vivos da Cultura. Cabe assinalar, ainda, o uso da História Oral como procedimento metodológico para a pesquisa, partindo das entrevistas realizadas com Sueli e outras mulheres do grupo, com vistas a compreender as dificuldades que, particularmente, ela tem enfrentado por ser mulher e por estar à frente de grupo religioso.

Palavras-chave: Incelenças. Religião. Mandonas. Mulheres.



Mulheres indígenas em movimento: trajetórias das mulheres Tabajaras na cidade de Monsenhor Tabosa (2000-2023)

Antonia Dnara da Costa Nascimento Lima (UFSC)

Resumo: Este trabalho tem como principal objetivo refletir e problematizar a trajetória de mulheres indígenas da etnia Tabajara da Serra das Matas, no município de Monsenhor Tabosa, entre os anos 2000 e 2023. Busco compreender como o movimento de mulheres indígenas é construído, através das trajetórias de lideranças das aldeias. Por meio de suas histórias proponho conhecer e evidenciar as principais pautas levantadas e seus desafios, os lugares sociais e políticos ocupados pelas mulheres que formam o movimento, buscando entender as relações de gênero no contexto em questão, e principalmente como as mulheres se percebem frente a esse movimento. Para isso a pesquisa é desenvolvida com fontes orais, documentais e audiovisuais, de diferentes acervos, públicos e privados. O recorte se dá pelas intensas mobilizações pelos direitos das mulheres nos primeiros anos do século, destaco a participação de mulheres indígenas Tabajaras na primeira Marcha das Margaridas em 2000, evento que mobiliza mulheres de todo o país, que visa reivindicar questões como o combate a violência contra as mulheres, e a defesa pelos direitos trabalhistas. E vai até 2023, pois é um momento importante de luta pela reestruturação de políticas públicas para os povos indígenas. Acreditamos que essa produção contribui de forma efetiva para os estudos da história das mulheres e das relações de gênero, e da história indígena.

Palavras-chave: Mulheres Indígenas. História das Mulheres. Trajetórias. Movimento Indígena.

Encontros com os feminismos no Paraguai (1980-1990)

Tamy Amorim da Silva (UFSC)

Resumo: As discussões das feministas no Paraguai, apesar de terem sido frequentes na região em meados de 1990, período que ganhou forma devido a Constituição Nacional negar direitos as mulheres e criar hierarquias entre elas, é pouco conhecido fora de seu país. No mesmo contexto foram criadas revistas feministas, núcleos de investigação com o enfoque nas mulheres em ONGs e algumas produções sobre a história das mulheres do Paraguai. Essa proposta de trabalho tem o objetivo de explorar alguns dos eventos organizados por e para mulheres entre as décadas de 1980 e 1990, e procura entender como eles foram importantes para a criação, fortalecimento e consolidação das organizações de mulheres investigadoras. Para tanto, explorarei as revistas produzidas pelo Grupo de Estudios de la Mujer Paraguaya (GEMPA) e pela Área Mujer do Centro de Documentación y Estudios (CDE) que narraram sobre os eventos ocorridos na região de Assunção e através deles, busco apresentar a história do feminismo no país associada aos feminismos latino americanos que estavam em pleno diálogo no período. Por meio dos eventos, pode-se ver a potência criadora dos grupos de investigação dado que passaram a também se articular e se espalharem em outros setores, articulando-se com o Estado, num período pós-ditadura, buscando estratégias de superação da desigualdade de gênero.

Palavras-chave: Paraguai. Feminismos. Encontros feministas. Revistas Feministas. Gênero.



Os jornais feministas da/na ditadura militar: o corpo-mulher-trabalho no patriarcalismo capital

Giovanna Benedetto Flores (UFF) e Nádia Régia Maffi Neckel (UNISUL)

Resumo: Corpo-mulher e a interdição social de um corpo trabalho na sociedade ditatorial dos anos 70. O corpo da mulher, atravessado e completamente determinado pelo discurso patriarcal capitalista, já se configura num campo político historicamente reconhecido desde a transição da idade média para era moderna a partir do projeto de cercania das terras conforme nos demonstra Silvia Federici (2017). A apropriação de terras tratou-se também da apropriação do corpo da mulher, ambas vinculadas como propriedade de um “senhor”. As reportagens, charges e desenhos dos jornais Brasil Mulher e Nós Mulheres marcam-se por tais sentidos socio-históricos. A posição de reconhecimento do trabalho é sempre de um “Pai”, assim como o dono de propriedades. À mulher, mesmo com “oito-braços” restam os afazeres domésticos não reconhecidos como trabalho. Na sociedade patriarcal é da mulher a competência do trabalho de reprodução humana para a manutenção de forças de produção e mão de obra. Como nos alerta a historiadora o risco do “trabalho afetivo” é quando este se converte em um marcador exclusivo e sem distinções como modo de estruturação das forças de produção na medida mesma do não reconhecimento desse lugar e a conseqüente não remuneração “uma concepção de mundo em que distinções entre produção/reprodução e trabalho assalariado/não assalariado são completamente obliteradas.” (FEDERICI, 2019, p.353). Neste trabalho propomos, a partir de uma visada materialista, tecer uma análise discursiva das reportagens, charges e desenhos que compõe as edições dos jornais Brasil Mulher e Nós Mulheres que circularam no Brasil dos anos 70, período esse de interdição ditatorial militar que fazia ecoar o lema “Deus, Pátria, Família e Propriedade”. Nosso objetivo é compreender o retorno de tais sentidos circulantes ao modo da transição da sociedade medieval que não cessam de se estabelecer ainda no século XXI.

Palavras-chave: Corpo-Mulher. Corpo-Trabalho. Imprensa Feminista. Ditadura.



Simpósio Temático: Mídias, Literatura e outras Linguagens

Coordenação: Jair Zandoná e Morgani Guzzo

Maria dos olhos d'água: representações do feminino negro no conto "Maria", de Conceição Evaristo

Francisca Cibele da Silva Gomes (UFPI)

Resumo: A presente pesquisa possui como objeto de estudo as representações femininas negras expelidas no conto Maria, de Conceição Evaristo. Tendo como objetivo geral analisar essas identidades construídas pela autora ao longo da produção contista. Os objetivos específicos foram: descrever a crítica literária impelida no enredo, especificar as relações entre gênero e racismo e ressaltar as construções identitárias da literatura afro-brasileira descritas na obra. A metodologia baseou-se em um estudo bibliográfico, descritivo e explicativo, a partir de teóricos como: Kilomba (2019), Ribeiro (2021), Evaristo (2005), entre outros, para que fosse possível debruçar-se sobre a construção literária do conto em termos de protagonismo feminino negro, representações da identidade evaristiana e o contexto explicitado. Pode-se concluir que a autora trouxe para seus escritos não somente a denúncia das condições raciais resistentes, mas também na construção do protagonismo negro dentro dos livros ficcionais e na autoria literária. Trazendo personagens construídos a partir de suas vivências advindas da infância, mas também da sua própria percepção social como integrante de movimentos sociais raciais em prol da valorização histórica, cultural e literária afro-brasileira.

Palavras-chave: Conceição Evaristo. Maria. Feminino Negro.

Lugares de memórias: contribuições da cartografia afetiva do MGA para a História Pública

José Luiz Alves Neto, Luiza Zane Deponti e Gian Carlo Camilo Telles (UNIFAL)

Resumo: Esta comunicação é um dos produtos do projeto de extensão, pesquisa e ensino AMHOR: Acervo de Memória e História do Orgulho LGBTQIA+ no Sul Mineiro, desenvolvida por docentes e discentes na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Nossa proposição é de que a memória está fortemente ancorada nos lugares onde a experiência se faz presente, atravessando-a e refazendo-a. A partir dos procedimentos de levantamento, digitalização e catalogação de fontes (jornais, fotografias, documentos pessoais), temos como objetivo produzir uma cartografia afetiva do Movimento Gay de Alfenas (MGA), evidenciando os lugares que contribuíram para a territorialização da ONG, colaborando para a história pública e o debate público, presencial e/ou virtual. Partimos do pressuposto que os afetos estão condicionados e são condicionantes dos lugares onde a vida cotidiana ocorre. Entretanto, corpos desviantes da cis-heteronormatividade são paulatinamente preteridos do espaço público e, conseqüentemente, do debate público: contudo, como o MGA conseguiu, a partir de suas ações, resistir a este processo? Para tanto, a produção cartográfica afetiva possibilita compreender em quais espaços o MGA foi atuante e os impactos do seu trabalho, sendo que a memória contribui para o avivamento destes espaços envoltos por experiências. Com isso, acreditamos que esta proposta contribui para as discussões em torno da História Pública da população LGBTQIA+ evidenciando sua participação ativa na cidade de Alfenas.

Palavras-chave: Memória. História Pública. Cartografia. Lugar.



Data analysis como base para uma História das mulheres na literatura brasileira

Virgínea Novack Santos da Rocha (PUCRS)

Resumo: O crescimento da área de Humanidades Digitais vem expandindo não apenas metodologias mas também modos de formular hipóteses de pesquisa dentro das Humanidades e, no caso dessa comunicação, os modos de formular perguntas à História da Literatura brasileira. Desse modo, o que se pretende aqui é apresentar uma base de dados, construído manualmente, de escritoras brasileiras de 1822 a 2022 com a intenção de propor novos insights dentro do que se entende hoje como "literatura de mulheres/feminina", rompendo, de uma vez por todas, com ideias tradicionalmente consolidadas por uma crítica, geralmente, masculina. Assim, portanto, objetivo central dessa comunicação é evidenciar as ferramentas de análise de dados que possibilitaram o questionamento à história literária tradicional, como a transformação de informações biográficas dispersas em dados estruturados e os modos (do mais simples ao mais complexo) como tais dados podem ser lidos e apresentados (data analysis e data visualization tools) para que outras pesquisadoras da área literária possam ter contato com os resultados dessa pesquisa bem como possam elaborar pesquisas na área de Humanidades Digitais a partir de suas atuais preocupações teóricas/críticas.

Palavras-chave: Escritoras. Mulheres. Humanidades Digitais. História da Literatura. Feminismo.

Mademoiselles e arte: a representação feminina nas propagandas dos periódicos de Fortaleza

Teresa Louise Felix Tavares (UECE)

Resumo: O atual estudo visa analisar as representações das mulheres nas propagandas de alguns periódicos que circulavam na capital do estado do Ceará no início do século XX, por um olhar da nova história cultural juntamente com a iconologia, que é o estudo da imagem. Analisando essas propagandas percebe a dicotomia que existe, de um lado a mulher representada é aquela "bela, recata e do lar", idealizada, como a mãe, dona de casa, sempre subordinada dos ideais patriarcais. E de um outro, vemos uma mulher independente, a mulher que estava começando a se desenvolver, começando a sair dessa tutela radical, e começando a ser independente. Nesse início de século percebe-se uma maior abertura para mulher, ela começa a ter a opção de sair de casa e socializar, chegando a ocupar alguns mesmos lugares de socialização que os homens. Vale ressaltar, que apesar dessas mudanças e maior liberdade, não significa que elas conseguiram liberação, a sociedade desse período ainda era extremamente patriarcal, e essas mudanças é o começo das transformações que iram ocorrer, pequenos passos a caminho de uma maior liberdade e conquistas de direitos. A escritora Simone de Beauvoir, explica como durante esse período veio uma tímida promessa de libertação da condição feminina, as mulheres finalmente conseguiram chegar à vida pública através do mercado de trabalho (BEAUVOIR. 1980). Margareth Rago(1992) fala que o processo de emancipação feminina nessa época foi conservador, já que apesar que defendiam que a mulher devesse estar no espaço político, ou educando-se, elas ainda deveriam ser as mães perfeitas que o estado burguês queria.

Palavras-chave: Gênero. Propaganda. Iconologia. Periódicos.



O site Mina de HQ através de algoritmos computacionais: uma análise histórica

Gabriela Alves Costa Fernandes Ferreira (UFMS), Cintia Lima Crescêncio (UFABC) e Fernanda Rocha de Moraes Gonçalves

Resumo: O presente trabalho é fruto de pesquisa desenvolvida junto ao projeto “Feminismo e Internet” e apresenta parte dos resultados da cooperação entre pesquisadoras da área de história e das ciências da computação, cujo objetivo é realizar uma análise do site Mina de HQ a partir de dados levantados por algoritmos computacionais. No ar desde 2015, o site reúne publicações de cartunistas mulheres, trans e pessoas não binárias que abordam as mais variadas questões, tais como sexualidade, trabalho e política. O Mina de HQ é objeto de análise privilegiado e fomenta a reflexão sobre feminismos no ambiente virtual, possibilitando uma investigação histórica sobre iniciativas, coletivos e ações de quadrinistas na atualidade. Nosso levantamento se deu com a determinação de palavras-chave e inserção das mesmas em softwares de busca estruturada na internet (web scraping e web crawling), a partir dos quais obtivemos gráficos e nuvens de palavras. Com os dados levantados de maneira automatizada pudemos identificar os assuntos mais recorrentes e a maneira como são abordados pelas artistas e editoria do site, observando um crescente interesse na produções do norte e nordeste, a existência de debates bem informados sobre questões raciais e de identidade de gênero, bem como uma profissionalização do Mina de HQ, que se tornou uma marca.

Palavras-chave: Mina de HQ. Feminismo. Quadrinhos. Algoritmos Computacionais.

Proposta de debate de memória e gênero a partir do cinema: o caso da última ditadura argentina (1976-1983)

Larieli Ceron de Lima (UNESP)

Resumo: A presente apresentação pretende exibir e detalhar a construção da proposta da pesquisa em andamento inserida no debate e revisão da questão de gênero nas formas de atribuição de sentido ao passado na última ditadura argentina (1976-1983). Nossa proposição de inserção nesta discussão se dá a partir de uma importante tecnologia amplamente empregada no contexto de redemocratização como veículo da memória: o cinema. Para tanto, partimos da compreensão deste como uma tecnologia de memória e de gênero, destacando seu potencial de afetar os corpos e seus diferentes modos de agir, pensar e rememorar o passado sob a dimensão de gênero. Deste modo, concebemos ser possível, compreender os lugares e funções ocupadas por homens e mulheres nesse evento traumático e na memória que passa a ser elaborada nos anos seguintes através do cinema. Elegemos para isto os dois primeiros filmes produzidos na nação argentina a retratar a temática dos anos anteriores: La Historia Oficial (1985) de Luiz Puenzo, e La Noche de los Lápices (1986) de Hector Oliveira. A partir das obras objetivamos discutir as representações e relações de gênero nos casos de violências sexuais e de gênero às quais foram submetidos homens e mulheres no contexto de repressão e o espaço reservado às narrativas destas experiências, ademais, buscaremos acrescentar ainda o debate do papel atribuído às mulheres na construção da memória dos eventos anteriores e o predomínio de sua manifestação sob a posição de vítimas indiretas e militantes de direitos humanos, sobretudo a partir de seus vínculos familiares. Pretendemos, neste sentido, evidenciar os elementos narrativos e audiovisuais que nos levaram à seleção das obras e da temática, discutindo os avanços do debate entre memória e gênero e buscando desvelar o potencial de contribuição das fontes fílmicas no cenário.

Palavras-chave: Gênero e Memória. Cinema Argentino. Ditadura Argentina.

Gênero, poder e imagem: a luta de representações sobre a Princesa Imperial

Laís Paiva da Ressureição (UERJ)

Resumo: O presente trabalho se apresenta com a finalidade de analisar e evidenciar a luta de representações tecidas e construídas a respeito da Princesa Isabel, diante de uma perspectiva de gênero como categoria política de análise histórica. É de interesse estabelecer um paralelo com a construção do feminino no poder, através da figura de D. Isabel, como sucessora do trono imperial e Princesa Regente, e o papel social, de filha, esposa e mãe, postulado às mulheres abastadas no século XIX. Em destaque para confluência de dois preceitos básicos, estruturantes e formadores da sociedade imperial, o âmbito público e o privado. É nesta direção que tem por objetivo explicitar que a figura da Princesa Isabel constitui uma intersecção entre o gênero, sendo Isabel, uma mulher branca integrante da monarquia, e o poder, enquanto futura sucessora do trono e Princesa Regente. Sendo assim, é possível investigar a luta de representações travadas no Parlamento Imperial, compostas por uma camada masculina, branca e letrada de intelectuais, que transitavam nos âmbitos políticos e públicos oitocentista, o que representava uma mulher como herdeira legítima da Coroa Imperial, e em um cargo máximo de poder no XIX. Portanto, busca através do cruzamento dos discursos parlamentares e dos registros fotográficos, abranger as discussões presentes no campo social e político, e historicizar a construção do feminino no poder através da luta de representações, que emergem por intermédio da representação e da auto representação da figura de D. Isabel, e definem a disputa entre projetos políticos de poder no Brasil da segunda metade do século XIX.

Palavras-chave: Gênero. Poder. Imagem. Representação. Princesa Isabel.

"Deus as fez e o Diabo as ajuntou": narrativas, gênero e crime através de fait divers em jornais (Fortaleza, 1850-1890)

Nicodemos Zacarias da Silva (UFC)

Resumo: Nosso intuito é analisar como dentro de alguns dos principais jornais de Fortaleza, na segunda metade do século XIX, se constituíram espaços e fórmulas específicas para lidar com o crime de forma a privilegiar a narratividade e produzir sensações controversas no público leitor. De igual modo, procuramos destacar como essa produção discursiva sobre a violência alcançou uma considerável diversidade de relatos nos periódicos desse período. Destacando-se, sobretudo, os fait divers sobre crimes violentos cometidos por mulheres. Os quais se tornavam presença comum nos jornais locais bem como naqueles dos grandes centros. Para tanto, apontamos para uma significativa produção e circulação de notícias com temática voltada para a criminalidade feminina e para o reforço de uma moralidade restritiva e dos costumes da época. Intentamos perceber no crescimento desse gênero textual e na sua proximidade com as outras narrativas de caráter moralista, uma tentativa de dialogar e moralizar um público leitor ainda incipiente na época. Ao mesmo tempo, buscamos destacar como a produção e reprodução dessas narrativas nos periódicos era profundamente marcada por uma tentativa de legitimação dos marcadores de gênero do período. Desse modo, buscamos discutir como os fait divers, então em ascensão dentro dos jornais, constituíam também, um espaço de reafirmação de papéis sociais e de feminilidades e o combate a perfis dissidentes. Nessa perspectiva, procuramos discutir como aquelas narrativas sobre crimes violentos, grotescos ou bizarros transformou-se, também, numa fórmula recorrente, ao cristalizar condutas transgressoras, crimes ou mortes violentas em notícia. Assim, nossa intenção é problematizar o quanto a fabricação e a circularidade desse gênero narrativo revelava sobre o próprio caráter violento, moralista e controverso da sociedade local e como esta tentava lidar com isso, para além dos discursos tradicionais, das normas ou das leis.

Palavras-chave: Narrativas. Jornais. Gênero. Crime.



Mulheres e/na literatura: apontamentos em torno da literatura brasileira escrita por mulheres outrora e agora

Jair Zandoná (UFMS)

Resumo: As reflexões de Teresa de Lauretis (2019) quanto às concepções culturais de masculino e feminino, que formam um sistema de gênero, produz um sistema simbólico ou de significações responsável por organizar valores e hierarquias culturais sobre os conteúdos culturais. Dessa maneira, o “sistema sexo-gênero” (LAURETIS, 2019) conecta-se tanto a fatores políticos quanto econômicos nas sociedades, motivo pelo qual, seguindo as reflexões de Norma Telles (1992), gênero importa sempre, assim como raça, classe, sexualidade etc. Ao passo que o sistema sexo-gênero, assim como o colonial, interfere[m] nos modelos de conhecimento e de relacionamento, estruturado[s] de tal modo a proporcionar[em] vantagens para alguns e [muitas] desvantagens para outras/os, esta intervenção pretende tomar a literatura brasileira produzida, sobretudo, a partir do século XX por mulheres como campo profícuo para tensionar esses sistemas. Se figuras como Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus – entre tantas outras escritoras obliteradas pela crítica e pelo tempo – são exemplares para o debate ensejado, Conceição Evaristo e, mais recentemente, Cristiane Sobral, Jarid Arraes – para citar alguns nomes – contribuíram e têm contribuído na produção de rupturas, de contranarrativas que contribuem para uma prática disruptiva do cânone.

Palavras-chave: História da Literatura. Literatura Brasileira. Literatura de Autoria Feminina.

Clube de leitura de Histórias em quadrinhos a partir de um feminista

Daniela dos Santos Domingues Marino (USP)

Resumo: A Mina de HQ é uma iniciativa que reúne site, redes sociais e diversos projetos de curadoria e divulgação de histórias em quadrinhos produzidas por mulheres cis e trans, pessoas não-binárias e homens trans a partir de uma perspectiva feminista interseccional. Uma de suas principais atividades é o Clube de Historietas, que reúne leitores a cada 3 meses para discutir uma HQ escolhida e que tenha sido produzida por alguma das pessoas contempladas pela proposta da Mina. Segundo Olson (1997), qualquer leitura comprometida deveria contemplar a ideia de que há nos textos escritos mais do que eles aparentemente dizem. Seria importante pensar na interpretação além do léxico e da gramática, mas também no contexto da escrita, no autor e no seu possível público leitor, o que Olson chamou de recuperação da força ilocucionária. A perspectiva trazida por Olson dialoga com a proposta de Corona-Berkin (2020) de uma produção de conhecimento horizontal (PHC). O diálogo igualitário validaria as falas dos participantes de acordo com os argumentos e não através de uma hierarquia de poder, pois ele potencializaria, em vez de anular, a reflexão de cada pessoa” (Flecha, 1998, p. 45). Em relações igualitárias (em contextos horizontais e equitativos, em que não há relação explícita de poder), o diálogo tende a caminhar rumo à superação de desigualdades, ainda que o contexto de comunicação social seja real, portanto não neutro, e algumas vozes exerçam maior influência que e outras (Corona-Berkin, 2020). Assim, o objetivo dessa comunicação é compartilhar algumas perspectivas sobre o clube de leitura da Mina de HQ como uma forma de desenvolver a empatia dos leitores por meio da leitura crítica de viés feminista e falar da importância da divulgação e da curadoria das HQs escolhidas como uma forma de circular as obras e aumentar a visibilidade de quem as produz.

Palavras-chave: Feminismo. Histórias em Quadrinhos. Clube de Leitura.



A convergência antropofágica dos corpos em fome azul, de Viola Di Grado

Verônica Farias Sayão (PUCRS)

Resumo: A corporeidade é uma área de estudo que apresenta diversas facetas, as quais expõem questão de como se colocar no mundo e como percebê-lo, possuindo um diálogo profundo com a subjetividade do indivíduo. Desta forma, este estudo busca analisar como os corpos de três personagens correlacionadas são apresentados na obra, principalmente o contraste existente entre o corpo da narradora em comparação ao corpo da amante, Xu, e ao corpo do irmão gêmeo, Ruben. Consequentemente, propõe-se a pensar a antropofagia existente na relação complexa de absorver o outro. Ou seja, o processo que ocorre quando a narradora absorve o irmão, inclusive sua identidade, e deixa-se ser absorvida por Xu. Logo, a forma como o corpo é exposto na obra parece expressar tanto uma manifestação de poder como de submissão, na qual a narradora está em ambas as posições. Ademais, para que essas questões sejam devidamente investigadas, procurou-se aporte teórico em Butler (1993; 2013), Foucault (2004; 2015), Grosz (1994), Le Breton (2003; 2010), Merleau-Ponty (2006), Tavares (2021) e Soihet (2002).

Palavras-chave: Corporeidade. Feminismos. Antropofagia. Literatura Italiana,

Relações de gênero e disseminação de estereótipos na imprensa: uma análise da Revista Manchete (1975-1979)

Maria Daniele Mourão da Costa (UVA)

Resumo: Este trabalho buscou analisar de que modo as figuras femininas e masculinas estão representadas nas reportagens e campanhas publicitárias que foram veiculadas na Revista Manchete entre os anos de 1975 a 1979. Com isso traçou-se um breve panorama da história da revista em seu momento de fundação e em seu posterior momento de glória, quando se tornou conhecida e popular em todo o país. É significativo mencionar que, ela esteve em ascensão durante um período ditatorial, em que diversas mídias tiveram seu conteúdo censurado - sendo assim, foi importante perceber o viés ideológico do periódico para saber se ele sofreu sanções, ou se pôde circular livremente. Esse período também foi caracterizado por grandes mudanças referentes à conquista de direitos femininos e pelo alargamento de debates em torno do feminismo. Ao escolher esse recorte tentei perceber de que forma a revista se portou em meio à censura, e como as mudanças de papéis sociais foram expostas no periódico. Ao se popularizar, a revista foi desenvolvendo um grande poder de influência entre os seus leitores, com isso, é de extrema importância refletir sobre como os estereótipos de gênero presentes nas páginas ajudaram a fortalecer certos ideais entre o público da época.

Palavras-chave: Ditadura. Gênero. Estereótipos. Imprensa. Manchete.



“Entrei pelo seu rádio, tomei, cê nem viu”: a difusão de ideias feministas nos podcasts **Não Inviabilize e Afetos**

Renata Cavazzana da Silva e Aline Dias dos Santos (UFSC)

Resumo: Podcasts têm se tornado cada vez mais populares no Brasil com o surgimento exponencial de novos programas e o aumento crescente de consumidores. O podcast poder ser definido um conteúdo de mídia independente, em formato de áudio ou vídeo, disponível de forma gratuita por meio da internet. A facilidade de acesso a essas mídias, especialmente em aplicativos de streaming de áudio, somada à flexibilidade de seu consumo, que pode ser conciliado com tarefas cotidianas, chamam a atenção para o alcance do podcasting e seu uso como uma ferramenta de difusão e amplificação de ideias. Além disso, o caráter segmentado e colaborativo dos podcasts mostram a sua capacidade de promover a criação de comunidades, baseadas na identificação entre produtores e consumidores, e entre consumidores. Sendo assim, propomos refletir sobre a potencialidade do podcast para estimular e divulgar debates importantes e novas narrativas de sujeitos que dificilmente ecoam em mídias tradicionais, colocando em destaque produções de mulheres negras. Para tanto, analisamos comparativamente os podcasts Não Inviabilize e Afetos, programas com diferentes formatos e criados por mulheres negras. A partir de um levantamento dos temas abordados em episódios selecionados de ambos podcasts, buscamos identificar os principais debates colocados por suas respectivas criadoras, relacionando-os a questões centrais do pensamento feminista negro.

Palavras-chave: Podcast. Não Inviabilize. Afetos. Feminismo Negro.

Os moldes femininos em Belém do Pará (1895-1895): controles sociais e o discurso jornalístico

Mariane Tavares Zibell (UEPA)

Resumo: O presente trabalho abordará como se deu a construção do ideal feminino, sua perpetuação e consequências em Belém nos anos de 1895-1920. Os objetivos consistem em analisar os modos comportamentais impostos às mulheres de Belém dentro do contexto social do período; compreender o papel do governo na construção desse "modelo feminino" e seu interesse social; verificar a participação dos discursos jornalísticos na disseminação e afirmação desse ideal. Destarte, por meio dos padrões considerados corretos, buscar entender a ideia de mulher do período, e quais as diferenciações entre ele e as mulheres que divergiam desse ideal? Como se deu a relação entre o governo e os jornais para a construção desses discursos? De que modo a historiografia brasileira abordou esse período da História das mulheres? Para compreender essas questões, a metodologia utilizada será uma abordagem quantitativa e o método crítico-dialético, valendo-se principalmente das obras de Margareth Rago (1985), Cristina Cancela (1997) e (2006), Mary Del Priore (2004), Michelle Perrot (2007), Joan Scott (1995), Joana Maria Pedro e Rachel Soihet (2007), Michel Foucault (1987) e Robert Park (1976). Também será utilizada a coleta de dados nos jornais do período disponíveis na Hemeroteca Digital principalmente Diário de Notícias, Diário do Pará, A Boa Nova e O Liberal do Pará, os quais registraram opiniões morais e religiosas sobre esse grupo. Com isso, objetiva-se contribuir para a escrita da História das mulheres e de Gênero visando ampliar os estudos acerca dessas mulheres que por vezes foram silenciadas e colocadas no ambiente doméstico visto como "lugar de mulher".

Palavras-chave: Mulheres. Controle Social. Jornais. Ideal.



O reconhecimento das mulheres na história: Jane Austen e a história do romance

Camila Rafaela Pereira de Souza (Secretaria Municipal de Educação)

Resumo: É certo que as relações desiguais entre homens e mulheres, como também todos os conflitos delas decorrentes, inventaram e distribuíram espaços simbólicos e físicos, públicos e privados, específicos para as mulheres, ao longo da história humana. Por isso, pensar as mulheres como sujeitos ativos, na condição de criadoras de espaços próprios pelo exercício de contra poderes, é o ponto de partida deste texto principalmente porque é deveras necessário reconhecermos os lugares que as mulheres ocuparam e ocupam na história da humanidade seja em qual âmbito for: político, econômico, social ou literário. Pensando sobre isso e partindo do meu lugar de pesquisa, este texto visa apresentar e discutir sobre o reconhecimento e a contribuição da autora inglesa Jane Austen (1775-1817) para a História e a história do romance. Para tanto, buscou-se perceber o clima da época em que a autora esteve inserida e suas insatisfações frente à sua realidade enquanto mulher numa sociedade extremamente patriarcal pensando a partir das interseções estabelecidas entre relações de gênero e outros pertencimentos identitários. No caso deste trabalho, tanto as relações de gênero quanto as de classe serviram como variáveis para entender os processos de experiência no espaço – sul da Inglaterra – onde a autora viveu. Jane Austen foi por muito tempo encoberta por um manto de decoro e discrição imposto pela sua família e só recebeu o reconhecimento merecido tempos depois de sua morte e com o acesso às suas correspondências pessoais. Reconhecer Jane Austen dentro do cânone literário e conseqüentemente sua importância para a história foi de extrema importância para as mulheres escritoras que vieram antes e principalmente depois dela e que puderam se espelhar e se influenciar pelo seu trabalho. Assim como serviu para exemplificar como as mulheres, como sujeitos, são produzidas e reprimidas pelas estruturas de saber-poder.

Palavras-chave: Literatura. Jane Austen. Gênero.

A presença da mulher nos estudos em comunicação na América Latina

Maria Cristina Gobbi, Mara Fernanda De Santi, Caroline Cavalleiro Campos (UNESP)

Resumo: A produção comunicacional da e na América Latina, como afirma Jesús Martín-Barbero (1997), é um redescobrimto de complexas polêmicas, de problemáticas postergadas, de genealogias que interconectam campos e linhas de pensamentos singulares. Antagônicas em muitos aspectos, mas extremamente calcadas em tradições acadêmicas e perspectivas teóricas exclusivistas, como baseadas nas práticas e nas experiências individuais protagonizadas, em sua grande maioria, por pesquisadores homens. Para os cenários múltiplos dos estudos comunicativos devemos levar em consideração características estruturais, sociais, político-culturais e de gênero, tão diferentes em uma região matizada como a nossa. Assim, esta pesquisa, de caráter exploratório, pretende a partir de um complexo metodológico interligado pela investigação bibliográfica, pesquisa histórica (historiografia social), categorizada por “espaço de experiência” e “horizontes de expectativas” (KOSELLECK, 2006) e “gênero” (SCOTT, 1995), em especial dos trabalhos de Michelle Rosaldo e Louise Lamphere (1979), resgatar, sistematizar, analisar e focalizar as contribuições das mulheres para os estudos comunicativos latino-americanos, tendo como recorte espaço-temporal: os livros sobre comunicação produzidos pelo Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (Ciespal), no período de 1959 até 1999. Espera-se obter com a conclusão do projeto elementos para o desenvolvimento de outros olhares para os estudos em comunicação, traduzidos a partir de das experiências diversificadas protagonizadas por pesquisadoras, na região. Do mesmo modo, considerando os contornos sócio-culturais múltiplos, expressar mudanças capazes de colaborar no cumprimento da Agenda 2030, em especial com referência aos objetivos 4, 5, 10 e 16, que contemplam a Educação Inclusiva e de qualidade; Igualdade de Gênero e Empoderamento Feminino; Redução das Desigualdades e Cultura de Paz; Justiça e Instituições Eficazes, respectivamente.

Palavras-chave: América Latina. Ciespal. Comunicação. Mulher. Pesquisa Histórica.



"Os apaixonados protestam, lutam, revolucionam": percepções de homens militantes sobre seus relacionamentos heterossexuais durante a ditadura brasileira

Luísa Dornelles Briggmann (UFSC)

Resumo: Este trabalho aborda, sob a ótica dos estudos de gênero e da história das emoções, a presença do amor nas memórias dos militantes homens e heterossexuais que resistiram à ditadura brasileira. A partir de entrevistas, coletâneas e livros memórias, observa-se qual o espaço dedicado aos relacionamentos afetivos em suas narrativas. São fontes, produzidas em temporalidades, com maneiras e finalidades distintas, que possibilitam uma gama diversa de percepções sobre as relações amorosas vivenciadas e trazidas por estes homens. Nelas, é possível perceber a masculinidade militante, e como o tempo dedicado à causa revolucionária, a clandestinidade e a prisão moldaram relacionamentos carregados de peculiaridades, sempre inundados em vivências próprias de seu contexto histórico. Em suas narrativas, esses homens heterossexuais também tendem a priorizar suas vivências públicas, suas próprias militâncias e envolvimento políticos em prol de suas recordações mais íntimas e familiares. A militância e a repressão ditadura e uniam e separavam casais, e viam emergir um novo tipo de amor: companheiro e revolucionário. Um amor que não deveria ser maior do que o dedicado à revolução e ao povo brasileiro, mas que andava lado a lado na luta contra os militares e que tinha em suas utopias sua principal afinidade; uma afinidade que parecia caminhar mais rápida que a guerra, impulsionada por um futuro incerto e pela necessidade de se viver somente o presente. Através das escritas destes militantes, procura-se também problematizar as relações de poder e de gênero que envolveram e constituíram seus relacionamentos amorosos e suas memórias.

Palavras-chave: Amor. Casais Militantes. Ditadura Brasileira. Gênero.



Simpósio Temático: Políticas, Mulheres e Gênero

Coordenação: Mônica Karawejczyk e Sarah Pinho Da Silva

Luíza Távora, "mãe dos pobres": a construção e os usos políticos de uma imagem no Ceará (1960-1990)

Norma Sueli Semião Freitas (UFC)

Resumo: O presente trabalho objetiva analisar a atuação da primeira-dama Luíza Távora, buscando entender, a partir de sua figura pública, como ela articula relações entre gênero, política e religião, durante as décadas de 1960-1990, no Ceará. Luíza Távora desenvolveu ações de cunho social que lhe atribuíram destaque como mulher e como primeira-dama. Ela ao participar diretamente na execução dos projetos de assistência social do governador Virgílio Távora, ganha notoriedade ao ponto de ficar conhecida como "mãe dos pobres", tendo em vista que o Estado passou a possuir o controle do processo, enquanto, anteriormente, era a Igreja a principal articuladora das atividades de assistência à pobreza (ALENCAR JÚNIOR, 2006). Luíza Távora, assim, soube utilizar bem o lugar de primeira-dama nos espaços de poder para ultrapassar os limites de "bela, recatada e do lar". A sua figura central, ativa, imponente, aparece sempre, ou quase sempre, no meio dos homens de poder. Logo, a análise dessa figura permite problematizar as relações entre público e privado, tendo em mente que as primeiras-damas "se lançaram na esfera pública a partir da sua condição de seres privados"(SIMÕES, 1985); e, ao mesmo tempo, buscar compreender as maneiras como essa personalidade interveio na área social, como parte das políticas públicas. Na perspectiva do gênero, sua percepção, por vezes, limitada ao feminino e presa às dimensões do corpo e da vida privada, é superada por uma dimensão que avança sobre os espaços públicos da política, da cultura e da religião. Portanto, busca-se compreender as relações de poder que existem entre homens e mulheres, ligadas à cultura machista; bem como entender como são criadas normas de gênero e construídos discursos e imagens que mobilizam o feminino (mulher, mãe, caridosa), sob o signo cristão, como estratégia política.

Palavras-chave: Gênero. Política. Religião. Primeira-Dama.

Emma Goldman à Di Prima: maternidade, contracepção e revolução

Francine Gehring Martinez (UFPR)

Resumo: O presente artigo traz uma breve análise dos trabalhos acerca do controle de natalidade por Emma Goldman, notória lituana anarcofeminista do início do século XX, duramente perseguida por seus posicionamentos e militância a favor da contracepção, do antimilitarismo e do anticapitalismo, e de Diane Di Prima, escritora da geração Beatnik, que optou viver de forma contracultural, trazendo em seus poemas de forma sensível a dura realidade da existência feminina mesmo no cenário da resistência, que não estava a par das construções patriarcais que oprimem as mulheres e, sobretudo, da maternidade solo.

Palavras-chave: Anarquismo. Maternidade. Contracultura.

Ministério das Mulheres americano? Women's Bureau, gênero e mão de obra feminina no imediato pós-guerra

Ana Carolina Sodré Ferreira (USP)

Resumo: Após muitas pressões e lobbies políticos de sindicatos e organizações de mulheres, em 5 de junho de 1920, o Congresso estadunidense emitiu uma ordem pública que criou o Women's Bureau dentro do U.S. Department of Labor (o Ministério do Trabalho dos EUA). Pela primeira vez na história do país, foi criada uma agência federal dedicada exclusivamente ao bem-estar e interesse da classe trabalhadora de mulheres. Desde sua criação, o Women's Bureau dedicou-se à luta pelos direitos trabalhistas das mulheres, não sendo incomum reivindicar, também, por direitos econômicos, políticos, civis e sociais. Além de ter produzido extensos estudos – muitos inéditos –, e coleta de dados sobre a situação da mão de obra feminina, publicados em formato de boletins, panfletos, relatórios, discursos, entre outros. Durante a primeira metade do século XX, o Women's Bureau foi um ponto de encontro de lideranças trabalhistas e da classe trabalhadora de mulheres, se apresentando como alternativa aos movimentos feministas elitistas e brancos da época. De origem ambígua, por um lado o Women's Bureau era aliado de sindicatos e organizações políticas e profissionais de mulheres; por outro, era uma agência federal subordinada aos interesses do presidente do país e U.S. Department of Labor. No imediato pós-guerra, a agência apresentou um discurso político e trabalhista que não contestava a ordem hierárquica e opressiva de gênero e raça da sociedade estadunidense, tendo, inclusive, reiterado alguns estereótipos de gênero e essencialismos biológicos. Ao mesmo tempo, contudo, a agência defendeu a igualdade de direitos entre mulheres e homens, independentemente de gênero e raça, e adotou um discurso cientificista que desconstruiu determinismos biológicos por meio da tecnologia e ciência. Apesar das controvérsias, o Women's Bureau, sem dúvidas, é um exemplo de ativismo feminista na esfera governamental, e de como reivindicar direitos por meio dos mecanismos de controle e exploração do opressor.

Palavras-chave: Women's Bureau. Pós-Guerra. Ministério das Mulheres. Trabalhadoras Mulheres. EUA.

"Damas em guerra": os paradoxos da inserção feminina na comissão do anteprojeto de constituição (1932)

Mônica Karawejczyk (PUC-RS)

Resumo: Uma das primeiras inserções femininas no mundo político, no Brasil, logo após a efetivação do Código Eleitoral (de 24 de fevereiro de 1932) que reconheceu a nível nacional e na letra da lei o direito de votar e ser votada a todas as mulheres, foi a indicação de duas mulheres para a comissão do anteprojeto da nova Constituição. Tal indicação se deu na esteira da publicação do decreto 21.402 de 14 de maio de 32 que estabeleceu a data das eleições para a nova Constituinte para 3 de maio de 33 e determinou a criação de uma comissão para elaborar o anteprojeto da Constituição sendo que, para esta comissão, seriam designados “tantos membros quantos fossem necessários – representando as correntes organizadas de opinião e de classe”. Bertha Lutz e Natercia da Cunha Silveira, líderes de duas das principais associações femininas da época que atuavam na Capital Federal, respectivamente a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) e a Aliança Nacional de Mulheres (ANM), protagonizaram uma “guerra” pública para que fosse indicado um nome feminino para participar da comissão de elaboração do anteprojeto constitucional. A proposta dessa comunicação é assim tanto apresentar as nuances de tal questão e que expõe os paradoxos de uma das primeiras inserções públicas das mulheres no mundo político, quanto dar a conhecer como tal história se desenrolou além de expor a rivalidade entre esses grupos femininos/feministas. Esta é uma pesquisa em desenvolvimento e tem como fontes principais a imprensa do período, uma série de telegramas enviados para o governo provisório (que se encontram em poder do arquivo histórico da Câmara Federal) e correspondências do fundo da FBPF (presentes no acervo do Arquivo Nacional).

Palavras-chave: Associações Femininas. Anteprojeto de Constituição. Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Aliança Nacional de Mulheres.



Transexualidade e violência: o cotidiano de mulheres trans e travestis na sociedade brasileira

Luciene Carla Corrêa Francelino (UFES)

Resumo: O presente estudo é parte integrante de uma pesquisa de doutorado, que investiga as violências que mulheres transexuais e travestis enfrentam e os mecanismos que utilizam para subsistência. Dentre os diversos tipos de violências, podemos destacar: as dificuldades enfrentadas na família em virtude da transexualidade, os preconceitos vivenciados no ambiente escolar e os desafios para conseguirem um emprego formal. Em virtude da dificuldade de inserção no mercado de trabalho, muitas dessas mulheres são empurradas de forma compulsória para a prostituição. A transfobia tem sido responsável pelo extermínio dessa parcela da população, os crimes são ritualizados, com requintes de crueldade e violência, como uma forma de espetacularização. O Brasil é o país que demonstra maior nível de intolerância contra essas pessoas. Tais violações de direitos se manifestam de diversas formas, como: assédio moral, violência física, psicológica, até o assassinato. Para embasar esta pesquisa serão utilizados relatos de mulheres transexuais e travestis, dados estatísticos obtidos através de relatórios produzidos pela ANTRA (Associação Nacional de Travestis e transexuais) e reportagens veiculadas nos meios de comunicação impresso e digital.

Palavras-chave: Mulheres Trans. Travestis. Violência. Subsistência. Cotidiano.

Acervo digital AMHOR: levantamento, produção e disponibilização de fontes voltadas à memória LGBTQIA+ em Alfenas

Paulo Ricardo Passos Rezende, André Luís Teotônio Teixeira, Augustine Araújo Khair, Ana Beatriz de Melo Ambrósio, Marcos Régis Batista da Costa (UNIFAL)

Resumo: O presente trabalho apresentará um recorte do projeto de extensão intitulado AMHOR (Acervo de Memória e História do Orgulho LGBTQIA+) no sul-mineiro, desenvolvido por estudantes da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) com a comunidade LGBTQIA+, em especial, o Movimento Gay de Alfenas (MGA). Neste trabalho, enfocamos a pesquisa coletiva acerca da temática das fontes que compõem acervos e arquivos voltados à memória LGBTQIA+. Tendo como inspiração trabalhos como o CLOSE (UFRGS) e Bajubá (SP), procuramos levantar, registrar, produzir e divulgar as fontes (orais e documentais) dos membros do MGA e de outros/as sujeitos/as LGBTQIA+ na Universidade e nos espaços de Alfenas. A pesquisa busca fazer a catalogação, a organização, a divulgação e também estimular a análise desses documentos a fim de compreender e visibilizar as ações do movimento na cidade e os impactos na ocupação dos espaços, defendendo o direito à memória e à história. Assim, discute-se as temáticas de memória, patrimônio e história pública LGBTQIA+. Para tanto, nos baseamos nos debates sobre arquivos e acervos digitais, história pública digital, memória e patrimônio LGBTQIA+.

Palavras-chave: AMHOR. Acervos LGBTQIA+. Memória. Alfenas.



Solidariedade em tempos de ditadura: conexões transnacionais do movimento LGBTQIA+ latino-americano

Henrique Cintra Santos (UFSC)

Resumo: A ascensão de movimentos homossexuais/LGBTQIA+ em alguns países da América Latina, no decorrer das décadas de 1960 e 1970, foi atravessada pelo impacto repressivo e censório dos diversos regimes ditatoriais que se estabeleceram na região. Assim, além de lidarem com a homofobia e o machismo hegemônicos naquele momento, esses dissidentes da cisheteronormatividade enfrentaram discursos autoritários que viam na dissidência de gênero e/ou sexualidade traços da subversão e, portanto, algo a ser reprimido. Nesse sentido, pretendemos observar como as conexões transnacionais auxiliaram esses grupos a suplantarem o medo e o isolamento impostos pelas ditaduras. Focando no contexto brasileiro e no argentino, observaremos de que forma o contato transnacional: inseriu tais grupos em uma rede de assistência que ajudava a manter estes em atividade, informando o exterior de sua situação; e também como estas conexões facilitaram a elaboração de um pacote interpretativo e de referência essencial para a solidificação de propostas políticas e de atuação para esse movimento. Com base em pesquisa bibliográfica e em documentos do Arquivo Edgard Leuenroth, em especial do Grupo Somos e do Grupo Triângulo Rosa, almejamos sublinhar a imprescindibilidade em considerar conexões e dinâmicas transnacionais na interpretação de processos de formação e ação dos movimentos homossexuais/LGBTQIA+ na América Latina.

Palavras-chave: Movimento LGBTQIA+. História Global. América Latina. Ditadura.

Violência política de gênero e História das Mulheres: entrecruzamentos

Sarah Pinho da Silva (UFSC)

Resumo: A violência, na política, não é um fenômeno recente, mas, nas últimas décadas, a categoria vem sendo desenvolvida, compreendendo as nuances que cercam as variadas formas de manifestações de violência na política institucional. Dentre as análises, gênero surge como uma categoria central para a compreensão dos espaços de poder no âmbito executivo, legislativo e judiciário. A pesquisa busca apreender as relações da violência política com a História das Mulheres, no Brasil, os entrecruzamentos e os desafios para uma participação mais efetiva de mulheres na política institucional. Utilizamos referências bibliográficas e documentos produzidos, acerca da categoria de violência política de gênero, a partir de eventos relevantes, para pensar a condição de diferentes mulheres, principalmente, na América Latina e no Caribe, dentre eles: a Convenção sobre a Eliminação de Todas as formas de discriminação contra a mulher (CEDAW), em 1979, e a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, concluída, em Belém do Pará, no ano de 1994. Além disso, recentemente, aprovou-se, no Brasil, a Lei 14.192/2021, que torna crime a violência política contra mulheres. Esses documentos e legislações são relevantes na tentativa de prevenir e punir os casos de violência, na política, tendo o gênero como elemento de discriminação. Casos de violência psicológica e simbólica são recorrentes, mas não são os únicos, visto que, em 2018, ocorreu o assassinato da vereadora carioca, Marielle Franco, um caso extremo de violência política de gênero. Assim, quais são os desafios para a História das Mulheres, quando a discussão é a violência política? Nessa pesquisa, buscamos compreender esses desafios, a partir da documentação citada e da bibliografia consultada, com o intuito de discorrer sobre as tensões que abrangem gênero, violência e história.

Palavras-chave: Gênero. História das Mulheres. Violência Política.



Políticas de respeitabilidade: construindo um movimento homossexual na Argentina, Brasil e Colômbia (1967-1983)

Rhanielly Pereira do Nascimento Pinto (UFSC)

Resumo: O presente artigo é fruto de um recorte da pesquisa de doutoramento que investiga o processo de emergência e consolidação do movimento homossexual na América Latina a partir dos casos específicos da Argentina, Brasil e Colômbia entre os anos 1960-1980. Ao longo do artigo são discutidos os elementos fundamentais que permitiram a emergência destes grupos demonstrando as suas aproximações e singularidades a partir da formação de um contradiscurso global em relação ao sexo e a sexualidade. Utilizando a perspectiva da História Global enquanto abordagem e metodologia o artigo se concentra em articular as zonas de compartilhamento e integração no intento de formar contraposições e resistências ao sistema sexo-gênero instituído no final do século XIX nestes países. Para tal estudo serão utilizados os documentos internos da Frente de Libertação Homossexual Argentina (1971-1973), o Movimento Homossexual Colombiano (1978-1983), o Grupo Somos (1978-1982), a Fação Homossexual da Convergência Socialista (1981) e o periódico Lampion da Esquina (1978-1981). Neste sentido, o artigo estará estruturado em três tópicos fundamentais: 1) A emergência dos movimentos homossexuais de primeira onda na Argentina, Brasil e Colômbia; 2) Bandeiras Políticas; 3) Políticas de Respeitabilidade e de Aliança.

Palavras-chave: Homossexualidades. América Latina. LGBTQIA+;



Simpósio Temático: Mulheres na América Latina

Coordenação: Eloísa Rosalen e Jazmin Duarte Sckell

Uma mulher das minas: a trajetória de Domitila Barrios Chungara na Bolívia (1937-2012)

Joelma Alves de Paiva (UVA)

Resumo: Este trabalho se propõe a contar e a analisar as trajetórias de vida e política da boliviana Domitila Barrios de Chungara (1937 – 2012), que foi uma importante militante operária do movimento sindical boliviano. Mostraremos as lutas as quais Domitila esteve à frente pelas melhores condições de vida e trabalho dos mineiros bolivianos, e também, de suas esposas e famílias que viviam de forma precária e insegura. Além disso, também abordaremos o seu trabalho no combate às ditaduras civis-militares ocorridas na Bolívia a partir da década de sessenta se estendendo até a década de oitenta do século XX, onde sucederam inúmeros golpes militares, tendo seus principais ditadores, René Barrientos (1964-1969), Hugo Bánzer (1971-1978), Luís García Meza (1980-1981). O objetivo desse trabalho é, portanto, entender como Domitila compreendeu e atuou sobre a situação política e social que os bolivianos, principalmente os mineiros e a comunidade operária, viviam no período analisado. Como a grande proporção de sua luta ficou registrada na publicação do seu testemunho intitulado “Si Me Permiten Hablar” (1978), que também deu grande destaque para as condições de vida da população pobre boliviana, a principal fonte utilizada será essa obra, porém, também utilizaremos entrevistas concedidas por Domitila ao longo de sua trajetória e de registros da sua participação em conferências políticas. A metodologia será construída a partir de pesquisas bibliográficas sobre a Bolívia nesse contexto, sobre os movimentos de trabalhadores mineiros, assim como sobre o Comitê das Donas de Casa da Mina Siglo XX, organização de mulheres da qual Domitila fazia parte. O presente trabalho será fundamentado a partir de discussões teóricas realizadas no campo da história das mulheres e dos estudos sobre trajetórias de vida, para que assim o mesmo venha a ter um melhor embasamento no seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Domitila Barrios Chungara. Bolívia. Trabalhadores Mineiros. Trajetória de Vida.

Uso político de la masculinidad en la dictadura stronista (1967)

Jazmin Duarte Sckell

Resumo: La dictadura stronista (1954-1989) en Paraguay fue la más larga de América Latina en la segunda mitad del siglo XX. Este régimen clasificado como neo-sultanista se caracterizó por una dinámica de poder donde la figura central era la del dictador y donde la retórica nacional militarista tomó un lugar privilegiado en la propaganda política. En este contexto este trabajo selecciona una coyuntura específica de la dictadura, la apertura política de 1967, para analizar el uso simbólico de la masculinidad dentro del discurso político. Se encuentra que los valores del heroísmo, la autonomía y la libertad son clave para la disputas de poder dentro de las ideas de masculinidad de la época.

Palavras-chave: Paraguay. Dictadura Stronista. Masculinidad. Política. Años 60.

Personagens femininas emblemáticas do Peru antigo: possibilidades de ensino

Nádia Carrasco Pagnossi (USP)

Resumo: As sociedades originárias pré-colombianas são pouco trabalhadas no conteúdo de História do ensino básico, e mesmo dentro das grades curriculares universitárias. Geralmente, o foco se dá apenas acerca das culturas: Maia, Asteca e Inca. Dentro deste escopo, as trajetórias das mulheres e seu possível poderio nestas (e em outras) sociedades são esquecidas. De modo geral, as lideranças dos povos originários são pouco visibilizadas, e quando são, remetem apenas à figuras masculinas, como por exemplo: Montezuma ou Tupac Amaru. Esta comunicação oral visa apresentar as existências das seguintes personagens: Dama de Pacopampa (Chavín), Señora de Cao (Moche) e Sacerdotisa de Chornancap (Lambayeque/Sicán), como possibilidades de discussão do poderio e participação das mulheres em épocas pré-incaicas, dentro do conteúdo de História da América Antiga. Apesar do foco em personagens femininas de elite, debater sua autoridade em contextos originários abre o leque para a investigação de diferentes perspectivas e papéis assumidos pelas mulheres nessas culturas, e em épocas posteriores. O trabalho também pretende propor recursos didáticos para abordar esses conteúdos tanto no ensino básico, quanto no meio universitário.

Palavras-chave: América Andina. História das Mulheres. Ensino de História. Sociedades Pré-colombianas.

Conflitos e Solidariedades: mulheres exiladas na França e em Portugal e retorno ao Brasil (1973-1987)

Eloisa Rosalen (UNIMONTES)

Resumo: O processo de reformulação, vivido de maneira heterogênea pelas mulheres exiladas, representou a história coletiva de uma geração de mulheres que se viram em trânsito, no meio de processos globais e aspectos pessoais. O objetivo dessa apresentar trazer algumas das análises de minha tese de doutorado, onde busquei analisar as trajetórias de mulheres brasileiras exiladas durante a ditadura militar brasileira, que tiveram como destino Portugal e França, e que retornaram ao Brasil, no que tange às militâncias políticas e às resistências variadas durante as décadas de 1970 a 1980. O recorte temporal estabelecido é a partir de 1973 (ano do golpe do militar no Chile, o que levou muitos latino-americanos à Europa) até 1987 (quando se instaurou a Assembleia Nacional Constituinte do Brasil, da qual participaram ativamente as mulheres brasileiras). As fontes principais foram as entrevistas orais, livros de memórias ou autobiográficos. As principais categorias utilizadas ao longo da tese estão atreladas às discussões provenientes da história das mulheres, estudos de gênero, história oral, memórias e história global/ transnacional/ conexões; das quais se destacam: experiência, mulheres, memórias, exílio e retorno, e geração. Nesta história de (re)constituição das múltiplas experiências, serão mobilizados tanto os aspectos individuais/ coletivos, contextuais e interseccionais quanto questões que envolvem os conflitos, as solidariedades múltiplas, a constituição de si, os significados e as posições políticas assumidas. Alguns resultados indicaram que as mulheres exiladas e retornadas (inseridas em grupos de esquerda, grupos feministas, formação de partidos políticos e engajamento civil) reformularam suas militâncias em cada contexto; mobilizando ou não atividades políticas anteriores, mas se adaptando ao novo cenário.

Palavras-chave: Memórias. Democratização. Feminismos. História Global. História Oral.

Os vestígios da memória na obra “Autorretrato” (1940) da artista mexicana María Izquierdo

Aryane Barbado Lima (UFPEL)

Resumo: María Izquierdo (1902-1955) foi uma importante artista mexicana conhecida por suas pinturas marcadas por temas que envolvem a condição das mulheres no México, bem como a memória coletiva de seu povo. Em 1940 Izquierdo realiza a obra “Autorretrato”, uma pintura a óleo com dimensões de 140 x 87 cm; neste trabalho a artista autorretrata-se vestindo trajes típicos mexicano junto a uma estatua de cavalo selvagem diante de uma paisagem de morros. Seu autorretrato está localizado temporalmente na transição da concepção imagético-teórico acerca do autorretrato, não apenas devido a sua localização temporal, mas também pela forma como a artista interliga sua imagem às relações inconscientes e psicossociais. Assim este trabalho pretende formular uma análise iconológica da obra “Autorretrato” (1940), da artista mexicana María Izquierdo, buscando elucidar os vestígios de sua memória a partir de estudos da psicanálise. Posteriormente é possível traçar relações entre uma série de outros trabalhos da artista, propondo uma reincidência de seus processos memoriais em sua obra, bem como sua contribuição para a construção de um imaginário cultural pré-espânico no México.

Palavras-chave: Autorretrato. Memória. María Izquierdo.

“Não sabia que existia índio gay”: Corpos Indígenas Potiguaras Gays Aldeados do Litoral Norte Paraibano

José Marcos Nascimento Pontes (UEPB)

Resumo: Muitos são os questionamentos frente se há a existência de indígenas homossexuais, o que reflete, sobretudo, a cultura colonial que ainda permanece enraizada no imaginário social da sociedade. Pensando a respeito disso, essa pesquisa tem como objetivo promover o debate sobre as homossexualidades indígenas, em específico da etnia Potiguara no estado da Paraíba, bem como, indo ao contraponto dos olhares colonizadores que pairam frente a estes corpos que é alvo constante de múltiplas violências, no espaço de terra indígena, quanto na cidade – e mesmo no espaço acadêmico. Desse modo, a metodologia parte dos fundamentos da história oral, através da realização de entrevistas com potiguaras gays aldeados dos municípios de Rio Tinto (Aldeia Monte-Mor), Marcação (Aldeia Ybykuara), e Baía da Traição (Aldeia Laranjeiras), trazendo à tona as graves que vivenciam dentro desses ambientes hostis para a diversidade, sendo vítimas de discursos de ódio, homofobia e violências psicológicas dentro de suas moradias. Além disso, nessa pesquisa, o processo de autoetnografia é presente, em razão de esta escrita ser em primeira pessoa, visto que o autor também é indígena potiguara assumidamente gay. Em suma, essa pesquisa sinaliza os abusos diários em que esses sujeitos sofrem sendo fruto do processo colonizador, que costurou por gerações os corpos que são aceitos e não aceitos. Logo, a presença da fé cristã nesse espaço de terra indígena é fator determinante para a reprodução do preconceito que parte, em princípio, por indígenas convertidos ao evangelho.

Palavras-chave: Colonização. Homossexualidades Indígenas. Potiguaras. Preconceito.

Clóvis Hugueney Irigaray: estética, indigenismo e o empoderamento da mulher Kayapó (1975)

Túlio Cesar de Arruda Ferreira Diogo (UFMT)

Resumo: Em 1975, o artista plástico mato-grossense Clóvis Hugueney Irigaray apresentou 18 imagens da série “Xinguana”, denotando os nativos brasileiros, maiormente do Parque Indígena do Xingu. Nessa exposição, originalmente denominada “Detalhes do Xingu”, de corrente hiper-realista, gestada no contexto da ditadura empresarial-militar no Brasil, Irigaray antecipa e evoca por meios estéticos uma narrativa de consolidação dos direitos humanos para os povos vernaculares, entre eles o destaque à mulher Kayapó. Nesse sentido, este trabalho visa compreender uma das obras dessa série, a primeira, por sinal, intitulada “Detalhes – Kayapó tomando um cafezinho”. Para tanto, conforme a pesquisa realizada em fontes bibliográficas, iconográficas e documentais, busca-se a explicação histórica do referido desenho frente à política oficial de integração rápida e forçada da sociedade indígena à civilização. Como resultado, percebe-se que a redação artística de Irigaray é uma contestação política, à maneira antropofágica de Oswald de Andrade, que humaniza, insere, empodera e condiciona, no imaginário social, o Mato Grosso nativo, principalmente da mulher Kayapó, como sujeito histórico e a sua identidade multicultural, desfrutando, em verdade, justamente dos privilégios restritos à classe dominante, o que se contrapõe frontalmente à mecânica da União, assim como da sociedade nacional que desprezava os povos originários.

Palavras-chave: Artes Visuais. Mulher Kayapó. Mato Grosso. Irigaray. Empoderamento.

“Do sangue de Célia, a semente da libertação”: as prostitutas de Rio Preto na luta por uma missa

Thatiane Ferreira de Assis (UFSC)

Resumo: Em 1983, na cidade de São José do Rio Preto/SP, Célia Alexandre da Silva foi brutalmente assassinada no exercício de sua profissão como prostituta. A morte de Célia causou entre as suas companheiras de trabalho um confronto direto com parte da Igreja Católica que se negava em realizar uma missa em sua homenagem. A decisão do bispado local é abarcada por discussões de cunho moral e, é justamente na imbricação entre moralidade e religião que se encontram os argumentos e embates em torno da realização da missa. Os documentos que possibilitam analisar os desdobramentos do assassinato de Célia se encontram no Núcleo de Documentação Histórica do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas, os quais também permitem identificar as prostitutas na luta por direitos, em protesto contra a violência, em consideração com suas visões de mundo, ainda que dentro de suas possibilidades. Explorando os estudos de gênero e da religião, o objetivo do presente trabalho é refletir sobre as relações morais e religiosas acionadas pela Igreja e pelas prostitutas de Rio Preto na luta pela missa.

Palavras-chave: Prostituição. Gênero. Religião. Moralidade.



Simpósio Temático: Ensino, Universidade e Ciência

Coordenação: Marta Gouveia De Oliveira Rovai e Jaqueline Pelozato

Ensino de História e Cidadania: O silenciamento das discussões de gênero na escola

Jaqueline Pelozato (UNOESC)

Resumo: Este texto é parte da minha dissertação de mestrado que buscou contribuir para as pesquisas no campo do Ensino de história e Gênero. O enfoque desse trabalho são as entrevistas que fiz para compreender como três docentes que são graduadas em História organizam, tratam (ou não) os estudos de gênero na sua sala de aula. Para coleta de dados na pesquisa exploratória utilizei entrevistas semiestruturadas com as seguintes perguntas: Percebem as discriminações e violências contra LGBTQIA+? Como elas acontecem? Como você compreende as questões de gênero na sua sala de aula, como você planeja e trabalha essas questões? Quais materiais você utiliza na sua sala de aula? Livro didático, Internet, etc? Você reconhece os Estudos de Gênero (experiências vividas por homens e mulheres, masculinidades e feminilidades) como um campo de conhecimento que nos mostra os mecanismos que produzem e reproduzem violências e discriminações, principalmente contra mulheres e contra populações LGBTQIA+? Você concorda que há um desenvolvimento da educação para o exercício da cidadania? Em que Direção? Para quem? Assim organizei para a análise as seguintes categorias: a) diálogos não inocentes sobre corpos, sexualidade e educação; b) sobre silêncios e estratégias; c) sobre as funções da escola e do/a professor/a; d) A violência e o "aceitar" da presença do outro. Portanto os movimentos que as docentes fazem ao longo das suas aulas, a invisibilização das questões de gênero, o não enfrentamento dessa falha na formação gera exclusão dos estudantes. Como resultado destas entrevistas percebi como o conservadorismo silencia as discussões de gênero, o não tratamento desses temas empurra estudantes para fora das escolas e conseqüentemente não permite o exercício da cidadania.

Palavras-chave: Ensino de História. Cidadania. Gênero.

Memórias de uma professora: a atuação docente de Crisantina Monteiro Dias (Barro-CE, 2010-2013)

Raurislandia dos Santos Pereira (UFCEG)

Resumo: O Presente trabalho busca estudar a biografia de Crisantina Monteiro Dias, professora emérita do município de Barro, no Sul do Ceará. Com a sua formação no curso Normal Antigo, a professora Crisantina Monteiro contribuiu para o desenvolvimento do ensino na cidade, logo é conhecida pela comunidade como a pioneira na educação. Nesse sentido, como objetivo geral busca-se: problematizar a atuação docente da professora por meio dos livros autobiográficos Memórias de uma Professora (2010) e Fragmentos de uma História (2013) escritos por Crisantina Monteiro, além de fotografias dos desfiles cívicos realizados em suas turmas. Ademais, como objetivos específicos propõe-se: analisar a história de vida da professora; compreender o seu entendimento sobre a docência e refletir sobre as suas memórias construídas em sala de aula. Nessa perspectiva, a metodologia compreende uma pesquisa autobiográfica, pautada nos aportes teóricos de Lejeune (2008), Gomes (2004), Louro (2008), Scott (1995), Guedes (2018), Novaes (1995), Rosemberg (2013) e Smith (2003). Almeja-se, portanto, contribuir para a historiografia da região e compreender a participação da professora na construção da educação na cidade.

Palavras-chave: Crisantina Monteiro Dias. Ensino. Memória. Barro-Ceará.



A História das Mulheres e o Gênero na Pós-Graduação: o caso do PPGH/UFPEL (2010/2018)

Diênifer Alves Ramos da Rosa (UFPEL)

Resumo: As mulheres foram, vezes demais, excluídas da História. Isso teria ocorrido pois o “fazer História” (LERNER, 2019) e o “ofício do historiador” (PERROT, 2020), eram ambos exercidos e dominados por homens que, ao trabalhar com a ideia de um sujeito universal, ignoraram que este sujeito tinham um sexo, e não era o feminino. Ainda que nas últimas décadas, através do esforço de muitos pesquisadores essa realidade tenha mudado, Pinsky (2009) afirma que o número de trabalhos, no campo da História, que recorrem ao conceito de gênero no Brasil ainda é muito baixo. Por outro lado, a História das Mulheres, mesmo tendo importantes contribuições, recebe diversas críticas e, para Varikas (1994), constitui-se como “um campo de pesquisa secundário, desprovido de legitimidade.” (p. 3). Sendo assim, este trabalho tem como objetivo analisar a relação dos historiadores formados no âmbito do Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (RS) com os dois campos de estudo a partir de suas pesquisas de dissertação. Essa iniciativa se justifica na necessidade de lançar um olhar exploratório sob o PPGH/Ufpel enquanto única universidade na metade sul do estado que forma historiadores, na pós-graduação, tanto a nível de Mestrado como de Doutorado. Para isso, foi feita uma análise quantitativa (CERRI, 2016), contabilizando as iniciativas de pesquisa que tenham tido como foco a História das Mulheres e/ou o Gênero nas turmas inseridas no recorte de 2010 a 2018. Os resultados demonstram que de 125 pesquisas, apenas 18 trabalharam com a História das Mulheres e/ou Gênero. Sendo assim, embora em todas as turmas analisadas tenha sido encontrada pelo menos uma iniciativa de pesquisa com esse enfoque, ainda há um longo caminho a ser percorrido.

Palavras-chave: Pesquisa. Pós-Graduação. Mulheres. Gênero.

Papéis sociais e desigualdade de gênero no espaço escolar: uma pesquisa bibliográfica

Ana Quesado Sombra (Secretaria de Educação do Estado Ceará), Geórgia de Mendonça Nunes Leonardo (UNINTA)

Resumo: Historicamente, as relações de gênero são atravessadas por paradigmas sobre os papéis sociais atribuídos aos homens e às mulheres, que reverberam em preconceitos, discriminações e desigualdades, bem como em expressões de violência contra a mulher, nos diversos contextos sociais. Essas concepções presentes na sociedade são também percebidas no espaço escolar, nos discursos, práticas pedagógicas e conteúdos didáticos que naturalizam a hierarquia nas relações entre homens e mulheres, e legitimam a desigualdade de gênero. Trata-se de uma revisão bibliográfica, realizada por meio de buscas nas bases de dados SciELO e Periódicos CAPES. Foram selecionados artigos publicados de janeiro de 2010 a agosto de 2020, objetivando investigar como a escola tem dialogado sobre os papéis sociais de gênero, baseados no modelo de masculinidade hegemônica, e como tais estereótipos contribuem para a reprodução e naturalização da desigualdade de gênero nas relações sociais entre homens e mulheres no espaço escolar. Para vislumbrarmos mudança no atual cenário, é essencial reconhecer a escola como lócus de transformação social, que se dá por meio de reflexão e consciência crítica. Cabe à escola utilizar estratégias que visem a problematizar as questões de gênero e ressignificar os paradigmas sociais que geram a desigualdade de gênero. Ademais, salientamos a importância da participação do poder público na promoção de formação docente sobre a temática gênero e diversidade, e proposição de políticas públicas que favoreçam a participação efetiva das mulheres, a fim de garantir uma educação para a equidade de gênero, com vistas ao desenvolvimento de uma sociedade mais justa e digna.

Palavras-chave: Papéis Sociais. Relações de Poder. Desigualdade de Gênero. Escola.



Propostas de ensino a partir de acervo digital voltado à memória LGBTQIA+ no sul mineiro

Marta Gouveia de Oliveira Rovai, Joice Guimarães Silva (UNIFAL)

Resumo: A comunicação a ser apresentada faz parte de um projeto de pesquisa, extensão e ensino intitulado AMHOR: Acervo de Memória e História do Orgulho LGBTQIA+, desenvolvido por docentes e discentes na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). O levantamento, digitalização e catalogação de fontes (jornais, fotografias, documentos pessoais) tem como objetivo, entre outros, a produção de propostas de aulas junto a docentes das escolas públicas da cidade de Alfenas, estimulando-os, inclusive, a pesquisas e reflexões sobre história local. O trabalho pretende visibilizar em sala de aula a história de grupos subalternizados por seu gênero, raça e classe social e provocar debates em torno dos silenciamentos e resistências a partir da questão: há uma história LGBTQIA+ em Alfenas? Para isso, pretendemos provocar discussões em torno do direito à memória, à identidade e ao patrimônio, estimulando os usos do material a ser organizado e disponibilizado pelo Acervo AMHOR e a produção de material didático a ser incorporado. O trabalho com os professores/as encontra-se em fase inicial, por meio da oferta de um minicurso com a temática de gênero e ensino de História e participação em reuniões nas escolas sobre o Acervo, a fim de elaborarmos as propostas com eles/as.

Palavras-chave: Acervo virtual. AMHOR. Propostas Didáticas. LGBTQIA+. Alfenas.

Epistemologias feministas no ensino de história: o surgimento e a expansão de um campo de pesquisa no Brasil

Andressa Ferreira (UEL)

Resumo: O trabalho proposto objetiva apresentar a prospecção, oriunda de uma pesquisa de mestrado em andamento, do surgimento e da expansão do campo da História das Mulheres e dos Estudos de Gênero nas pesquisas em Ensino de História. Trata-se de analisar, em diacronia, as mudanças nos conceitos, nas abordagens, e realizar um balanço retrospectivo que encaminhe o desenvolvimento do trabalho para o diagnóstico das características gerais das epistemologias feministas no Ensino de História. Para tanto, as fontes utilizadas, para a coleta e sistematização dos dados, são as revistas História & Ensino, História Hoje, e os bancos de dissertações de mestrado do programa ProfHistória e da linha de pesquisa Ensino de História da UEL. A metodologia utilizada para a análise das revistas é baseada no roteiro proposto por Tânia Regina de Luca, no artigo História dos, nos e por meio dos periódicos, presente no livro Fontes Históricas. Revistas dedicadas ao Ensino de História são fontes potenciais para investigar as características da produção do campo, uma vez que fornecem visões dos projetos para o Ensino de História, o que permite aos pesquisadores diagnosticarem as questões sociológicas do campo, suas tensões, e sobretudo, as ideias e teorias que ali circulam. A investigação das teorias feministas encontradas nas fontes será feita a partir de análises quantitativas e qualitativas. O método quantitativo a ser utilizado, é baseado na coleta de dados, a partir de técnicas estatísticas, como a utilização de gráficos e tabelas, que demonstrem a incidência de aparição do objeto investigado. A partir dos resultados coletados na investigação quantitativa, o método qualitativo propõe interpretar os resultados condensados, o que envolve descrever e contextualizar historicamente o fenômeno investigado. Tal análise permitirá compreender quais foram as motivações externas que influenciaram o desenvolvimento do campo. A exemplo de movimentos sociais aliados às demandas identitárias da juventude contemporânea, as novas temáticas de pesquisa na historiografia, etc. A partir das fontes e da metodologia utilizada, a proposta central do trabalho apresentado, é realizar um diagnóstico que resulte em um panorama geral das epistemologias feministas no Ensino de história, um campo de pesquisa emergente desde o século XX no Brasil.

Palavras-chave: Ensino de História. História das Mulheres. Estudos de Gênero. Historiografia Feminista. Movimento Feminista.



Por uma Psicologia Brasileira racializada: contribuições de Cida Bento e Lélia Gonzalez

Hilana Sousa Ferreira, Anne Beatriz Nogueira Saraiva (UFC)

Resumo: A ciência, enquanto instituição fundante da modernidade, não pode se dizer prescindível da colonialidade e do processo de colonização. A neutralidade que supostamente possibilitaria um pensar puro, acima das diferenças individuais e dos processos humanos das relações sociais, nesse sentido é instrumentalizada em um discurso para desresponsabilizar a ciência enquanto instituição e os seus pesquisadores. Desse modo, o intuito de escrever este artigo se deu a partir de nossas inquietações acerca de problemáticas relativas a colonialidade, o fazer científico e a dita neutralidade da Psicologia, tendo como pergunta norteadora: Como pensar uma Psicologia fora das ciências ditas neutras e das hierarquias colonizadoras? Dito isso, objetivamos com essa pesquisa confrontar as bases epistemológicas da Psicologia utilizadas na Academia, trazendo referências de intelectuais negras, como Cida Bento e Lélia Gonzalez, que há décadas discutem questões interseccionais, em específico de gênero e raça. No que concerne a metodologia para a construção do seguinte trabalho utilizamos a pesquisa bibliográfica qualitativa e a análise das obras escritas das referidas autoras. Nosso movimento de pesquisa perpassa pela apresentação de cada uma das intelectuais, o que elas pensaram dentro do campo da Psicologia e por fim como auxiliam a pensar questões do nosso cotidiano. Concluímos que o devido artigo é uma possibilidade de racializar as discussões dentro da Psicologia Brasileira, a partir dos estudos de intelectuais negras. Bem como, ampliar o debate sobre o fazer da Psicologia através de conceitos localizados na realidade brasileira, postulados por Cida Bento e Lélia Gonzalez. Acreditamos na potência dessa pesquisa, tendo em vista o projeto de apagamento das produções de intelectuais negras/os dentro da Academia.

Palavras-chave: Psicologia Brasileira. Cida Bento. Lélia Gonzalez. Descolonização.

Mulheres nos cinemas do continente africano: relato de ensino de História da África através do cinema para a educação básica em Florianópolis

Renata Dariva Costa (UFSC)

Resumo: A presente apresentação se constitui num relato de experiência em sala de aula voltado para o ensino de História da África na educação básica. No ano de 2022, na Escola de Educação Básica Hilda Teodoro Vieira, localizada próximo as dependências da UFSC e da UDESC, na cidade de Florianópolis, houve, buscando a aproximação do ensino de História da África e das diretrizes da BNCC uma série de iniciativas, entre elas, uma pequena mostra de "cinemas africanos" para alunos dos anos finais do ensino fundamental (6º à 9º anos). A comunidade escolar, atende, principalmente alunos das regiões periféricas próximas ao local, além de alunos de classe média oriundos de outros estados que recentemente migraram para Florianópolis. O relato tem como objetivo trazer alguns elementos das questões de gênero surgidas na mostra, principalmente nas atividades realizadas a turma 72 com a exibição da obra Nzinga rainha de Angola (2013) de Sérgio Graciano.

Palavras-chave: Cinema. África. Ensino de História.



A composição institucional e de gênero da comunidade científica brasileira (década 1950)

Daiane Silveira Rossi (FIOCRUZ/UFN)

Resumo: Objetiva-se analisar a composição institucional e de gênero da comunidade científica brasileira a partir de dados coletados pela Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) na década de 1950 no Brasil, em especial um Inquérito publicado em 1957 que nomeou pela primeira vez os(as) pesquisadores(as), suas instituições de trabalho, localização, área de atuação e especialidades. Neste sentido, foi elaborada uma cartografia sócio geográfica do que se chamou comunidade científica. Situa-se a discussão no contexto da política desenvolvimentista, procurando compreender de que forma a Capes atuou na institucionalização da ciência brasileira no período, com ênfase nos seus primeiros anos de atuação e na produção do Inquérito. Como fontes, foram utilizados relatórios, boletins informativos e levantamentos publicados pela Capes.

Palavras-chave: Gênero. Capes. Pesquisadores. Desenvolvimentismo. Anos 1950.



Simposio Temático: Mulheres e/na história

Coordenação: Dulceli de Lourdes T. Estacheskie e Claudia Nichnig

“Alguém precisa contar essa história”: Bertha Lutz e a História das Mulheres

Manoela de Oliveira Veras (UFSC)

Resumo: Bertha Lutz foi uma importante figura do movimento feminista brasileiro da primeira metade do século XX, sendo parte fundamental para a conquista do voto feminino no país ao atuar tanto na política institucional como na militância, além de representar as mulheres brasileiras em conferências internacionais. Contudo, apesar de sua relevância, Lutz sofreu um processo de silenciamento, uma vez que muitos de seus feitos no Brasil e no Exterior possuem pouca visibilidade até a atualidade, como é o caso de seu protagonismo na defesa das mulheres na fundação da Organização Nações Unidas, descoberto apenas em 2016. Nesse sentido, visa-se observar o apagamento do protagonismo do Sul Global, realizar uma crítica à colonialidade e o feminismo hegemônico e debater a relevância da História das Mulheres como um instrumento de combate de apagamentos. Para tanto, analisa-se uma bibliografia selecionada sobre o movimento sufragista e documentos do acervo Bertha Lutz e da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, criada por Lutz. Além disso, uma bibliografia adicional referente à teoria feminista e feminismos subalternos será utilizada.

Palavras-chave: Bertha Lutz. Movimento Sufragista. Sul Global. História das Mulheres.

Lembrar de Eulina: em busca de uma biografia

Binah Ire (UFSC)

Resumo: A proposta é refletir sobre a construção biográfica da primeira mulher negra a ocupar uma cadeira de vereadora na cidade de Florianópolis, num diálogo entre antropologia e história a respeito do uso das histórias de vida elaboradas a partir de uma distância espaço-temporal que impede o relato autobiográfico. É a partir de fragmentos em fontes diversas, como imagens, periódicos, textos autorais e relatos de familiares que nos aproximamos de Eulina Alves de Gouveia Marcellino, seguindo seus passos como professora e diretora escolar, procurando em suas relações e percursos registrados um pouco da sua história e da história da educação no estado de Santa Catarina, seguindo também os vestígios da sua participação política. A questão racial perpassa o apagamento que buscamos agora reparar, incluindo-a na história e refletindo sobre ele.

Palavras-chave: Biografia. História de Santa Catarina. Mulheres. Política. Racismo.



Da visibilidade das mulheres que escreveram e escrevem

Andressa Almeida Nunes (UFSC)

Resumo: Minha pesquisa tem se voltado para a história das mulheres que publicaram. Para isso um nome próprio é basilar: Zahidé Lupinacci Muzart que congregando e dando visibilidade a dezenas de mulheres pesquisadoras, acadêmicas, críticas e teóricas, conseguiu reunir em três volumes e em sua Editora Mulheres uma história literária ainda não publicada: a de mulheres do século XIX que não só escreveram, mas publicaram e ficaram invisíveis ou esquecidas. Um trabalho de pesquisa que congrega nomes próprios, biografias, estudo crítico feminista e excertos das obras. Nesta minha abordagem faço um recorte e trago dois nomes medulares para falarmos em iniciativas que objetivaram o não apagamento destes monemas (segundo Roland Barthes) fragmentos da história literária: autorias, obras e público: Ignez Sabino e Zahidé Muzart. A primeira, autora da obra *Mulheres Ilustres do Brasil*, seleção feita através da perspectiva de uma mulher pesquisadora e ativa em seu meio, pioneira ao reunir nomes de escritoras de seu tempo, base para dicionários, antologias e enciclopédias literárias de autoria feminina, estudada e publicada por Zahidé Muzart, organizadora das antologias *Escritoras Brasileiras do Século XIX*, onde construiu a história das primeiras escritoras do Brasil, através de uma grande rede de mulheres acadêmicas e pesquisadoras do século XX que deixam um legado para o século XXI. Em síntese, quero apresentar uma leitura sobre essa rede tecida entre o passado e o presente, mulheres que escreveram e mulheres que as leram criticamente, fazendo dessa intersecção uma forma de reconstruir importantes capítulos para a história das mulheres.

Palavras-chave: Escritoras Brasileiras do Século XIX; Zahide Muzart; Ignez Sabino; História literária para o século XXI.

Ana Maria: a mulher por trás da heroína Anita Garibaldi

Amanda dos Santos Vieira, Thais Lopes Medeiros (UFSC)

Resumo: A presente pesquisa busca responder a seguinte questão: O que levou a imagem, criada, da heroína e esposa de Anita Garibaldi, se sobrepor a da mulher Ana Maria? Sendo assim, o objetivo geral se caracteriza por compreender a criação da imagem da heroína e esposa, sob a da mulher. Para alcançar determinado objetivo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, utilizando como material base as cartas de Ana Maria, na qual relata suas visões antes e durante a revolução, no livro *Anita Garibaldi, a mulher de general* (GARIBALDI, 1989). Bem como das memórias de Garibaldi, relatadas em um livro do mesmo nome (GARIBALDI; DUMAS, 2014), buscando assim entender todo o processo de criação da imagem de heroína. E como a mesma se sobrepõe à imagem de Ana Maria, fazendo com que conheçamos mais a história das vitórias e derrotas dentro das revoluções, tanto no Brasil quanto pelo mundo, do que a história da própria pessoa.

Palavras-chave: Anita Garibaldi. Memórias. Cartas. Heroína. Giuseppe Garibaldi.

Ana Lucia Martins: uma "mandona" em Joinville/SC

Luiza Machado dos Reis, Janine Gomes da Silva (UFSC)

Resumo: Essa comunicação pretende apresentar a trajetória de vida de Ana Lucia Martins, primeira vereadora negra da cidade de Joinville/SC. Ana Lucia foi eleita em 2020 pelo Partido dos Trabalhadores (PT), sendo a única representante do partido na câmara municipal. Assim que eleita, recebeu ameaças e ataques racistas pelas redes sociais e o caso acabou ganhando repercussão nacional. No exercício do seu primeiro mandato, Ana Lucia vem se destacando no combate ao racismo e na defesa dos direitos das mulheres, apontados pela vereadora como prioridade do seu projeto político. Este trabalho tem como principal objetivo, a partir da trajetória de vida de uma "mandona", problematizar e escancarar as desigualdades de gênero e raça existentes na nossa sociedade, analisando as barreiras, desafios e violências que enfrentam ao longo de suas vidas. A pesquisa integra o projeto "MANDONAS: memórias, políticas e feminismos no Cone Sul (1980-2020)", sob a coordenação da professora Joana Maria Pedro, que tem como perspectiva as mulheres que ousaram ser protagonistas na história e foram chamadas de MANDONAS, pois não seguiam os padrões a elas impostos.

Palavras-chave: Trajetória de Vida. Ana Lucia Martins. Joinville. Violência Política de Gênero.

Mulheres brasileiras na Alemanha no início do século XXI: interfaces de gênero na migração

Laís Martendal (UDESC)

Resumo: Brasileiras e brasileiros têm se aventurado a viver em outros países, sendo que há um grande deslocamento em direção aos Estados Unidos e à Europa. O quarto país da Europa mais procurado como destino migratório pelos brasileiros tem sido a Alemanha, e é sobre esse fluxo que esse trabalho se debruça. O foco está, especificamente, nas experiências migratórias de quatro mulheres brasileiras que foram para a Alemanha, ressaltando-se os seus projetos migratórios e as modificações dos mesmos no decorrer do percurso migratório delas. As mulheres são maioria numérica nesse trânsito Brasil-Alemanha; ainda assim, estudiosos que pesquisam o fluxo apontam uma discrepância de oportunidades em relação ao mercado de trabalho, em que as brasileiras têm maiores dificuldades de conseguir um emprego do que os homens brasileiros. Assim, é possível observar que marcadores sociais - tais quais gênero e também raça - impactam na trajetória dessas mulheres brasileiras na Alemanha, o que pôde ser percebido nas entrevistas. Aqui utiliza-se, portanto, a História Oral enquanto metodologia, a partir de entrevistas que foram realizadas para o projeto "Famílias transnacionais: gênero e educação", entre outubro de 2020 e novembro de 2021. Análises a partir deste material, em diálogo com bibliografias a respeito da migração Brasil-Alemanha e também com discussões sobre relações de gênero, chamam atenção para os desafios que as mulheres encontram também no âmbito das migrações; ao mesmo tempo, abrem espaço para que nos aproximemos dessas experiências, evidenciando os mecanismos que essas brasileiras têm buscado para lidar com os impactos do gênero em suas experiências migratórias.

Palavras-chave: Migração. Brasileiras. Gênero.



Revista Mais que Amélias: dez anos de produção e publicação sobre feminismos e estudos de gênero

Dulceli de Lourdes Tonet Estachesk (UFMS), Elaine Schmitt (UFSC)

Resumo: Este estudo tem como objetivo narrar a experiência de criação, produção e publicação da Revista Científica Multidisciplinar Mais que Amélias, fundada em União da Vitória, Paraná, em 2014, por meio do vínculo com o Curso de História da Universidade Estadual do Paraná. Durante este período, foram realizadas a divulgação de mais de cem produções de estudantes de graduação e pós-graduação, além de docentes de variadas instituições de ensino brasileiro com pesquisas relacionadas aos estudos de gênero e feminismos. Formada a partir do interesse de integrantes do Coletivo Feminista Mais que Amélias de União da Vitória e Porto União, Santa Catarina, que naquele momento iniciavam suas primeiras pesquisas científicas voltadas às temáticas, compreende-se que a criação da memória sobre este tipo de iniciativa pode não apenas registrar uma importante contribuição para às áreas do conhecimento em questão, mas também incentivar outras organizações e coletivos à publicizar resultados de pesquisas e projetos científicos, bem como aproximar a universidade e os movimentos sociais em contribuições mútuas.

Palavras-chave: Divulgação Científica. Revista Mais que Amélias. Estudos de Gênero e Feminismos.

Entre a loucura, o crime e o controle social sobre as mulheres: um estudo sobre as normas de gênero e seus reflexos nas narrativas jurídicas sobre o encarceramento e a internação psiquiátrica femininos no período de 1940-1960 em Florianópolis/SC

Pietra Lima Inácio (UFSC)

Resumo: A pesquisa se insere no campo da história do direito penal e da criminologia, e abarca especificamente o encarceramento feminino em Florianópolis/SC, no período de 1940 - 1960. Busca-se investigar as relações entre o controle penal-manicomial e as normas de gênero e comportamento femininos, a partir da narrativa das instituições sobre as mulheres condenadas que tiveram passagem pela Penitenciária de Florianópolis e receberam a atribuição concomitante de intervenção psiquiátrica em razão da aplicação de medida de segurança nos moldes do sistema de punição do duplo binário, vigente no Código Penal de 1940. A partir de uma pesquisa que utiliza a metodologia historiográfica e documental, analisando processos administrativos e judiciais da Penitenciária de Florianópolis, busca-se verificar se, a partir dos discursos das autoridades responsáveis pelas instituições analisados nos processos judiciais e dossiês penitenciários selecionados, referentes às mulheres recolhidas na Penitenciária de Florianópolis que tiveram sua pena atravessada também pelo controle psiquiátrico, com encaminhamento à Colônia Santana, no período de 1940-1960, é possível verificar a presença de uma avaliação jurídica que ultrapassa o tipo penal praticado, versando sobre a obediência (ou não) às normas de gênero e comportamento impostas às mulheres. A hipótese preliminar é afirmativa, no sentido de que os fundamentos sobre ser “uma boa mulher” se sobressaem aos demais aspectos do crime e da personalidade da detenta. O objetivo geral do trabalho é investigar quais os argumentos e elementos jurídicos utilizados pelos responsáveis das instituições de controle penal acerca das mulheres que durante o cumprimento da sua pena foram encaminhadas para tratamento psiquiátrico no período compreendido entre os anos de 1940 e 1960. Nesse sentido, busca-se avaliar se, para constatação de suposta “loucura” da mulher rotulada como criminosa, os discursos institucional, médico e jurídico demonstram, para além de questões criminais, a presença de argumentos fundados na adequação de seus comportamentos às normas de gênero.

Palavras-chave: História do Direito Penal. Criminologia Feminista. Encarceramento Feminino. Controle Penal-Psiquiátrico. História das Mulheres.



Simpósio Temático: Imprensa, Mídia e Redes Sociais

Coordenação: Cintia Crescêncio Lima e Ana Maria Veiga

Publicar é coletivo: memórias de autoras de publicações feministas na década de 90

Pamela Cristina da Penha (USP)

Resumo: Na década de 1990, o Brasil vivenciou um período marcante de transformações sociais, políticas e culturais. A luta das mulheres, os movimentos feministas, neste contexto, ganharam ainda mais força e visibilidade, novos agentes entravam em cena e novas formas de atuação emergiam. A imprensa feminista desempenhou um papel fundamental na disseminação das ideias e reivindicações feministas, marcado por intensa produção editorial, com a publicação de folhetos, livros, boletins, revistas, cadernos, jornais, cartilhas, proporcionando um espaço para o debate e a conscientização sobre questões de gênero. Diversos coletivos e ONGs feministas exprimiam em suas publicações suas atuações, reflexões e percepções acerca do movimento e do cenário político e social brasileiro.

Essas publicações abriram caminho para a ampliação do diálogo sobre igualdade de gênero e direitos das mulheres, trazendo à tona questões como violência doméstica, sexualidade, direitos reprodutivos, representatividade e equidade salarial, entre outros temas. Esses instrumentos foram fundamentais para a divulgação de informações, denúncias e mobilizações em prol das demandas e reivindicações das mulheres no referido período. Através da análise das publicações *Fêmea* (DF), *Enfoque Feminista* (SP), *Fazendo Gênero* (GO) e *Presença da Mulher* (SP), dos relatos e testemunhos de intelectuais e ativistas que fizeram parte da criação e desenvolvimento dessas publicações, este trabalho procura compreender como as mudanças sociais e políticas afetaram aos feminismos no Brasil e como essas transformações estiveram expressas nas publicações. Por meio de entrevistas e relatos pessoais, é possível reconstruir as experiências individuais e coletivas das mulheres que estiveram envolvidas no movimento feminista da década de 1990, compreendendo principalmente o que não se encontra nas páginas das publicações, as experiências e impressões particulares de suas colaboradoras. Essas narrativas enriquecem o entendimento da diversidade de perspectivas e vivências, contribuem para a compreensão de como essas mulheres uniram-se para veicular debates e ideias que consideravam importantes para o movimento e política nacional.

Palavras-chave: Década de 1990. Publicações Feministas. Feminismo.

O feminismo da década de 1970 e o Movimento Custo de Vida a partir do jornal Brasil Mulher

Helena Brandt Corrêa de Oliveira (UFSC)

Resumo: O trabalho tem como objetivo pensar em como feministas viam, conversavam e se aliavam ao Movimento Custo de Vida, através da cobertura que o Jornal Brasil Mulher desenvolvia a respeito do mesmo. Sendo assim, busca-se responder como o movimento feminista da década de 1970 se aproximava dos movimentos de mulheres de periferia, a partir da imprensa feminista desenvolvida durante o período militar, parte de um movimento de imprensa alternativa. Teles e Leite (2013) afirmam a imprensa feminista como instrumento de luta, a classificando como duplamente alternativa, uma vez que essas pautas feministas não encontravam espaços de manifestação dentro da imprensa alternativa geral. Leite (2003) pontua que o surgimento desses jornais e os princípios por eles defendidos estão relacionados ao contexto histórico do país e ao movimento feminista nacional, buscando uma nova linguagem e abordagem, difundindo as reivindicações diretamente relacionadas com a condição das mulheres. O Jornal Brasil Mulher foi publicado pela Sociedade Brasil Mulher, de 1975 a 1980, com 16 edições regulares e 4 edições extras. O Movimento Custo de Vida (MCV), foi construído por mulheres periféricas e trabalhadoras, que se colocavam contra a carestia e a política econômica do governo militar. Lutavam contra a miséria organizadas através dos clubes de mães, muitas vezes apoiados por Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica. O MCV foi assunto recorrentemente abordado no Jornal Brasil Mulher, dessa forma, busca-se compreender como a representação e mediação realizada através deste veículo contribuiu para a construção da relação de mulheres feministas com os movimentos de mulheres periféricas na cidade de São Paulo, compreendendo as relações e a participação política das mulheres em tempos de censura e repressão de um regime militar.

Palavras-chave: Gênero. Ditadura Militar. Jornalismo. Imprensa Feminista. Imprensa Alternativa.

Pioneiras do rádio brasileiro: considerações sobre a (re)escrita dessa história

Juliana Cristina Gobbi Betti, Valci Regina Mousquer Zuculoto (UFSC)

Resumo: As mulheres participaram do desenvolvimento do rádio brasileiro desde a criação das primeiras emissoras, no entanto, ainda existem poucos registros dessa participação no conjunto de materiais que compõem a narrativa histórica sobre o meio, sejam pesquisas científicas ou relatos memorialísticos. Muitas vezes, tais registros são apenas breves citações ou a presença não identificada em fotografias, configurando um processo de apagamento das figuras femininas (e de suas contribuições) na história da radiofonia. Neste cenário, destaca-se a importância da realização de novos estudos que tragam o gênero como uma categoria de análise para evidenciar a atuação das mulheres na constituição centenária do meio no país, reconhecendo e contemplando, sempre que possível, os marcadores sociais e identitários que contribuem para singularizar suas experiências. Assim, uma revisão do relato histórico hegemônico foi proposta pelas autoras (BETTI; ZUCULOTO, 2021), e vem sendo desenvolvida no âmbito de um projeto nacional que reúne mais de cinquenta pesquisadores das cinco regiões brasileiras. Em sua primeira fase, o projeto vem buscando destacar os pioneirismos femininos em quaisquer dos períodos históricos do rádio, tendo em conta as realidades temporais constituídas a partir dos diferentes e diversos contextos políticos, culturais e geográficos. Este texto apresenta uma reflexão sobre desafios já encontrados nesse processo, entre os quais podemos citar, por exemplo, questões relativas à imaterialidade do objeto sonoro, à falta de políticas de preservação de acervos, à complexidade do diálogo interdisciplinar, bem como aquelas que se referem à desvalorização da atuação das profissionais femininas e ao próprio menosprezo pela memória das vivências das mulheres.

Palavras-chave: Mulheres na História. Mulheres no Rádio. Pioneiras. História do Rádio. Rádio no Brasil.



A mulher no estádio... Uma festa para os olhos?

Ailê Vieira Gonçalves (UFSC)

Resumo: O objetivo dessa pesquisa foi realizar uma análise entre dois eventos ocorridos em janeiro e maio de 2023 envolvendo mulheres, relações de gênero e futebol. A partir do recorte realizado entre notícias e interações em comentários das publicações nas redes sociais, se analisou como repercutiu a medida de punição das torcidas organizadas nos clubes do Paraná (Coritiba e Athletico-PR), em que apenas mulheres, crianças e pessoas com deficiência puderam entrar no estádio no dia de jogo. E, mais tarde, no Nordeste, a briga entre torcedoras (do Sport e ABC) em um jogo que reproduziu a mesma medida "punitiva". A proposta da pesquisa foi analisar sobre como essa presença de mulheres no espaço físico – e também nas redes sociais – que é a arquibancada dos estádios se desenvolveu, buscando desconstruir o imaginário de que a "figura da mulher" no estádio está a serviço do papel de "embelezamento" ou de "pacificação", evidenciando o torcer genuíno por futebol.

Palavras-chave: Futebol. Relações de Gênero. Internet.

A disseminação e debates do discurso antifeminista nas redes sociais através de vídeos no YouTube

Gabriel Bobbi Betti (UFSC)

Resumo: Este trabalho possui como objetivo analisar a produção de conteúdo antifeminista na internet através de vídeos em canais na rede social YouTube. Através da análise desses vídeos, se busca entender qual é o perfil dos criadores de conteúdo que os produzem, além de analisar como os argumentos e dados presentes nesses vídeos são apresentados e estruturados, que tipos de fontes, quando usadas, baseiam a linha argumentativa deles e qual é o alcance que esses conteúdos possuem na plataforma. A partir do conteúdo trabalhado, considerando a amplitude de temas que produtores de conteúdo costumam abordar nessa rede, é necessário também observar quais são as outras pautas e inclinações políticas desses canais, contextualizando os discursos que reproduzem e entendendo seu papel no debate político atual. Busca-se também entender de que forma tal debate ocorre dentro da própria plataforma, geralmente através da prática de vídeos respondendo ou reagindo a conteúdos de canais com inclinações políticas antagônicas.

Palavras-chave: Antifeminismo. YouTube. Redes Sociais. Vídeos.



Não devemos nada ao feminismo: Análise sobre o movimento feminista no Brasil e sua campanha sufragista a partir de discursos no Youtube

Izadora Carvalho da Silva (UEL)

Resumo: Este artigo tem como propósito identificar e analisar a construção discursiva a respeito do movimento feminista sufragista brasileiro e seu papel para a aprovação do direito ao voto das mulheres, contida em materiais disponíveis na internet, sob fácil acesso e com inúmeros adeptos, como canais de YouTube, sites e blogs em geral. A partir do conceito de desmonumentalização da história (NAPOLITANO, 2007) deseja-se compreender ao longo do texto quais problemas estão inseridos em tais narrativas. Estas últimas, características de setores que se classificam como conservadores e tradicionais, abordam o tema que envolve história do movimento feminista brasileiro atuante entre os séculos XIX e XX, período em que grupos como a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), por exemplo, foi atuante. Os materiais escolhidos tem atualmente grande alcance social, por isso além dos discursos identificados também nos propomos a analisar, brevemente, o impacto que essas narrativas exercem sob aqueles que consomem esse conteúdo diariamente.

Palavras-chave: Década de 1990. Publicações feministas. Feminismo.

Discursos de ódio antifeministas no Instagram

Ana Carolina Andrade de Camargo (UFSC)

Resumo: Este trabalho apresenta uma análise de discursos antifeministas adotados por personalidades políticas de Santa Catarina através da investigação de posts no Instagram. Para isso foi feita uma coleta de dados nesta rede social, utilizando uma forma sistemática, bem como hashtags e palavras chaves. O estudo examina os discursos e imagens presentes nos posts, identificando estratégias retóricas, estereótipos negativos e distorções dos argumentos feministas empregados pelos políticos. Os resultados revelam que o discurso antifeminista presente nestas redes busca deslegitimar os princípios e as demandas do movimento feminista, utilizando estratégias de polarização e criação de inimigos imaginários. O estudo ressalta a importância de compreender e desconstruir tais argumentos falaciosos, promovendo um diálogo mais informado sobre o feminismo e a igualdade de gênero. Esse trabalho faz parte dos resultados do projeto "A internet como campo de disputas pela igualdade de gênero", financiado pela FAPESC, e constitui também resultado de uma bolsa PIBIC/UFSC/CNPq.

Palavras-chave: Feminismos. Antifeminismos. Instagram. Discursos de Ódio.



As disputas e violências em torno do uso da linguagem neutra na pauta do direito ao aborto no ambiente virtual

Morgani Guzzo (UFSC)

Resumo: Considerando a internet como uma das arenas de embates políticos na contemporaneidade, este trabalho visa analisar as reações contrárias à ausência da nomeação do sujeito “mulher” em postagens sobre o direito ao aborto na plataforma Instagram do veículo de jornalismo feminista Portal Catarinas (@portalcatarinas). A análise considera quais sujeitos (indivíduos, organizações ou coletivos) reagem a esse conteúdo, que argumentos ou expressões utilizam para discordar da abordagem e como os argumentos e expressões usadas podem se relacionar com perspectivas antigênero e, até, antifeministas. Como fundamentação teórica e metodológica, partimos de uma revisão bibliográfica sobre: a internet como campo de debate e disputa política; as políticas relacionadas aos direitos sexuais e reprodutivos no Brasil e a invisibilização das pessoas trans nos documentos sobre saúde reprodutiva e aborto; a luta e teoria transfeminista; e a disputa pela nomeação do sujeito “mulher”, especialmente por um feminismo essencialista, e os embates provocados por grupos antidireitos e antigênero contra a linguagem neutra, a visibilidade e os direitos das pessoas trans na sociedade.

Palavras-chave: Aborto. Transfeminismo. Internet. Feminismo. Transfobia.

“Cinema Novo, versão feminina”: as desigualdades de gênero dentro do movimento cinemanovista

Isabela Rodrigues Regagnan (UFSC)

Resumo: O Cinema Novo foi um movimento cinematográfico brasileiro que teve seu auge na década de 1960 e que, entre ânsias, idealizações e censura, buscou romper com a hegemonia do cinema hollywoodiano. A partir de pautas progressistas, debatendo desigualdades sociais e o autoritarismo, o movimento se destacou no e fora do país. Entretanto, ao buscarmos as mulheres dentro do movimento do Cinema Novo, inclusive nos próprios filmes, é possível constatar dados que revelam uma desigualdade de gênero exorbitante, o que me faz questionar como esse cinema dito inovador se propôs a pensar as relações de gênero e como se relacionou com um cinema já produzido, por exemplo o hollywoodiano, ao qual se buscou certo tipo de rompimento. Dessa maneira, este trabalho tem como objetivo, através da análise das páginas do Caderno B do Jornal do Brasil, bem como a análise do curta documental “A Entrevista”, examinar as relações de gênero dentro do movimento, considerando a relação com a única diretora mulher no movimento, Helena Solberg.

Palavras-chave: Cinema Novo. Desigualdade de Gênero. Helena Solberg.



Simpósio Temático: Emoções/Subjetividades

Coordenação: Elias Veras e Jaqueline Zarbato

Conversa em uma mesa de bar: memórias e visibilidade lésbica

Viviane Martini (UFSC)

Resumo: Ao longo dos anos, muitos bares lésbicos desapareceram, seja por pressão social, falta de recursos financeiros ou outras razões. Isso levanta a questão sobre a importância desses espaços na luta pelos direitos LGBTQIA+ e na construção de visibilidade para lésbicas. Este trabalho busca trazer à tona a memória desses espaços e refletir sobre o seu legado para a história LGBTQIA+. Quais foram as suas contribuições para a luta pelos direitos LGBTQIA+? Como esses espaços ajudaram a construir uma identidade lésbica? E o que pode ser feito para manter viva a memória desses bares e preservar o seu legado para as próximas gerações? Ao explorar essas questões, este trabalho pretende contribuir para a valorização da história e da memória dos bares lésbicos no Brasil, sendo uma reivindicação por visibilidade e representatividade.

Palavras-chave: Queer. Lésbica. Bar. História. Memória.

Memórias femininas, heroínas históricas em museus: em busca da igualdade de gênero

Jaqueline Aparecida Martins Zarbato, Jéssica Vitória Gaspar Freitas (UFMS)

Resumo: Este trabalho visa apresentar a pesquisa “A educação em museus e a representatividade feminina: aprendizagem histórica em busca da igualdade de gênero”. O recorte analisa a representatividade de mulheres personalidades/líderes históricas a partir da cultura material em museus. Analisando os objetos da exposição permanente dos museus, pelo prisma da decolonialidade e da memória, uma vez que se configura como aporte teórico que envereda a “outras possibilidades de leitura” sobre as trajetórias de mulheres negras no Brasil. Fundamentando assim, as interfaces entre a análise do museu como espaço de memória e a vinculação e apresentação ao público sobre a contribuição cultural das mulheres negras em diferentes períodos históricos(recorte que realizamos a partir dos objetos analisados). O intuito de investigar essas representatividades se dá para fomentar a importância da problematização, pela perspectiva histórica sobre o que expressam as exposições do museu, a educação em museus se inserem no campo da educação não formal, contribuindo para a aprendizagem com outras fontes (acervo, exposições, documentos que estão disponíveis no setor educativo virtual.) e que possuem um encaminhamento metodológico para lidar com as expectativas dos diferentes grupos que visitam/estudam os museus virtuais. A partir da perspectiva da museologia de gênero é possível considerar outras identidades, além da masculina, como eixos estruturadores dos patrimônios culturais e das coleções museológicas. Uma educação em museus que pode se apresentar ainda como um desafio à democratização do acesso a diferentes pessoas, que podem acessar a produção do conhecimento nesses espaços. A construção da consciência histórica só pode ser realizada pelo processo de envolvimento no que se dispõe no setor educativo para trabalhar com as pessoas, em outras palavras, se não há representatividade da contribuição cultural das mulheres, não há compreensão e conhecimento sobre seus saberes e fazeres. Apresentando diversidade de ações, lutas, saberes, amores, memórias, as narrativas das mulheres nos museus, permite trabalhar em direção a uma possível interação do passado/presente, cidadania e igualdade de gênero.

Palavras-chave: Mulheres. Museus. Memórias.

A construção social da maternidade em Honduras 1927-1948

Sulema Yamileth Antunez Vasquez (UFAL)

Resumo: A construção social da maternidade em Honduras 1927-1948 contempla a ideia de que a maternidade é criada por meio de dispositivos de controle que regulam a vida das mulheres em função do cumprimento de um papel materno. A maternidade é sustentada por práticas discursivas que se concretizam na mídia e nas instituições sociais, como a família patriarcal, que sustenta o regime heterossexual, que também se alimenta de discursivos que sustentam a maternidade como instituição e norma; como ser; religião, o sistema de saúde, a Polícia Nacional, como órgão que regulamenta o corpo de mulheres Cis e Trans para fiscalizar e punir os órgãos que descumprirem essas normas. A temporalidade inicia-se em 1927, ano em que é decretado o Dia das Mães em Honduras, a partir deste momento visualiza-se um forte trabalho discursivo em torno do fortalecimento da ideia, mulher/mãe, a temporalidade que encerra o estudo é 1948, ano que encerra o ditadura de Tibúrcio Carias Andino, que esteve na presidência por 16 anos, de 1933 a 1948, esse período é caracterizado pela implementação de medidas coercitivas e controle social, o corpo da mulher, suas ideias e pensamentos, estavam atrelados ao controle de a ditadura.

Palavras-chave: Mulheres. Maternidade. Gênero.

Cozer sem queimar: permanências, segredos e trocas de receitas culinárias

Mariana Vogt Michaelsen (UFSC)

Resumo: No século XIX, a escrita de receitas culinárias era autoriza às mulheres, pois não era vista como uma ameaça ao patriarcado (PERROT, 1998). Assim receitas culinárias foram escritas em cadernos de receitas que, por sua vez, foram transmitidos entre gerações. Esse modo de escrita ao redor do fogo, iminência de queimar, permaneceu como um saber transmitido entre mulheres. Barthes (2013) pontua como saber e sabor têm a mesma etimologia e, no caso dos livros de receitas, a proximidades dessas duas palavras pode ser sentida na língua. Amigas, vizinhas e familiares trocavam receitas culinárias e nas páginas do livro Quitutes da D^a Carolina Porciúncula: arte culinária, de Carolina Porciúncula, vemos nomes próprios entre parênteses, manuscritos ao lado do título de algumas receitas. Esses nomes indicam uma rede formada entre mulheres, isto é, os saberes do cozinhar, muito atrelados ao espaço domésticos, circulavam na cidade. Assim, a partir do livro de receitas de Carolina busco pensar a escrita de receitas culinárias como criativa, plural e refeita. Os modos de fazer se refazem ao sabor de quem cozinha. Esse modo de escrita subestimado é, na verdade, espaço de escritas subjetivas e criativas. Isso se realça nos romances Como água para chocolate, de Laura Esquivel, e Papel manteiga para embrulhar segredos: cartas culinárias, de Cristiane Lisbôa, onde as autoras passam a escrever receitas culinárias como estruturantes de narrativas. A escrita ao redor do fogo, não somente porque o verbo cozinhar vem da ação de colocar o alimento no fogo, mas também por tudo o que acontece ao redor dele, enquanto o alimento coze.

Palavras-chave: Literatura. Livros de Receitas. Mulheres. Receitas Culinárias. Saber e Sabor.



De Chanacomchana a Um Outro Olhar: o impacto do processo de onguização na imprensa lésbica feminista do Brasil

Júlia Glaciela da Silva Oliveira (UFABC)

Resumo: Durante a década de 1980, em meio à transição democrática, eclodiram no Brasil movimentos sociais feministas, negros e homossexuais. No que concerne aos movimentos feministas, assistimos a diversos questionamentos sobre a categoria “mulher” que, até então era utilizada tanto no âmbito político quanto nas pesquisas científicas, que perguntavam sobre as diferentes formas de opressão resultantes das clivagens de gênero, sexualidade, raça e classe. Neste contexto, muitos destes movimentos emergentes utilizaram a imprensa alternativa como forma de dar visibilidade às demandas e experiências destes grupos. É neste panorama que foi publicado o período Chanacomchana, editado pelo Grupo de Ação Lésbicas Feminista (GALF), uma dissidência do coletivo SOMOS - de afirmação homossexual. O jornal, com uma linguagem extremamente radical para o período, foi representante do movimento lésbicas feminista que surgia em São Paulo, trazendo importantes reflexões para pensar sobre a heterossexualidade compulsória e quem era o sujeito mulher defendido pelo feminismo mais amplo. No entanto, a redemocratização veio acompanhada pela entrada das políticas neoliberais. Essa profunda mudança política, marcada pela diminuição do papel do Estado, foi acompanhada por uma rápida expansão das Organizações Não Governamentais (ONGs) e pela incorporação de alguns pontos da agenda feminista pelo Estado. Muitos coletivos e movimentos autônomos institucionalizaram-se a fim de procurarem novos arranjos e espaços para as articulações políticas. Esse foi o caso do GALF que, em 1987, deixou de ser uma associação autônoma para constituir-se na Rede Um Outro Olhar, uma organização sem fins lucrativos, que passou a editar uma publicação homônima. Inicialmente em formato de boletim, a publicação UOO circulou até os anos 2000, em formato de revista. Assim, essa apresenta visa interrogar se houve alterações na linguagem e na tônica do período lésbicas-feminista a partir do momento em que ele passa a ser editado por um processo de onguização.

Palavras-chave: Onguização. Imprensa Lésbico-Feminista. Chanacomchana. Um Outro Olhar. Neoliberalismo

O problema da erotofobia: por um caminho feminista de(s)colonial

Vanessa Cristina Dias, Aline Accorssi (UFPEL)

Resumo: Este trabalho é um recorte da minha pesquisa de mestrado em andamento pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Neste, me debruço sobre a problemática da erotofobia, conceito formulado pela ecofeminista Greta Claire Gaard (2011) que exemplifica a aversão do erótico como um problema moderno-colonial que afeta questões de gênero, sexualidade, raça, natureza, entre outros. Me proponho a refletir brevemente sobre como a erotofobia moldou as subjetividades, os corpos e os prazeres no contexto latino-americano. Assim, busco caminhos para romper com a lógica dicotômica e colonizante que nega e recusa o erótico. Para tal, recorro a teoria feminista de(s)colonial e aliadas/es/os deste viés, como por exemplo Audre Lorde (1984), Beto Canseco (2021) e Camila Bastos Bacellar (2020), a fim de propor um outro modo de pensar o erótico. O erótico de(s)colonial é o que chamo de erótico ampliado que propicia a ênfase em corporeidades, desejos, prazeres e afetos.

Palavras-chave: De(s)colonialidade. Educação. Gênero. Subjetividade. Erótico.



Emoções, relações de gênero e histórias na avenida: a (co)memoração do 7 de setembro em Catunda-Ceará (2013 – 2022)

Wagner Cavalcante Farias (UFSC)

Resumo: Em Catunda – interior do Estado do Ceará –, assim como em outras cidades, os desfiles cívicos no Sete de Setembro são comemorados desde antes da emancipação política. Ainda que seja imprecisa a origem desse ato cívico, foi com o movimento emancipacionista e após o plebiscito de 1990, que resultou na emancipação municipal, que esse ato ganhou força e um novo significado para o povo catundense, não sendo somente momento ufanista e patriótico, mas tendo carga identitária e, portanto, emotiva para a localidade, buscando evocar a coletividade, ritualizando momentos, ao passo que narra histórias. A partir da compreensão desse ato cívico como momento que busca narrar pública e coletivamente passados, a mesmo tempo que é projeto político do presente, com interesses futuros, refletirei o desfile de sete de setembro em Catunda como “lugar de memória” (Cf. Nora, 1993). Dito de outra forma, buscarei nesse artigo problematizar o gênero e as emoções a partir das memórias sobre o ato comemorativo, os desfiles cívicos de Sete de Setembro em Catunda dessa última década (2013 – 2023), presentes na exposição virtual História em Retrato e de outras fontes, como fotografias e publicações sobre a comemoração nesses últimos dez anos. Deste modo, minha reflexão irá entrecruzar (co)memoração – como espaço dialógico e dialético, conforme propõem Albuquerque Júnior (2019; 2020); Candau (2021) e Le Goff (2013); ainda gênero – compreendido como significador das relações de poder (Cf. Scott, 1985) – e emoções – como mobilizadas e mobilizadoras dos corpos (Cf. Ahmed, 2015).

Palavras-chave: Catunda. Desfile Cívico. Comemoração. Relações de Gênero. Emoções.



Simpósio Temático: Mulheres Negras, Corpos e Raça

Coordenação: Aline Dias dos Santos e Vera Gasparetto

A literatura de mulheres nos Cadernos Negros como eco literário ressoando na História

Maria Clara Martins Cavalcanti (UERJ)

Resumo: Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, Eliane Alves Cruz, Esmeralda Ribeiro e Miriam Alves são alguns dos nomes mais conhecidos dentre as dezenas de escritoras que integraram as páginas dos Cadernos Negros, entre 1979 e 2022. Com diferentes temáticas conectadas pelas questões de raça, gênero, cultura africana e afro-brasileira etc., essa escrita, entendida aqui como negrofeminista, tem disputado as narrativas sobre diferentes temas, lendo o Brasil. Este trabalho está especialmente interessado em analisar as relações entre a escrita da história do Brasil e as narrativas literárias de algumas destas autoras, refletindo sobre as formas com que estas narrativas interpelam o apagamento histórico sobre as contribuições das mulheres negras para a formação do país. Em 1986, no volume número nove (09) dos Cadernos Negros, Esmeralda Ribeiro escreve: “Agora e sempre, abrirei minha boca para que o eco ressoe na história” (RIBEIRO, 1986, p.07). A definição para eco no Dicionário Oxford é “1. repetição de um som que se dá pela reflexão de uma onda sonora por uma superfície ou um objeto. 2. o som produzido por essa reflexão”. O eco é uma repetição resultante de uma reflexão. O uso metafórico e poético dessa ideia na frase de Esmeralda inspira o título desta comunicação, uma vez que estou aqui justamente interessada nas implicações – nas ressonâncias – da literatura e pensamento intelectual das mulheres escritoras de Cadernos para a produção do conhecimento histórico sobre as relações de gênero, raça, colonialidade e decolonialidade no Brasil, assim como sobre sexualidade, maternidade, violência, amor, família, política, classe, etc. - desde os anos finais da década de 1970.

Palavras-chave: Literatura. Gênero. Raça. História do Brasil.

O Youtube como espaço de escritas de si: ei sapatão, por onde circula o seu afeto?

Aline Dias dos Santos (UFSC)

Resumo: Discute representatividade de lésbicas e sapatonas negras na rede social de compartilhamento de vídeos Youtube. O fio condutor da discussão são a música e clipe da Rapper Luana Hansen “deu onda” versão lésbica, que de maneira inédita inseriu nas mídias discussões sobre afeto e erotismo entre lésbicas e sapatonas negras tornando-se referencia na comunidade. Apresentando uma análise sobre as relações entre o imaginário e pertencimento, verifica-se como estes encontros podem ser complementares para a construção de identidades movimentando formas de afeto e novas possibilidades de ser e estar no mundo, entre sapatonas e lésbicas da comunidade negra.

Palavras-chave: Feminismos. YouTube. Sapatão. Movimento Negro.

Mulheres negras cearenses: as memórias de ativismo e antirracismo na compreensão da História do Ceará

Maria Yasmim Rodrigues do Nascimento (UFC)

Resumo: A historiografia acerca da escravização e liberdade no Ceará, bem como, a produção de conhecimento histórico sobre os modos de resistir e o antirracismo protagonizado pela população negra cearense, passou e, ainda passa, pela construção de uma memória baseada na figura de homens cis, sejam eles brancos ou negros. A maneira na qual a história é, não apenas escrita, mas, ensinada, nos espaços de disseminação de saberes, foi responsável pela seleção das memórias que compõem a história do Ceará, dividindo a em nomes a lembrar e nomes a esquecer. A história do protagonismo das mulheres negras, na luta antirracista cearense passou por um processo sistemático de silenciamento, orquestrado, sobretudo, pela misoginia existente no interior do movimento negro contemporâneo, alinhado com uma produção historiográfica marcadamente machista, a política interna dos movimentos negros cearenses operou pela exclusão das mulheres ativistas dos espaços de protagonismo político. Assim, esse trabalho intenta realizar uma discussão acerca dos processos de silenciamento/apagamento sofrido pelas ativistas negras cearenses, nos anos finais da década de oitenta e início da década de noventa, tendo como fonte principal suas memórias, auxiliada pela metodologia de história oral e amparada pela literatura teórica feminista negra, me proponho perceber em que medida as experiências das mulheres ativistas remontam um cenário de disputa política e racial atravessado pela misoginia e quais os mecanismos de resistências foram utilizados por essas mulheres negras na formação das suas coletividades

Palavras-chave: Mulheres Negras. Ativismos. Antirracismo. Misoginia.

A Morena brasileira de sol: cor e corpo feminino nos anos 1980 - Fortaleza -CE

Diocleciana Paula da Silva (UAB-UECE)

Resumo: Nos anos 1980, ao final da ditadura militar, percebemos um movimento de construção de uma identidade nacional pautada no embelezamento das mulheres, através de uma estética trabalhada por máquinas de academia e pelo bronzeamento de sol. Surge uma apologia da frequência da praia como um fenômeno social que será disseminado nas mídias e meios de comunicação, através de músicas, revistas, jornais e novelas, incentivando principalmente as mulheres a se tornarem a “morena de sol”, símbolo da sensualidade brasileira. Sensualidade essa já proferida no início do século XX por Gilberto Freyre ao se referir à mulata brasileira, misto de branca com negra, gerando um diferencial, tanto no formato do corpo como no tom de pele. Nos anos 1980 tal referencial reaparece como uma característica inerente às mulheres, mas que era preciso tornar evidente. A praia será palco de exibição desse corpo bronzeado e “bem-feito” (termo da época). Nossa pesquisa problematiza a construção da beleza “morena de sol”, incentivadora de uma padronização de tom de pele e formato de corpo, invisibilizando as mulheres negras, já que nos discursos midiáticos, as mulatas de pele clara eram incentivadas a ter o chamado “corpo dourado”. Temos como referenciais teóricos Patrícia H. Collins e a interseccionalidade, Giovana Xavier analisa beleza branca e beleza negra, Lucia Castro e Mirian Goldenberg discutem o culto ao corpo e a praia e Sergio Guimarães problematiza a democracia racial. Chartier reflete sobre representações, Beatriz Salo a história oral, Maria Celeste Mira discute o uso das revistas. As fontes são a revista Capricho, portadora de um forte apelo para a morenidade de sol, muito lida em Fortaleza e narrativas de mulheres que vivenciaram o período, frequentadoras da praia e leitoras da revista.

Palavras-chave: Gênero. Raça. Corpo. Beleza. Morenidade.



Redes interdisciplinares fomentadas pela História das Mulheres Negras

Marcelle D de Carvalho Braga (UFC), Jacqueline da Silva Costa (UNILAB), Dayane da Silva Moreira (UNILAB)

Resumo: O projeto de extensão “Lelia Gonzalez presente!”, desenvolvido pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) em parceria com a Universidade Federal do Ceará (UFC), promove a convergência de mulheres negras de diversos estados do país, através de ferramenta online, com objetivo de fomentar sua formação política e intelectual. A partir da discussão sobre história das mulheres no Brasil, aprofundamos questões referentes à historiografia, à história pública e dos movimentos sociais, intencionadas a problematizar as imagens de controle e as conformações identitárias impostas às mulheres pelo ensino descompromissado e pelas mídias. Com os diálogos, permeamos as interseccionalidades entre raça, gênero, classe e território, a fim de perceber seus atravessamentos nas subjetividades e experiências das mulheres participantes. O projeto interdisciplinar, que se encontra em seu segundo ano de implementação, tem atraído um público feminino diverso: profissionais da rede pública e privada de ensino e da saúde, mulheres engajadas em movimentos sociais, integrantes de ONG’s, movimentos estudantis, coletivos e em cargos públicos variados, além de graduandas e egressas da pós-graduação. Tais mulheres tem contribuído para a busca de espaços de compartilhamento de saber e de elaboração de formas de bem-viver em meio à sociedade capitalista, patriarcal e racista. Os resultados dos encontros promovidos por esse projeto vêm se estendendo sobre as pesquisas em curso de alunas brasileiras e africanas no Brasil, em várias graduações e pós-graduações, e na elaboração de metodologias e abordagens da temática no Ensino Básico e Superior, além de ativar as sensibilidades para as demandas femininas negras nos espaços públicos onde as outras diversas profissionais atuam.

Palavras-chave: Mulheres Negras. História. Interdisciplinaridade.

Wearing Where You’re at: Immigration and UK Fashion, de Sabrina Mahfouz: um ensaio complementar ao feminismo branco-ocidental

Mariana Soletti da Silva (PUCRS)

Resumo: O presente ensaio busca trabalhar questões do feminismo branco-ocidental no ensaio *Wearing Where You’re at: Immigration and UK Fashion*, de Sabrina Mahfouz, presente no livro *The Good Immigrant*, editado por Nikesh Shukla. De antemão, Nikesh Shukla, autor de *Brown Baby: A Memoir of Race, Family and Home*, nos diz que “the universal experience is white” (SHUKLA, 2021, p. ix). Dessa maneira, os autores que o seguem tratam da discriminação vivida por aqueles que são julgados ingratos ao não absoverem a cultura tida como padrão do lugar no qual moram, sendo taxados como “maus imigrantes” - aqueles que roubam os empregos dos verdadeiros cidadãos, que destroem a máquina pública ao receberem benefícios, aos refugiados. Mesmo conseguindo uma posição de destaque na sociedade, como o comediante Nish Kumar ou a escritora Sarah Sahim, os fantasmas da colonialidade não desaparecem tão facilmente. Logo, a partir dos textos de Françoise Vergès (2020) e Chandra Talpade Mohanty (apud BRANDÃO; CAVALCANTE, 2017), buscamos realizar uma reflexão perante como o Reino Unido do século XXI enxerga as particularidades da mulher não branca e muçulmana.

Palavras-chave: Feminismo. Feminismo Ocidental. Reino Unido. Imigração. *The Good Immigrant*.

Corpo-território: a resistência das mulheres sambistas no contexto paulista

Monique Rodrigues do Prado (USP)

Resumo: Com base no meu projeto "Samba de Dandara: A roda de samba como espaço de fortalecimento de redes de afeto", tenho como objetivo investigar as estratégias de mulheres negras para resistirem pelo samba, pois por meio dessa expressão elas inscrevem no imaginário coletivo mulheridades e tecem afetividades anti-coloniais fugindo de esteriótipos que tentam alocar essas vivências somente na escassez. Assim, à luz da circularidade e sobretudo através da oralidade típica da nossa negritude, durante o evento buscarei dividir o processo de escrevivência da minha dissertação, bem como compartilhar as múltiplas visões das entrevistas que estão inseridas no contexto paulista sob orientação metodológica da história oral.

Palavras-chave: Roda de Samba. Redes de Afetividades. Circularidade.

To Be Young, Gifted and Black: Militância negra e Encorajamento em Nina Simone (1960 - 1970)

Yhandê Aguiar (UFSC)

Resumo: Este trabalho visa verificar, a partir da análise de oito canções selecionadas, os aspectos da carreira de Nina Simone que contribuíram para a politização dos negros nos EUA nos anos 1960 e 1970. Nina Simone foi uma cantora de jazz que atuou entre 1950 e os anos 2000. Ficou conhecida como uma das vozes mais expressivas do movimento pelos direitos civis dos negros nos EUA. Entendendo que o estudo de sua trajetória pessoal e profissional mostra como ela foi impactada pelo seu contexto e como filtrou isso nas suas canções, busca-se olhá-la a partir da teoria interseccional e suas sociabilidades. Sendo suas canções o tema principal da pesquisa, sua música foi apreendida como fonte histórica primária indo além do discurso escrito de suas canções, já que sua performance e instrumentação também foram elementos importantes de sua mensagem. É possível perceber que as canções de Simone apontam para várias temáticas, sendo a crítica ao racismo e o encorajamento à beleza negra as mais exploradas na pesquisa. Ambas temáticas trazem uma perspectiva rica da diáspora africana nos EUA, já que buscou se conectar com questões políticas e culturais da libertação na África, o que lhe conferiu o tom global de seu trabalho.

Palavras-chave: Racismo. Interseccionalidade. Nina Simone. Movimento pelos Direitos Civis.



Simpósio Temático: Cuidados, Pandemia e Mulheres

Coordenação: Mateus Gustavo Coelho e Katharine Trajano

Família e Cuidado: A proteção à maternidade no período 2019-2021

Natali Sabrina Fatima Picolotto Zoletti, Nayara Cristina Bueno (UNICENTRO)

Resumo: A pesquisa tem como objetivo examinar a proteção à maternidade no Brasil no período de 2019-2021, através da descrição das políticas públicas de proteção à maternidade, do estudo da relação entre família e cuidados e as suas particularidades no contexto da pandemia de Covid-19 e da reflexão sobre a conciliação do trabalho remunerado, doméstico e de cuidados na vida das mulheres. A pesquisa é bibliográfica, documental e legislativa, com abordagem qualitativa e apoio de dados quantitativos. Através da presente análise, buscou-se mostrar como a configuração de cuidados, assim como os antagonismos entre homens e mulheres, reestruturaram-se junto às mudanças sociais. Desconstruindo assim a ideia do “mito do amor materno”, evidenciando como essa é uma construção social derivada de necessidades sociais e econômicas da época em que foi criada e então refletindo sobre como criar cidadãos é uma responsabilidade dos pais, da sociedade e do Estado e não somente das mulheres. De maneira interseccional, são evidenciadas as relações entre gênero, classe social e raça, no aumento da sobrecarga referente aos trabalhos não remunerados que são designados às mulheres. Foi realizado o estudo referente às leis de proteção à maternidade, conquistadas através de lutas ao longo do tempo, visibilizando tanto os ganhos quanto às perdas no que diz respeito aos direitos das mulheres. Também foi feito o recorte de como ficaram as gestantes e puérperas durante a pandemia de Covid-19, novamente sendo apontadas as especificidades de acordo com raça e classe social, de acordo com o Boletim Observatório Covid-19. O intuito é contribuir com o debate e o aumento da produção científica acerca da maternidade - desnaturalizando-a como intrínseca à mulher - e das políticas públicas de proteção à mesma, antes e durante o referido período da pandemia

Palavras-chave: Divisão Sexual do Trabalho. Gênero. Pandemia Covid-19. Maternidade. Cuidado.

Movimentos sociais e pandemia

Mateus Gustavo Coelho (UFSC)

Resumo: As manifestações ocorridas em decorrência do movimento #Elenão, foram as maiores manifestações de cunho feminista que ocorreram na história do Brasil, deixando evidente uma certa “popularização” do feminismo, de maneira geral, em diferentes camadas da sociedade brasileira. Este movimento que mobilizou milhões de pessoas a irem às ruas, para muitos era considerado como uma espécie de termômetro para o que seriam os anos vindouros dos movimentos sociais em nosso país. Mas, o que foi visto nos anos seguintes, foi uma diminuição massiva dos protestos de rua, gerando uma impressão de uma desmobilização por parte dos movimentos sociais, que foi acentuada ainda mais pela COVID-19. A partir desta sensação de desmobilização, nossa pesquisa nos leva a perceber que, na verdade, muitos movimentos apenas mudaram de cara, continuando suas atuações voltadas às pautas de necessidades mais básicas de nossa população. Muito além de uma impressão coletiva de desmobilização dos movimentos sociais em nosso país e de uma falta de movimentos de resistência contra o governo de Jair Bolsonaro, o que percebemos é que muitos movimentos continuaram com suas lutas, colocando em pauta as suas questões e trazendo para a discussão em nossa sociedade as consequências causadas pela pandemia. Sem a atuação direta destes movimentos, podemos imaginar que as consequências da pandemia no Brasil seriam ainda mais duras.

Palavras-chave: Feminismos. Lutas sociais. COVID-19. Solidariedade.



Produzindo contradiscurso: a prática de autocuidado nos grupos de mulheres do Recife

Danielle Goberto Bastos (UFRPE)

Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo analisar como as práticas de autocuidado nos grupos de mulheres são capazes de produzir um contra discurso, levando em consideração as emoções e as subjetividades das mulheres numa perspectiva interseccional e decolonial, entre os anos de 2000- 2021. O uso de epistemologias feministas fornecem condições favoráveis para a pesquisa e ensino de História das mulheres e do gênero, funciona enquanto esforço político para que os saberes das mulheres não acadêmicas sejam reconhecidos e que estas possam ser consideradas enquanto intelectuais produtoras de conhecimento. A análise a partir da interseccionalidade fornece diretrizes outras que permitem a compreensão do local social da mulher, a produção de conhecimento articulado ao lugar de enunciação, o entendimento das distintas iniquidades destinadas às mulheres, as consequências estruturais e dinâmicas de diferentes eixos. A partir do resgate de saberes se produz um discurso acerca do saber-fazer que as mulheres detinham e que eram passados entre as gerações, promovia o cuidado das mulheres e dos homens pobres, escapava aos saberes médicos e científicos. Tão eficaz ou mais que os conhecimentos medicinais sobre os corpos e os cuidados com ele.

Palavras-chave: Mulheres. Epistemologia Feminista. Cuidados.

A mulher e a mãe: reflexões sobre as novas demandas sociais do “eu” depois da maternidade

Ianne Paulo Macêdo (UECE)

Resumo: A presente comunicação apresenta os resultados parciais de uma pesquisa de doutorado em sociologia que destaca a experiência do parto e a construção da maternidade. Sobre o momento em questão, podemos inferir que na compreensão do senso comum é em primeira instância pensado tão somente como a chegada de um novo ser ao mundo. Embora, também seja isto, não se resume exclusivamente a esse fato. Ao usarmos os conceitos antropológicos, podemos pensar no sentido estrito do significado como um “ritual de passagem” que a mulher vivencia e que instantaneamente passa a ser atribuído a ela novas demandas, responsabilidades, comportamentos e ações socialmente impostas. Mas, se não forem não correspondidas, passam a ser os crivos e parâmetros para validar ou não a maternidade e a dedicação das mulheres para com seus filhos (diga-se de passagem: a anulação de sua identidade em detrimento do materno). Entretanto, a supervisão social não acontece com a mesma rigidez com a paternidade, no qual é encarada quase de forma optativa. Assim, levantamos o questionamento: o que sociedade espera de uma mulher que se torna mãe? Para responder, foi utilizado como percurso metodológico o trabalho etnográfico, com a aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas com mulheres/mães, além da revisão bibliográfica com autores das ciências humanas. Nesse sentido, o estudo tem o objetivo de discorrer sobre os marcadores sociais de gênero que são direcionados para as mulheres ao se tornarem mães. Portanto, visamos contribuir com as reflexões sobre a maternidade e os seus desdobramentos a partir do olhar socioantropológico.

Palavras-chave: Maternidade. Mães. Mulheres. Sociedade.



Oficinas de Bordado e Fofoca: tecendo uma herstory

Júlia Petiz Porto (IFSUL)

Resumo: Este artigo tem como objetivo investigar as oficinas de artes têxteis, denominadas Bordado e Fofoca, ministradas por mim desde 2020, explorando potência desses encontros na construção de saberes sobre essas técnicas manuais historicamente associadas ao feminino e na criação de espaços para o diálogo sobre os feminismos. No texto, teço reflexões sobre a minha prática de bordadeira-professora articulando minhas experiências às pedagogias feministas de Hooks (2013) e Sardenberg (2011) e ao trabalho artístico de outras mulheres que utilizam as artes têxteis como ponto de encontro, como as Sufragistas, as Arpilleiras e as Madres de Plaza de Mayo. As oficinas, compostas de uma parte teórica, onde esses conteúdos são desenvolvidos, e de uma parte prática, quando experimentamos com técnicas de bordado e costura à mão, são também momentos de encontro, escuta e acolhimento. Assim, proponho a contação de uma herstory, os seja, de uma outra história da Arte focada nas experiências femininas e feministas.

Palavras-chave: Arte Contemporânea. Feminismos. Arte Têxtil. Bordado. Oficinas.

O corpo fora do jogo: violências de gênero e resistências na dinâmica do torcer

Maíra Dutra de Oliveira (UFMS)

Resumo: O futebol é o esporte que mais movimenta sujeitos em prol de sua apreciação ao redor do mundo. É, também, uma importante indústria cultural, que perpetua normas pré-estabelecidas, potencializando problemas sociais, inclusos os étnico-raciais, de classe, gênero ou sexualidade. A arquibancada, tida como um lugar propício para o exercício da masculinidade cisheterossexual viril, é palco de disputas, que nem sempre se encaixam no roteiro da rivalidade das partidas. Essas disputas pelo local desembocam na aversão completa ao que é identificado como abjeto dentro da noção machocrata imperativa dos estádios de futebol, causando um afastamento de mulheres e de lgbtqia+ do esporte em questão, sendo esse espaço considerado um local hostil, dotado de violências simbólicas, verbais e físicas. No entanto, com o avanço de pautas progressistas, a imperatividade masculina hegemônica vem sendo constantemente contestada por grupos independentes de diferentes clubes do Brasil. A perspectiva do direito ao estádio e a identidade clubística são pautas levantadas com o intuito de incluir outros corpos na prática do torcer, garantindo espaços, que são de antemão negados por torcedores tradicionais. Assim, pretende-se analisar as violências de gênero estabelecidas dentro do ambiente futebolístico, suas associações com o torcer e as formas de resistência de sujeitos que não se enquadram na lógica do "macho" esperada pelo corpo hegemônico dos estádios.

Palavras-chave: Futebol. Gênero. Machocracia. Masculinidades.

Resistência e exílio: as freiras de Genebra diante da Reforma Protestante no Século XVI

Gislaine Machado (UFPR)

Resumo: Jeanne de Jussie foi uma freira do Convento de Santa Clara em Genebra, no século XVI, e foi testemunha ocular do crescimento inevitável da religião protestante na cidade, assim como presenciou os turbulentos momentos políticos que assolaram as autoridades. Estes eventos atingem a toda população, principalmente as freiras, símbolo da religião católica na cidade. As freiras procuraram diversas maneiras de reagir aos embates, buscando que este movimento religioso se institucionalizasse na cidade, dado que a Reforma limitava as mulheres a serem esposas e mães na sociedade protestante, desprezando o celibato e uma vida de adoração divina. Neste sentido, os conventos no século XVI significavam mais do que uma destinação religiosa para as irmãs, mas também um meio destas terem algum controle sobre suas vidas, algo que era raro para as mulheres na época. Assim, por intermédio da escrita, este importante meio de comunicação, elas buscam ferramentas e estratégias para lutar contra a crescente onda protestante, principalmente pelas correspondências trocadas com as autoridades. Seus escritos, posteriormente, seriam reunidos e reorganizados para que se tornassem um livro, intitulado "A Crônica Curta", um livro de memórias do convento de Genebra, para que as futuras irmãs se mantivessem fiéis à fé católica como outrora estas freiras também se mantiveram. Após ataques iconoclastas e invasões protestantes, as freiras decidem se exilar em Annecy, na França.

Palavras-chave: Escrita. Freiras. Reforma Protestante.

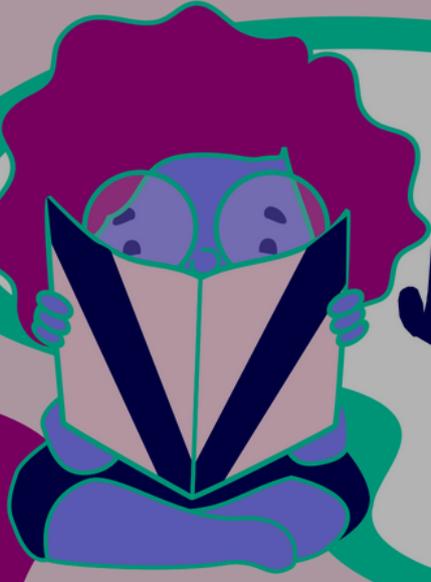
O lugar da Mulher: representações femininas dentro da religião cristã

Clara Maria Luna Varjão Schettini (UNICAP)

Resumo: Nesse trabalho farei um panorama sobre o apagamento que as mulheres sofreram ao longo da história e relações de poder, mais especificamente da religião cristã. As religiões fazem parte da estrutura das comunidades humanas desde o período conhecido como pré-história. Antes da criação de um sistema de escrita a espiritualidade, os cultos e o sobrenatural eram passados de uma geração para outra através da oralidade e tradições familiares. A posição social ocupada pelas mulheres durante séculos foi de submissão e propriedade do homem. Segundo Bourdieu (2020), o mais impressionante é como essa ordem consegue se perpetuar ao longo do tempo como algo "natural" apesar de ser visível suas injustiças e arbitrariedades. As justificativas biológicas que se colocam para essa dominação masculina se mostraram inconsistentes e contestáveis em vários momentos, mas ela parece dispensar justificção. Usando o exemplo de Auguste Lippelt, uma das primeiras pessoas que faziam parte de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias no Brasil, e outras mulheres, pretendo mostrar que muitas delas tiveram um papel importante e que contribuíram para o fortalecimento de suas denominações na região/país em que moravam apesar de serem menos conhecidas.

Palavras-chave: Gênero. História das Mulheres. Religião.

PESQUISA E ENSINO DE



JORNADAS DO LEQH

HISTÓRIA DAS MULHERES E DO GÊNERO



INSTITUCIONAL

